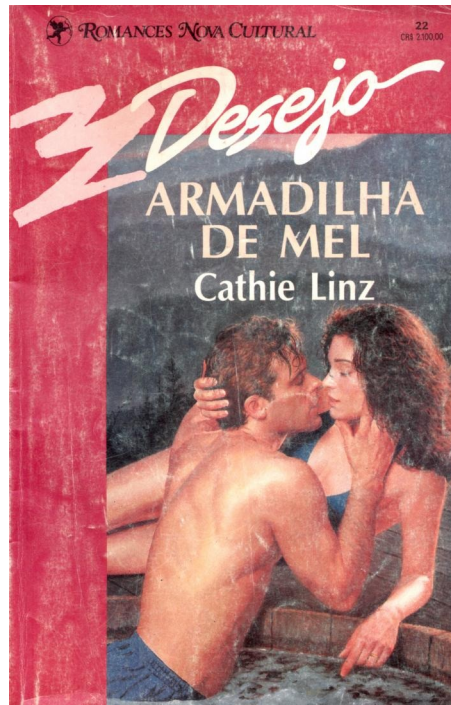


ARMADILHA DE MEL

Cathie Linz

Título original: MALE ORDERED BRIDE



PRIMEIRO O AMOR, DEPOIS O CASAMENTO...

Desde o momento em que Hillary Grant entrou em sua vida, Luke McCallister soube que essa mulher nascera para ele. Mesmo assim, abandonou-a para ir trabalhar fora do país. Agora, quatro anos depois, Luke quer reacender a ardente paixão que ambos viveram no passado, recomeçar um amor renovado e mais profundo, sem mágoas.

Hillary faria qualquer coisa para acabar com a perigosa briga entre as duas famílias, inclusive casar com Luke... Diz "sim" ao casamento, mas diz "não" a todo o resto! Será que esse falso casamento vai impedir que Hillary caia de novo vítima do charme e da sensualidade de Luke?

Digitalização: Simone Ribeiro

Revisão: Edith Suli

CAPÍTULO I



Hillary Grant levava anos para esquecer Luke McCallister. Estava certa de que havia conseguido. Até aquele momento.

Embora não esperasse que ele a recebesse de braços abertos, foi exatamente o que aconteceu. Afinal, ele não teve escolha, uma vez que os dois colidiram de frente.

Hillary acabara de colocar o pé no último degrau do trailer que servia de escritório da construção, quando Luke atravessou a porta para sair apressado. No momento em que a segurou nos braços, ela foi atingida pelo forte impacto físico e emocional. E como poderia ser diferente, quando seu corpo encontrava-se colado ao do único homem que havia amado? E pensara que Luke a amava também. Um erro que lhe custara muito caro.

Agora, tão perto dele, todos os sentimentos voltavam com força total. A paixão ardente, a alegria, a dor que se seguiu. Hillary foi tomada pelas lembranças boas e ruins, envolvida pelo calor familiar do abraço inesperado.

Aos dezesseis anos, ela o amara a distância. Aos vinte e um, com absoluta certeza. Luke fora seu primeiro e único amante.

Determinada a resistir à tentação de permanecer onde estava pelos próximos cem anos, Hillary afastou o rosto do peito largo e ergueu os olhos para fitá-lo. Teriam os olhos dele se tornado ainda mais verdes? Como ela pudera esquecer seu brilho? Notou as linhas que os cercavam, assim como à boca, que lhe proporcionara tanto prazer no passado.

Os cabelos castanhos de Luke caíam sobre sua testa. Embora estivessem em um canteiro de obras, ele não usava o capacete de segurança. Luke precisava de um corte de cabelo. Parecia mais velho.

Parecia muito bem. Parecia cansado. Ah, mas continuava maravilhoso!

Embora ainda fossem três horas da tarde, a barba já começava a escurecer-lhe o rosto. Examinando-lhe as feições másculas e angulosas, Hillary foi invadida pelo desejo de acariciá-lo, de sentir o contato excitante daquela pele bronzeada.

Chega! Pare com isso, agora mesmo, ordenou o recém-desenvolvido senso

prático de Hillary. Estava agindo como uma adolescente fascinada e faminta de sexo, fitando-o boquiaberta! Sem pensar, abriu a boca e pôs-se a falar com falsa alegria:

— Olá! Lembra de mim?

Grande começo, ela pensou irritada. Quem quer que ouvisse o cumprimento, jamais seria capaz de imaginar que ela havia ocupado o terceiro lugar na formatura de sua turma de direito... ou que havia freqüentado a faculdade... ou que fosse uma pessoa razoavelmente inteligente.

Não fora assim que planejara iniciar a conversa. Mas, também, não havia planejado ver-se nos braços de Luke.

— Claro que me lembro de você — ele murmurou, sem fazer menção de desfazer o abraço.

O som ligeiramente rouco de sua voz provocou um arrepio em Hillary. Luke sempre exercera aquele tipo de efeito sobre ela. Era perturbador descobrir que sua capacidade de afetá-la continuava tão intensa, mesmo depois de tanto tempo.

Ora, mas aquilo era ridículo! Não podia ficar ali parada, derretendo-se nos braços dele! Possuía dignidade e fora até ali com uma missão das mais importantes.

Depois de passar algum tempo fora da cidade, Hillary acabara de retornar a Knoxville e descobrir que seu pai e o de Luke haviam criado a maior inimizade do século. A rixa dos dois começava a assumir proporções exageradas e ela não podia simplesmente deixar as coisas como estavam. Não era o seu estilo. Possuía a inclinação natural para a ação. Fora por isso que decidira procurar por Luke na construção.

— Precisamos conversar, Luke. — A frieza de sua voz contrastava com a tensão quase palpável que os envolvia. — Podemos entrar um instante?

Aparentemente, Luke não tinha a menor disposição de soltá-la, pois não se moveu um centímetro.

— Entrar? — ele repetiu com sua voz sensual.

Imagens e lembranças eróticas invadiram a mente de Hillary. Eram

lembranças do tempo em que Luke vivia em seu coração e...

— Vamos entrar no trailer. Prefiro conversar lá dentro — esclareceu apressada, tentando escapar ao abraço. O movimento só serviu para intensificar a consciência de sua proximidade.

Hillary ficou imóvel, assim como Luke.

Os olhos verdes fixaram-se nos seus, com intensidade, como se pudessem ler seus pensamentos. O que seria uma catástrofe, dada a natureza das imagens que lhe ocupavam a mente.

Luke sorriu com indolência e imensa satisfação, saboreando o prazer de tê-la mais uma vez em seus braços. Ah, como era bom senti-la tão perto, a curva da cintura sob suas mãos, os seios a roçarem seu peito a cada vez que ela respirava.

Eletricidade, desejo e paixão. Luke foi invadido pelos três, enquanto a fitava.

Hillary estava ainda mais bonita. Sua pele continuava clara e perfeita como porcelana, realçada pelos olhos de um azul tão reluzente, que as pessoas chegavam a achar que ela usava lentes de contato. Mas não usava. Possuía o que Luke chamava de "olhos irlandeses".

Para felicidade de Luke, ela não cortara os cabelos escuros, como costumava ameaçar. Eles ainda caíam soltos e pesados sobre seus ombros. No passado, Hillary costumava queixar-se deles, dizendo que eram o fardo de sua vida. Luke replicava, afirmando que eram maravilhosos, enquanto enterrava o rosto em sua maciez, ao fazerem amor.

— Já faz muito tempo, Hillary — ele falou devagar.

— É verdade. E, agora, está na hora de me soltar — Hillary informou-o em tom seco.

— Por que a pressa?

Luke observou fascinado o brilho da raiva iluminar-lhe as feições expressivas. Hillary nunca fora boa em esconder suas emoções, ao contrário dele.

Desde criança, Luke aprendera a abafar qualquer tipo de emoção e

sentimento. Segundo sua experiência, tal comportamento só servia para enfraquecer um homem, torná-lo vulnerável, complicando sua vida.

Vira isso de perto, assistindo às brigas dos pais, ambos muito passionais. O que não era de surpreender, considerando-se que a mãe era siciliana e o pai, irlandês.

Após anos de explosões emocionais intermináveis, haviam finalmente se divorciado. O pai de Luke continuava sozinho, mas sua mãe havia se casado com um pacato contador e se mudado para a Flórida.

O casamento acontecera durante a ausência de Hillary. Muitas outras coisas haviam acontecido enquanto ela fazia o curso de direito. Só uma coisa não mudara: Luke ainda a queria com uma intensidade que ia além das palavras.

— Por que a pressa? — Hillary repetiu a pergunta entre dentes. — Não vim até aqui para brincar, Luke.

— Não? — ele teve a audácia de soar incrédulo.

Furiosa, ela tentou soltar as mãos dele de sua cintura. Porém, no momento em que seus dedos tocaram a pele quente, descobriu que cometera um erro. Conhecia aquela mão como a sua própria e teve de esforçar-se para manter o controle.

Então, lembrou-se de um detalhe bastante útil: Luke morria de cócegas. Bastaria um toque leve em suas costelas, para fazê-lo saltar. Fitando os atrevidos olhos verdes, Hillary não hesitou em usar tal conhecimento para ganhar sua liberdade. E funcionou. Luke soltou-a tão depressa, que ela quase caiu.

Ele voltou a puxá-la para si, desta vez prendendo-lhe os braços, a fim de impedir-lhe os movimentos.

— Você parece determinada a rolar escada abaixo — comentou divertido.

— E você parece determinado a dificultar as coisas.

— Ora, só tentei me defender. Foi você quem me fez cócegas.

— Fiz, porque você não queria me soltar!

— Não costumo cometer o mesmo erro duas vezes — ele falou em tom sugestivo.

Hillary recusou-se a questionar o que ele pretendia com aquelas palavras.

— Nem eu. Ambos aprendemos com os erros do passado. Agora, solte-me.
— Com um gesto da cabeça na direção da construção, acrescentou: — A menos que pretenda fazer uma cena e proporcionar algum divertimento a seus homens.

De súbito, Luke deu-se conta dos assobios e gargalhadas. Trabalhadores de construção não eram exatamente do tipo discreto e seus empregados não constituíam uma exceção à regra.

Soltou-a com relutância e lançou um olhar fulminante a seus homens. Não precisou pronunciar uma palavra, pois a expressão ameaçadora em seu rosto foi o bastante para fazer todos retornarem ao trabalho.

Quando voltou a olhar para Hillary, ela descera os degraus e o aguardava em terra firme.

A expressão de desconfiança com que ela o fitava provocou-lhe profunda irritação.

— Venha — chamou. — Vamos conversar lá dentro.

Hillary permaneceu imóvel por alguns segundos. Não havia imaginado que reagiria com tamanha intensidade àquele encontro. Seu corpo traidor implorava a proximidade de Luke, enquanto sua mente sugeria que fugisse dali bem depressa. No entanto, sua missão não lhe permitia obedecer a nenhum dos dois pedidos. Assim, respirou fundo e entrou no trailer.

— E então? — Luke falou, apanhando uma cerveja da pequena geladeira ao lado da mesa. — O que veio fazer aqui? Sentiu saudades?

Hillary considerou a pergunta uma afronta e lembrou-se do quanto sofrera quando ele a deixara, quatro anos antes.

— Não. Longe dos olhos, longe do coração — ela falou, tentando vingar o orgulho ferido.

— É mesmo?

— Sim.

Não queria que ele pensasse que havia voltado por causa dele, por ele ser o homem mais sexy que ela conhecera, ou porque havia tocado seu coração de

uma maneira que ninguém jamais o fizera. Sua presença ali não tinha nada a ver com Luke. Absolutamente nada!

— Engraçado — ele comentou pensativo. — Não tive a impressão de que me esqueceu.

— Aqueles que esquecem seus erros estão fadados a repeti-los. Foi por isso que não o esqueci, Luke.

— Vejo que sua língua continua afiada como antes. — Ele baixou os olhos para os lábios de Hillary com deliberação. — Será que... continua tão doce quanto antes?

— Nem pense em descobrir! — ela o advertiu.

— Não existe nenhuma lei que me impeça de pensar nisso, Hillary. Como advogada, devia saber.

— E você devia saber que seus comentários sugestivos não me agradam nem um pouco.

— Houve tempo em que você os apreciava. E muito.

— Isso foi há muito tempo. Muita coisa aconteceu desde então. E é exatamente por isso que estou aqui. Como pôde deixar que a situação chegasse a este ponto?

— No que me diz respeito, nada é tão complicado quanto parece

— Luke. falou com ironia. — Nem tão grave. Hillary fitou-o com olhar incrédulo.

— Não acredito! Como pode dizer uma coisa dessas?

— É fácil.

— E pensar que acreditei que você poderia me ajudar. Agora vejo que é tão ruim quanto seu pai.

Luke não achou graça. Embora muito ligado ao pai, orgulhava-se de não ser nem um pouco parecido com ele. A palavra moderação não fazia parte do vocabulário do mais velho, enquanto representava o lema do mais novo.

— Espere um instante...

— Não. Espere você. Como pode ser conivente com o que está se passando

entre aqueles dois?

— Acho que estamos falando de duas coisas diferentes.

— Do que você está falando?

— Do que acaba de acontecer entre nós dois, naqueles degraus lá fora —

Luke respondeu à queima-roupa.

Hillary esforçou-se para tratar o incidente como algo sem importância, em vez de um interlúdio íntimo e intenso, que a deixara de pernas bambas.

— Estou falando da inimizade entre meu pai e o seu — declarou.

— Ah, então é isso.

— Sim, é isso. Como estive fora da cidade, não sabia que a briga havia se tornado tão séria.

— Também passei muito tempo fora — Luke replicou, defendendo-se da insinuação de que ele deveria ter tomado uma atitude.

— Caso não tenha notado, agora sou dono de uma companhia de construção.

Assim que falou, Luke lembrou-se de que a mesma companhia fora o grande motivo de sua separação, quatro anos antes. Hillary não compreendera sua necessidade de conquistar sua independência pelo próprio esforço. E não aprovara sua decisão de aceitar um emprego muito bem remunerado no Oriente Médio, a fim de obter o dinheiro para estabelecer uma companhia só sua.

Ao contrário, ela o pressionara a pedir um empréstimo a seu pai, ou ao dela. Luke recusara-se a atendê-la. Então, haviam tido uma briga terrível e, uma semana depois, ele partira.

— Você e sua preciosa companhia! — Hillary exclamou, sem esconder a raiva.

Para ela, aquele assunto era um verdadeiro campo minado. O desejo de Luke de estabelecer sua própria companhia, à sua maneira, viera antes de tudo em sua vida, inclusive de seu relacionamento com ela.

Quatro anos antes, o relacionamento dos dois fora destruído, quando ele anunciara que havia assinado um contrato para trabalhar em uma construção no

Oriente médio, durante dois anos. E ainda havia a possibilidade do contrato se estendido para três. Luke não discutira a questão com ela antes de tomar sua decisão. Limitara-se a comunicar-lhe o fato consumado.

Hillary havia ficado estarecida. Não podia acreditar que ele fosse capaz de fazer algo que afetasse a vida de ambos, sem ao menos consultá-la. A menos que não planejasse partilhar o futuro com ela. Aquela possibilidade havia lhe partido o coração e arrasado sua confiança.

Além do mais, a atitude de Luke havia lhe despertado a dúvida sobre seus sentimentos. Embora ela houvesse declarado seu amor por ele várias vezes, ele jamais lhe dissera que a amava. Hillary sempre acreditara que ele partilhava os mesmos sentimentos, só não os verbalizava.

Agora, repensando os fatos, concluía que estivera se enganando. Como ele poderia amá-la e tratá-la como havia tratado? Quando tentou convencê-lo a não partir, Luke recusara a proposta de pedir ajuda ao pai dele, ou ao dela. Tiveram uma briga amarga:

— Você está me pressionando! — Luke gritara. — Pare de tentar me dominar!

— Muito bem! Vá para o Oriente Médio. No que me diz respeito, pode ir para o inferno, se quiser! — Hillary retrucara aos berros.

Ele saíra de sua casa e ela jamais voltara a vê-lo, até agora, quando a iniciativa de procurá-lo fora sua. Embora só houvesse retornado a Knoxville há pouco dias, Luke a teria encontrado se assim o desejasse. Era evidente que nem pensara nisso durante aqueles quatro anos.

Na ocasião, ele havia deixado suas prioridades muito claras. Hillary não fazia parte delas. E nada havia mudado.

— Bem — falou com falsa naturalidade, tentando se convencer de que já não sofria pela rejeição passada. — Agora que já tem sua companhia, creio que tem tudo o que sempre quis.

— Nem tudo — Luke replicou. — Ainda não. Certamente, queria ser o dono de uma grande empresa, com escritórios espalhados por todo o país.

Hillary pouco se importava.

— Enquanto você esteve ocupado com seus negócios, nossos pais estiveram tentando acabar um com o outro!

Notando a expressão cética no rosto de Luke, Hillary corrigiu-se:

— Bem, não falei no sentido literal. Até agora, os dois se restringiram ao campo dos negócios, mas quem sabe o que farão a seguir?

— Uma rivalidade saudável é fato comum no mundo dos negócios — Luke argumentou.

— Não vejo nada de saudável em um querer arrasar com o outro!

— É essa a intenção do seu pai?

— Não posso repetir as palavras que ele usou, mas acho que reproduzi a idéia. E quanto ao seu pai?

— A linguagem dele também não é das melhores.

Hillary podia imaginar. Lembrava-se de quando os dois eram amigos e sócios na empresa imobiliária. Shawn McCallister representava a força da companhia, enquanto Charles Grant, o cérebro. Ambos concordavam com tal divisão e obtinham muito sucesso com ela.

Filho de imigrantes, Shawn fazia o tipo trabalhador rude e, apesar do dinheiro que ganhara, seus modos não haviam sofrido maiores alterações.

A família Grani, por sua vez, tinha raízes no Tennessee desde os tempos da Revolução Americana. Sua mãe, nascida de uma família nortista, jamais conseguira adaptar-se aos hábitos do marido. Assim, quando Hillary tinha seis anos, seus pais haviam se divorciado e sua mãe a levava consigo para Chicago.

Todos os anos, Hillary passava o verão com o pai, em Knoxville.

Conhecera Luke logo depois de completar dezesseis anos e bastara um único olhar para apaixonar-se por ele de maneira irremediável.

Sofrera sua paixão platônica em silêncio, durante dois anos, fazendo o possível para impedir que ele percebesse seus sentimentos. Cinco anos mais velho, Luke limitava-se a brincar com ela, como faria um irmão, caso ela tivesse algum.

Os dois eram filhos únicos. Em suas fantasias de adolescente, Hillary dizia a si mesma que aquela era uma das coisas que tinham em comum. Quando, aos vinte e um anos, seu relacionamento com Luke tornou-se íntimo, descobriu que tinham muito mais em comum.

— Hillary? — Luke chamou, estralando os dedos diante de seu rosto.

Ela voltou a fitá-lo e falou, como se não houvesse sido surpreendida em meio a um devaneio:

— Como estava dizendo, acho que essa situação já foi longe demais. Meu pai desenvolveu uma úlcera e seu estado de saúde está se deteriorando. Tenho certeza de que a obsessão de arruinar o seu pai é a verdadeira causa de seus problemas.

— Está dizendo que meu pai é culpado pelo estado de saúde do seu? — Luke inquiriu.

— Não. Estou apenas dizendo que precisamos fazer alguma coisa para impedir que essa rixa continue.

— Concordo.

— Mesmo? — Hillary não esperava conseguir cooperação com tamanha facilidade.

— Inteiramente.

— Fico aliviada em saber. Para ser franca, estava nervosa por vir até aqui. Agora, estou contente por ter vindo.

— Eu também.

Muito contente, Luke acrescentou para si mesmo. Via-se diante da solução de todos os seus problemas. Agora que Hillary estava de volta, não a deixaria escapar por nada.

— Tem alguma sugestão sobre o que podemos fazer? — ela perguntou.

— Claro.

Eu também, mas pode falar. Qual é a sua sugestão?

— Muito simples: case-se comigo.

CAPÍTULO II

O que disse? — Hillary perguntou, certa de que compreendera mal.

— Case-se comigo.

Não se tratava de um pedido, nem de uma declaração de intenções. A frase soou parte comando, parte desafio.

Durante anos, Hillary havia desejado ouvir aquelas palavras de Luke. Mas não daquela maneira. Em suas fantasias, qualquer referência a casamento vinha sempre acompanhada de uma declaração de amor. Imaginara um interlúdio romântico, colorido por um imenso buquê de rosas. E haveria música, também. Tchaikovsky. Ela sempre tivera um fraco por Tchaikovsky.

E sempre tivera um fraco por Luke. Não estaria sendo honesta consigo mesma, se não admitisse que a sugestão a abalara profundamente. Era tudo o que sempre quisera, o que sempre sonhara: ser esposa de Luke.

— Deve estar brincando.

— Estou falando sério — ele assegurou com tranquilidade.

E foi justamente aquela tranquilidade que a trouxe de volta à realidade. O que estava fazendo? Revivendo o passado? O passado se fora há muito tempo. E se Luke pretendia fazer piada, ela não estava achando a menor graça.

— Deve estar louco! Não nos vemos há quatro anos.

— Faz tanto tempo assim? — ele murmurou em tom de provocação.

Para Hillary, foi a gota d'água.

— Se não vai me levar a sério, recuso-me a continuar esta conversa! — ela declarou.

Estava furiosa com a atitude arrogante de Luke. Como podia ter amado aquele sujeito insuportável?

Mal dera um passo, quando a mão forte segurou seu braço.

— Espere um minuto. Ainda não me contou seus planos. Afinal, sou um homem razoável. Estou disposto a ouvir o que tem a dizer.

Hillary retirou o braço da mão dele num gesto brusco. Fitou-o desconfiada, perguntando-se o que ele tinha em mente.

— Sente-se — ele a convidou, puxando uma cadeira para si mesmo.

Sentou-se ao contrário, como quem monta um cavalo, e apoiou o braço no encosto da cadeira. Mais uma atitude típica de Luke: fazer as coisas à sua maneira, mesmo em se tratando de algo simples como o ato sentar-se.

— Conte-me o que tem em mente — pediu.

Percebendo que ele estava mesmo disposto a ouvi-la, Hillary sentou-se na beirada da cadeira, ansiosa para apresentar sua sugestão.

— Em primeiro lugar, acho que devemos obter maiores informações sobre o que motivou a briga. Você sabe de alguma coisa?

— Não muito — ele respondeu, dando de ombros.

A atenção de Hillary concentrou-se imediatamente no peito largo e forte. Luke fizera parte da equipe de natação do colégio e o treino constante ainda se fazia notar em suas formas. Ela se recusou a pensar no resto daquele corpo e sentiu-se grata pelo fato do encosto da cadeira bloquear-lhe a visão. Já tinha muito no que pensar e não podia se dar ao luxo de perder-se nas lembranças dos músculos bem torneados, escondidos pela calça jeans.

Desviando os olhos, falou:

— Também não sei muita coisa. Para resolvermos o problema precisamos descobrir mais. Tentei conversar com meu pai, mas ele mudou de assunto. Quando fui procurar o seu, ele se recusou a me receber. Acho que, se juntarmos nossas forças, poderemos descobrir exatamente o que provocou essa briga ridícula. É esta a minha sugestão.

Usando a mesma expressão que lhe era tão útil nos jogos de pôquer, Luke fitou-a por um momento, como se considerasse a questão. Então, sacudiu a cabeça.

— Acho a minha idéia melhor. Hillary lançou-lhe um olhar furioso.

— Você nunca teve intenção de concordar com meu plano, não foi? Não precisa responder. Lembro-me muito bem de que esse é um traço da sua personalidade. Toma sua decisão a respeito de algo e, aconteça o que acontecer, ninguém é capaz de fazê-lo mudar de idéia. Por mais absurda que ela seja.

— Estou enganado, ou estamos falando de algo mais que a minha proposta

de casamento?

— Não foi uma proposta. Foi uma ordem. A mais impossível que já ouvi.

— Não vejo impossibilidade alguma — ele a corrigiu. — Pelo contrário: é muito prática. Somos os únicos filhos de nossos pais. Case-se comigo e a rixa dos dois terá um fim.

— Para seu governo, rixas familiares não terminam com casamentos. Os casamentos é que terminam por causa das rixas. Por acaso, não conhece a história de Romeu e Julieta?

— Pura ficção — Luke replicou, com um aceno de mão. — Na realidade, os casamentos arranjados para resolver rixas familiares e até algumas guerras, foram muito usados por grandes governantes ao longo da história.

— Dada a sua tendência ao autoritarismo, imagino que lhe agrade agir como os grandes governantes.

Luke ignorou o comentário.

— Se nos casarmos, meu pai e o seu terão de desistir da animosidade, pelo bem dos netos...

— Netos!

— Para salvar as aparências — ele continuou imperturbável — , vão se dar as mãos e dedicar suas energias a outros interesses. Quem sabe passem a jogar golfe?

— Você está maluco! A verdade é que casamentos só servem para aumentar as tensões familiares.

Luke franziu o cenho.

— Por que está dizendo isso? Esteve planejando casar-se com alguém?

— Não é da sua conta.

— Claro que é. Afinal, você é minha futura esposa.

— Não sou!

— Nesse caso, acho que não está verdadeiramente disposta a acabar com a tal briga ridícula.

— Estou sim e não me agrada sua insinuação do contrário.

— Veio me procurar dizendo que quer pôr um fim à rixa de nossos pais. Muito bem. Ofereci a solução: case comigo. Se não o fizer, não poderá me responsabilizar pelo que possa vir a acontecer. Essa briga pode assumir proporções ainda maiores — ele falou com ar sombrio.

Hillary não sucumbiria à chantagem emocional descarada.

— Prefiro correr o risco.

— Não seja teimosa.

— Teimosa?

— Afinal, não somos dois estranhos. Nos conhecemos com muita intimidade no passado — ele lembrou-a num tom de voz capaz de derreter um iceberg.

— Isso foi há muito tempo — ela retrucou.

— A química entre nós continua a mesma. Sei que você sentiu isso tanto quanto eu.

— Química nunca foi um bom motivo para alguém se casar.

— Trata-se de um motivo tão bom quanto qualquer outro — Luke retrucou e levantou-se.

— Já ouviu falar em casamento por amor? — ela inquireu, levantando-se em seguida. Não queria a figura alta e imponente pairando sobre ela.

— Casamentos por amor raramente dão certo.

— Ah, você deve ser um grande entendido no assunto!

— Digamos que eu conheça os erros de outras pessoas e não tenha intenções de cometê-los.

— Bem, pois eu não tenho a intenção de cometer o erro de me casar com você.

— Não será um erro. Deixe-me mostrar-lhe...

Luke tomou-a nos braços e beijou-a, antes que ela tivesse tempo para reagir.

Quando queria, Luke podia mover-se com extrema rapidez. E, também quando queria, podia beijar como nenhum outro homem na face da terra. A maneira como cobria os lábios de Hillary com os seus, acariciando-os com a

ponta da língua, acabava com qualquer resistência que ela pudesse forjar.

Apesar da passagem do tempo, não houve timidez ou desconforto. Ao contrário, a boca de Luke clamava a sua com paixão. Hillary sentiu-se envolver numa onda de desejo tão intensa, que a mente recusou-se a continuar funcionando.

Depois de tanto tempo privados do sabor e da proximidade de Luke, seus sentidos se apagaram, deixando-a indefesa contra o ataque sensual.

Ela e Luke combinavam com perfeição, como se houvessem nascido somente para aquele propósito. Os seios dela pressionavam-lhe o peito forte, seus quadris moldavam-se um ao outro, fundindo-se num só.

Ainda assim, o instinto de sobrevivência gritou alto: "Não! Não repita o mesmo erro! Lembre-se do que ele lhe fez no passado! Esqueça o prazer que sente agora, pois ele não tardará a terminar, deixando apenas sofrimento em seu lugar."

Hillary obedeceu à voz da razão. No passado, havia se derretido naqueles braços mas, desta vez, não o faria. Com grande esforço, empertigou-se e afastou-se.

A facilidade com que livrou-se do abraço indicou que Luke não esperava pela menor resistência de sua parte, o que a deixou ainda mais furiosa.

— Se pensa que pode recomeçar de onde parou, antes de partir para a sua aventura no Oriente Médio, está muito enganado! Não sou mais a garota ingênua que conheceu. Tenho minha carreira e minha vida. E nenhuma das duas inclui você. Não pode ordenar que eu me case com você. Não sei que tipo de trapanças você tem em mente, mas não conte comigo. Não vou me casar com você. Nunca!

— Não diga "desta água não beberei" — ele declarou ao vê-la girar nos calcanhares e sair do trailer, quase derrubando alguém que chegava.

Ao deparar com o olhar inquisitivo de Abe Washington, o mestre de obras, Luke sorriu e afirmou:

— Ela é louca por mim!

— Pois não parece! — Abe replicou com a simplicidade de um velho amigo. — Quem é ela?

— A mulher com quem vou me casar.

— Já contou isso a ela? Luke assentiu.

Abe sacudiu a cabeça.

— Agora entendo por que ela saiu com tanta pressa.

— Trata-se da solução perfeita, Abe. Lembra-se do telefonema que recebi daquele investidor escocês excêntrico?

— Aquele que disse que só faz negócios com homens casados, por considerá-los mais estáveis?

— Ele mesmo. Angus Robertson. Ele é a nossa última chance de salvar o projeto habitacional para aposentados.

— É uma pena que Cooley tenha ido à falência, deixando você na mão. Sei o quanto o projeto representa para a sua companhia.

— Não só para a companhia, mas para a população idosa. Com todas as construtoras dedicando-se a edifícios de alto padrão e condomínios fechados, nada está sendo feito por quem mais precisa de moradia. Esse projeto é excepcional em todos os sentidos. — Luke foi até a mesa e abriu uma grande pasta. — Veja só o que o arquiteto planejou. Tudo que os velhinhos precisam estaria aqui: supermercado, restaurante, médicos, lavanderias...

— Eu sei. Já me mostrou as plantas pelo menos uma dúzia de vezes.

— Sim, mas fiquei sem saber como realizar o projeto, depois que Cooley se retirou dos negócios.

— E, agora, encontrou a solução?

— Exatamente.

— Quais são os seus planos?

— Vou me casar com Hillary.

— Tão simples, assim?

— O casamento seria conveniente para ela, também. Existem algumas questões complicadas entre nossas famílias.

— Conheço esse tipo de problema — Abe comentou, tendo ele mesmo vindo de uma família grande e cheia de problemas.

— Eu sei — Luke concordou.

Os conflitos enfrentados por ele durante a juventude não eram nada se comparados à discriminação sofrida por Abe.

Haviam se conhecido numa construção no Oriente Médio e Luke gostara de imediato do negro de traços rudes e coração de ouro. Ficara mais que contente quando Abe concordara em assumir o posto de mestre de obras em sua companhia. Além de contar com um excelente trabalhador, Luke ainda tinha a sorte de tê-lo como amigo.

— Bem, o que essa mulher representa na sua vida? — Abe perguntou.

— Ela é a resposta para todos os meus problemas.

— Seus problemas são temporários. Por que não a contrata por algumas semanas, até que o escocês excêntrico assine a linha pontilhada e volta para sua terra?

— Não daria certo — Luke respondeu.

Além do mais, não queria fingir estar casado com Hillary. Queria tê-la como esposa. De verdade.

No fundo, Luke sempre pensara em procurá-la. Mesmo depois da separação, quatro anos antes, não deixara de acreditar que poderia tê-la de volta. Planejava procurá-la, assim que sua companhia atingisse a estabilidade necessária.

Porém, ela o procurara. Era como se o destino a houvesse depositado diante de sua porta, no momento em que mais precisava dela.

— Contou a ela por que precisa de uma esposa? — Abe inquiriu.

— Claro que não — Luke retrucou. — O que pensa de mim? Acha que sou um patife insensível?

— O que disse a ela?

— Que devemos nos casar.

— E deixou de fora a parte que inclui a necessidade de uma esposa por

motivos comerciais.

— Deixei essa parte de fora. — Luke recusava-se a sentir-se mal por seu plano. — Escute, Abe. Hillary e eu temos uma história. Da maneira como as coisas aconteceram... Esta é a melhor solução. Basta dizer que o que existia entre nós no passado não mudou.

— Parece que já tem tudo pronto na cabeça.

— É verdade — Luke concordou. — Agora, só preciso convencê-la.

Dias depois, Hillary ainda lamentava sua visita a Luke. Não era só a visita, ou o modo machista como ele a tratara, que a incomodava. O pior era lembrar-se dos efeitos daquele beijo inesperado.

Estava furiosa com Luke por tê-la beijado e consigo mesma por haver correspondido. No entanto, ainda se preocupava com o pai e os efeitos que aquela disputa infligia à sua saúde. Ele não parecia bem e não vinha agindo de maneira normal. Hillary ouvira suas discussões acaloradas ao telefone, quando ele acusara antigos clientes por haverem se passado para o lado de McCallister.

Tinha de fazer alguma coisa. Talvez Luke houvesse recuperado o bom senso àquela altura. Talvez o beijo e o comando para que se casasse com ele fossem sua maneira de vingar-se. Do que, ela não fazia idéia. Até onde podia se lembrar, fora ela a vítima na história.

Fossem quais fossem suas razões, quem sabe agora, que Luke conhecia seus sentimentos quanto à sua proposta de casamento, ele estivesse pronto a discutir planos alternativos. De preferência, razoáveis.

Valia a pena verificar. Daria mais uma chance a ele. Desta vez, porém, decidiu telefonar em vez de visitá-lo.

— Alô, Hillary. Ligou para dizer que vai se casar comigo? — ele perguntou à queima-roupa.

— Liguei para saber se já recuperou o bom senso — ela respondeu com frieza.

— Meu bom senso vai bem. Como vai o seu pai?

— Estou preocupada com ele.

— Já lhe ofereci a solução para o problema. A escolha é sua. Devia escolher o melhor e casar-se comigo.

O ultimato deixou-a furiosa.

— Será que não se incomoda nem um pouco pelo fato de eu não querer me casar com você?

— Sei muito bem o que quer. Você me quer, Hillary. E eu quero você.

— Já lhe ocorreu que posso querer uma relação baseada em algo mais que puro desejo?

— Ninguém consegue tudo o que quer da vida.

— Acenou, Luke. Você não pode ter tudo o que quer, pois não pode ter a mim.

Hillary bateu o telefone com mais força do que seria necessária. Luke fez uma careta do outro lado.

— E então, companheiro? Como vão as coisas com a sua futura esposa? — Abe perguntou com um largo sorriso, depois de haver ouvido parte da conversa. — Já convenceu a moça a dizer "sim"?

— É só uma questão de tempo — Luke respondeu ao recolocar o fone no gancho.

O sorriso de Abe desvaneceu e sua expressão tornou-se séria.

— Você não tem muito tempo. Angus Robertson chegará a Knoxville em menos de duas semanas.

— Hillary vai se casar comigo — Luke afirmou em tom autoritário. — Muito antes de Robertson chegar. Pode contar com isso.

Hillary sentia-se grata por haver se permitido alguns dias de folga, antes de assumir seu cargo de advogada na Organização de Defesa do Consumidor. Mesmo assim, sentia-se ansiosa para iniciar seu novo trabalho pois seria uma mudança interessante para sua carreira, além de apresentar-lhe a oportunidade de fazer o bem a muita gente. No entanto, não faria bem a ninguém se aparecesse para trabalhar no estado em que passara os últimos dias. Mesmo agora, em meio à festa de boas vindas que seu pai organizara, continuava lamentando seu

encontro com Luke. A conversa por telefone não a ajudara a afastá-lo de seus pensamentos. Ao contrário, sentia-se ainda mais furiosa com ele e com seu ultimato.

— Aí está você — Charles Grant falou, ao juntar-se a ela no terraço. — Estão todos à sua procura. Esqueceu que é a convidada de honra?

— Eu sei. Vim apenas tomar um pouco de ar fresco.

Ao olhar para o pai, Hillary sentiu a velha pontada em seu coração. Apesar de ser um homem apresentável, Charles jamais voltara a casar-se depois do divórcio. Em consequência disso, ela desenvolvera um senso de responsabilidade para com ele, muito maior que o usual em uma relação entre pai e filha. Tal sentimento se tornara ainda mais intenso, depois que ele entrara na casa dos sessenta.

— Você está pálido, papai — comentou. — Tem certeza de que está bem?

— Estou bem, agora que você voltou — ele sorriu e lhe deu um abraço. — Mas, se pudesse destruir aquele maldito Shawn McCallister e pulverizá-lo da face da terra, então ficaria feliz. Sabe o que o miserável teve a audácia de fazer, hoje? Roubou mais um de meus clientes. É a quinta vez que faz isso este ano. Mas vou me vingar. Espere e verá o que vou fazer com aquele...

Percebendo-lhe a agitação, Hillary apressou-se em interrompê-lo:

— Tanto nervosismo só pode piorar sua úlcera. Acho melhor mudarmos de assunto. — Vendo a expressão de dor em seu rosto, perguntou: — O que foi?

— Nada. Apenas uma pontada no estômago.

— Trate de se sentar aqui — ela ordenou, instalando-o em uma das cadeiras confortáveis do terraço. — Vou entrar e chamar o dr. Bailey.

Dez minutos depois, Hillary assistia ansiosa, enquanto o dr. Bailey tirava a pressão de seu pai. Haviam se fechado na privacidade do escritório de Charles, onde ele escondia os charutos que não devia fumar, bem como o *bourbon* que não devia beber.

Segurando Hillary pelo braço, o médico afastou-se do paciente, que resmungava sobre o incômodo de abotoar a roupa de novo.

— Como está ele? — Hillary perguntou com voz preocupada.

— Poderia estar melhor. A pressão sangüínea está elevada e a úlcera ainda lhe provoca dores, apesar da medicação que receitei. Estou preocupado com seu pai,

— Eu também.

— A briga ridícula que ele insiste em levar adiante com McCallister não está ajudando sua saúde em nada. Isso tem de acabar — dr. Bailey declarou.

— Cuidarei disso — Hillary replicou, sabendo exatamente que devia fazer.

Já passava da meia-noite quando os convidados se retiraram e Hillary subiu para seu quarto. Embora estivesse precisando de uma bebida, precisava ainda mais da cabeça fria para o que faria a seguir. A linha telefônica em seu quarto era particular. Ela apanhou o fone, discou o número para informações e pediu o número do telefone da casa de Luke.

Discou e esperou. Ouviu o primeiro toque, o segundo...

— Alô? — Luke atendeu.

— Muito bem — ela falou com objetividade — , aceito me casar com você.

CAPÍTULO III

Tente não parecer tão feliz, Hillary — Luke murmurou em tom de zombaria.

— Não gosto de obedecer ordens.

— Vai gostar de obedecer esta — ele prometeu com voz sensual.

— Não acho provável.

— Nossa, por que tamanho bom humor?

— Você venceu. Já disse que vou me casar com você. O que mais espera?

Luke esperava muito mais. Queria tê-lo na cama a seu lado, deslizar as mãos pelo corpo macio, beijar-lhe os lábios carnudos... Em breve. Não teria de esperar muito, agora.

— Precisamos conversar — Hillary anunciou com voz fria.

— Pode falar — ele disse em meio a um bocejo.

— Desculpe, mas pensei que estávamos discutindo algo importante.

— E é importante. Assim como dormir. Só consegui me deitar há uma hora e tenho de chegar à construção dentro de quatro horas. Gostaria de dormir um pouco antes disso.

Hillary sentiu-se culpada. Esquecera-se de que ele certamente teria de acordar cedo no dia seguinte.

— Bem, podemos conversar amanhã.

— Certo. Só não vá mudar de idéia — ele advertiu.

— E se mudar?

— Terei de ir atrás de você e fazê-la voltar atrás.

— Gostaria de ver isso — ela murmurou para si mesma.

— O que disse?

— Disse que discutiremos o assunto amanhã.

— Não discutiremos, Hillary. Nós resolveremos.

Hillary ignorou o tom sugestivo com que ele pronunciou as palavras.

— Encontro você amanhã. Será melhor decidirmos isso pessoalmente.

— Fico satisfeito que concordemos em alguma coisa. Vá ao trailer da

construção por volta do meio-dia. E, Hillary...

— O que foi?

— Pare de se preocupar. Tudo vai dar certo.

— Tem certeza de que nosso plano vai funcionar? — Hillary perguntou, ao chegar ao trailer de Luke no dia seguinte.

— Confie em mim.

— Não é fácil — ela retrucou.

— Trate de aprender.

— Antes disso, quero deixar uma coisa bem clara. Só estou fazendo isto para poupar meu pai de maiores aborrecimentos. Sua saúde não agüentaria.

— Está fazendo o que é certo — Luke garantiu.

— Espero que sim — Hillary falou em tom de dúvida.

— Você se preocupa demais.

— E você se preocupa de menos.

— Nesse caso, juntos, encontraremos o equilíbrio perfeito.

Na opinião de Hillary, juntos eles poderiam encontrar o desequilíbrio perfeito. A química entre os dois era intensa demais para ser ignorada. Por isso, ela precisava de uma dose extra de proteção.

— Trouxe um documento para você assinar — anunciou. — Trata-se de um contrato pré-nupcial que protege as propriedades de cada um de nós. — Apontando diferentes parágrafos, explicou: — Aqui, abro mão de qualquer direito sobre o que é seu. Aqui, a pensão que recebo de minha mãe fica garantida.

— Não estou me casando pelo seu dinheiro — Luke resmungou, antes de apanhar a caneta e assinar o contrato.

— Nem eu — ela declarou, assinando o nome sob o dele em todas as cópias.

— Ótimo. — Luke atirou sua cópia dentro de uma pasta e fechou-a. — Agora que já resolvemos esse detalhe...

— Por que consulta o relógio a todo momento? Estou atrapalhando alguma

coisa? — Hillary perguntou irritada. — Precisa ir a algum lugar?

— Na verdade, preciso. — Ele a puxou pela mão. — E você vem comigo.

— Espere um pouco! — ela ordenou em vão. Luke jamais se dispusera a obedecer quem quer que fosse. — Para onde vamos? — Hillary inquiriu, enquanto ele a arrastava para a sua camionete azul.

— À prefeitura — ele respondeu, abrindo a porta para ela.

— Para quê?

— Precisamos da licença para o casamento. Depois, iremos até Gatlinburg.

Embora a cidadezinha situada ao pé das Smoky Mountains ficasse a apenas uma hora dali, Hillary fitou-o como se ele a houvesse convidado para uma excursão pelo Himalaia.

— Não tenho tempo para passear em Gatlinburg — protestou. — Começarei a trabalhar dentro de três dias e preciso tomar uma série de providências antes disso.

Ignorando-lhe os protestos, Luke segurou-a pela cintura e instalou-a no banco do passageiro. Em vez de solta-la de imediato, demorou as mãos de encontro ao corpo dela, os dedos roçando de leve em suas curvas.

— Você tem mesmo muitas providências a tomar — falou. — Casar-se comigo é uma delas. Hillary empertigou-se.

— Do que está falando?

— De nós dois. Do nosso casamento. Em Gatlinburg. Hoje. Ela teve de esforçar-se para ignorar as mãos que pressionavam sua cintura, bem como os dedos que passeavam de um lado para o outro, rente à curva de seus seios.

— Hoje? Esta brincando!

Luke só respondeu depois de dar a volta à camionete e sentar-se ao volante:

— Você me ofende — falou com ar de fingida indignação. — Não sei de onde tirou a idéia de que não levo nada a sério. Sugeri que nos casássemos e...

— Sugeri?

— ... e você perguntou se eu estava brincando. Tomo todas as providências para o nosso casamento na capela de Gatlinburg, onde a cerimônia já foi

contratada, e você acha que estou brincando de novo. — Baixou os olhos para as pernas longas e bem torneadas e passou um dedo pela bainha da saia curta. — Parece que terei de fazer alguma coisa para provar a você o quanto estou levando tudo isto a sério, Hillary.

— Não se incomode com isso — ela advertiu, recuando diante da promessa sensual nos incríveis olhos verdes.

Hillary conhecia aquele olhar e sabia exatamente o que passava pela cabeça de Luke.

— Não será incômodo algum. Ao contrário, será um prazer. Para mim e para você.

Ela ignorou a provocação e perguntou em tom de suspeita:

— Por que a pressa para nos casarmos?

— Por que esperar? Por acaso, estava pensando em uma grande cerimônia?

— Não estava pensando sequer em me casar.

— É por isso que vamos fugir. Não será romântico?

Hillary sabia exatamente a extensão do romantismo que viria. E tomara precauções para se proteger. Assim, por que esperar?

— Tem razão. Acho que podemos resolver isso de uma vez — disse, pensando que jamais imaginara que se referiria ao próprio casamento como um compromisso qualquer, como ir ao dentista ou ao supermercado, que desejasse resolver de uma vez por todas.

Mas não estava falando de um casamento comum. Tratava-se de um casamento de conveniência, combinado para resolver problemas familiares, não para satisfazer os desejos do coração.

— Seu entusiasmo é contagiante — Luke comentou com sarcasmo ao dar a partida no motor. — Farei um esforço para não deixar que me suba à cabeça.

Ao notar-lhe o olhar zombeteiro, Hillary sentiu o impulso de esbofeteá-lo. O que não representava um bom começo para um casamento.

— Seu ego não precisa de afago — comentou com acidez.

— Outras partes de mim precisam — ele falou com um sorriso malicioso.

Luke estaria pensando que ela se atiraria em seus braços com facilidade? Só porque o beijara e quase derretera na primeira vez em que haviam se encontrado? Ora, todo ser humano tinha direito a um momento de insanidade, um momento de fraqueza. Depois disso, bastava tomar medidas de precaução contra uma recaída.

E fora exatamente o que Hillary fizera. O documento em sua bolsa garantia-lhe certa proteção. Se aquele plano, por falta de palavra melhor, falhasse, contaria com outras opções. Faria tudo para atingir seus objetivos, mas não se deixaria envolver emocionalmente com Luke de novo. Cometera o erro uma vez e levaria anos para se recuperar. E, pelo menos, gostava de acreditar que havia aprendido sua lição com o passado.

No momento, porém, estava mais preocupada com seu futuro do que com o passado.

— Não acha que deveríamos discutir alguns detalhes práticos que dizem respeito ao nosso casamento? Como onde vamos morar, por exemplo? Estive pensando sobre isso e acho que o melhor seria morarmos com meu pai, ao menos no início.

Foi a vez de Luke duvidar:

— Está brincando?

— De maneira alguma. Como sabe, estou muito preocupada com a saúde dele — Hillary declarou. — Não posso simplesmente mudar e deixá-lo completamente sozinho.

— Terá de deixá-lo mais cedo ou mais tarde. Ou está planejando viver com seu pai eternamente?

— Não seja sarcástico — ela falou entre dentes. — Onde sugere que moremos? Se o conheço, deve estar vivendo em um apartamento minúsculo, pois não quis gastar dinheiro em um lugar maior, onde passaria poucas horas do dia. Prefere investir tudo o que tem na sua preciosa companhia.

— Encontraremos um outro apartamento — ele decidiu, irritado pelo fato dela haver acertado nas conclusões sobre seu estilo de vida.

— Enquanto estivermos procurando, moraremos na casa de papai.

Temporariamente.

— Já conversou com ele a respeito? — Luke inquiriu.

— Não — ela admitiu. — Ele ainda nem sabe que vamos nos casar. Não seria fácil discutir sua mudança para lá. Mas estou certa de que não haverá qualquer problema. A casa é enorme.

Disso Luke se lembrava com clareza. Visitara a residência dos Grant várias vezes enquanto seus pais haviam sido sócios. A grande construção de tijolos, em estilo georgiano, situava-se em Sequoyah Hills, um dos bairros mais prestigiados de Knoxville. Era mesmo bastante espaçosa e, além do mais, sua permanência ali seria temporária.

— Meu pai ocupa a suíte principal no andar térreo e há outras três suítes do andar superior — Hillary acrescentou.

— E partilharemos uma delas — Luke apressou-se em lembrá-la. — A menos que deseje que seu pai desconfie que nosso casamento não é o que parece ser.

— Claro que não quero que ele suspeite de nada. Isso só serviria para deixá-lo preocupado, justamente o que estou tentando evitar. E você vai me ajudar nisso, certo? Pode me dar sua palavra?

— Antes dessa briga ridícula começar, seu pai e eu nos dávamos muito bem. Tenho certeza de que voltaremos a ser amigos.

Luke sabia que a família era muito importante, tanto para o pai de Hillary, quanto para o seu. Nenhum dos dois faria qualquer coisa para magoar um ente querido. E, uma vez casados, Hillary passaria a fazer parte de sua família e Luke da dela.

Sim, aquele casamento era definitivamente uma solução prática e lógica, do tipo que Luke mais gostava. E prometia resolver não só o problema familiar, como também as exigências excêntricas de seu futuro investidor. E, por fim, traria Hillary de volta a seus braços, onde sempre fora o seu lugar.

— Devemos encontrar um meio calmo e tranqüilo de informar meu pai de

que nos casamos — Hillary estava dizendo.

— Fácil. Basta dizer-lhe que, a partir de agora, você é problema meu.

— Nunca fui o problema dele! Seu pai sim, é o problema!

— Meu pai não vai mais ser problema — Luke afirmou confiante. —

Diremos a mesma coisa a ele: que sou seu problema, agora. Tudo vai dar certo.

Hillary não parecia convencida.

— Esta é a melhor maneira em que consegue pensar? — perguntou.

— O que você quer?

— Um pouco de compaixão... um pouco de simpatia.

— Pois tenho toneladas de compaixão e simpatia.

— Prove.

— Como posso prová-lo?

— Sugira uma maneira simpática e cheia de compaixão de contar a meu pai que nos casamos.

— Nós nos amarramos — Luke proclamou, lançando-lhe um olhar cheio de expectativa.

Ela não se mostrou impressionada.

— Só isso?

Luke tentou de novo:

— Roubei sua filha para facilitar sua vida.

— Quanta sensibilidade!

— Se é sensibilidade o que deseja, que tal esta: "Sr. Grant, sou louco por sua filha e passarei o resto de minha vida fazendo tudo para que ela seja feliz".

— O tom em que Luke pronunciou as palavras produziu um efeito quase mágico sobre Hillary, levando-a a acreditar que estava sendo sincero. Até ele se virar com um sorriso maroto. — Melhor agora?

Ela assentiu e olhou pela janela. Era uma pena que ele não houvesse dito a verdade.

De todas as vezes em que Hillary imaginara o próprio casamento, jamais lhe ocorrera que esperaria por sua vez numa fila. Também não lhe passara pela

cabeça que o sósia de Elvis Presley estaria à sua frente, acompanhado por uma banda mexicana. Mas estavam ali e eram reais.

— Não conseguimos decidir que música queríamos para nosso casamento — a exuberante noiva confidenciou a Hillary. — Então, chegamos à conclusão de que devíamos nos casar e pedir que tocassem algo que refletisse o meu gosto e o dele. Será como um símbolo da nossa união.

Hillary pensou que, se o imitador de Elvis cantando ao lado da banda mexicana era o símbolo daquela união, ali estava um casal fadado à infelicidade.

— Acha que meu vestido é muito... — fez um gesto flutuante com a mão. — Acha?

— Não. As rendas combinam perfeitamente com suas tatuagens de serpentes — Hillary respondeu de pronto.

A moça sorriu satisfeita.

— Obrigada.

— De nada — Hillary falou com um sorriso, embora começasse a enfrentar sérios problemas.

O barulho estava lhe provocando uma forte dor de cabeça. Além disso, seu estômago ameaçava revoltar-se pelo nervosismo excessivo. Quando Luke se aproximou, ela o puxou para um canto e sussurrou:

— Talvez devêssemos marcar outra hora.

Como o pretenso Elvis acabara de atingir um agudo, Luke não pôde ouvir uma palavra.

— O que disse?

Hillary viu-se obrigada a chegar tão perto de Luke, que seus lábios quase lhe tocavam a orelha.

— Talvez devêssemos casar num outro dia! — ela gritou. Luke virou-se de repente e, antes que Hillary compreendesse o que estava acontecendo, seus lábios encontravam-se a poucos milímetros de distância.

— Devemos nos casar agora!

Ele não falou mais alto do que ela acabara de fazer. Infelizmente, uma breve

pausa na música tornou a declaração pública para todos os presentes no recinto.

Ao sentir todos os olhos sobre si, Hillary teve vontade de desaparecer.

— Que noivo impaciente, não? — um engraçadinho comentou em voz alta.

O olhar fulminante que Luke lhe lançou fez o homem recuar.

— Desculpe — murmurou sem jeito.

Felizmente, a porta da capela se abriu e alguém anunciou que o reverendo estava pronto para iniciar a cerimônia do primeiro casal.

— Seremos os próximos — Luke informou-a, assim que se viram sozinhos no saguão. Notando a maneira como ela se afastava dele, acrescentou: — Não está nervosa, está?

— Eu seria louca se não estivesse — ela respondeu.

— Nesse caso, devo estar louco.

— Não está nervoso?

— Não.

— Deve ser ótimo sentir-se tão seguro de si — ela replicou com irritação.

— Trata-se de um talento divino — Luke concordou em tom solene. Então, observou-a por um instante e exclamou: — Eu vi!

— Viu o quê?

— Você sorrir. Foi a primeira vez em que sorriu hoje.

— Tem de admitir, Luke, que a situação não é nada engraçada, nem este casamento é normal.

— Comparado a quê? — ele inquiriu. — Acha que o casal à nossa frente está fazendo um casamento normal? Pelo menos, não misturamos Elvis Presley com música mexicana!

— Também não temos alianças — Hillary censurou-o, omitindo o fato de só haver pensado em tal detalhe naquele momento.

— Já cuidei disso — Luke informou-a.

— Quando?

— Hoje de manhã, antes de nos encontrarmos. Tenho a licença para o casamento e as alianças bem aqui — bateu no bolso interno do paletó que vestira

em homenagem à ocasião especial. Usava também a gravata que Hillary lhe dera de presente, antes de haverem se separado. — Está tudo sob controle. Portanto, pare de se preocupar.

— Alguém tem de pensar nos detalhes — ela murmurou impaciente.

— Temos muito mais que a maioria dos casais, Hillary — Luke assegurou-a.

— Do que está falando.

— Não só nossa química funciona, mas também temos uma história.

— Que eu preferia esquecer.

— Nosso relacionamento era bom no passado. Tenho certeza de que voltará a ser bom agora.

Se havia sido tão bom, por que ele a abandonara quatro anos antes? Embora desejasse, Hillary não perguntou. Algumas coisas não deviam ser questionadas. Além disso, desta vez tudo era diferente. Ela estava entrando naquela relação com os olhos bem abertos, e não turvados por ingênuos sonhos dourados.

Já não era mais a adolescente apaixonada por Luke. Não. Era uma advogada competente, buscando a solução de problemas familiares. Tinha como obrigação fazer algo para acabar com a briga inútil. O incidente com seu pai na véspera, durante a festa, só servira para acentuar tal necessidade. Por outro lado, havia uma rivalidade tão intensa quanto a que existia entre seu pai e o de Luke, que merecia igual atenção.

Concluiu que casar-se para salvar a família era uma atitude grandiosa. Por mais que desejasse negar, havia até um elemento de romantismo naquilo. Disse a si mesma que deveria cuidar para não ser levada pela ilusão quixotesca, o que não seria fácil para alguém que gostava tanto de sonhar.

Teria de esforçar-se. Sabia que era capaz de atingir seus objetivos. E não permitiria que ninguém a ferisse.

A reflexão deu resultado. Quando seu nome e de Luke foram anunciados, Hillary estava pronta... ou quase pronta.

Mais tarde, Hillary não seria capaz de lembrar-se da cerimônia em si.

Certamente repetira suas falas de maneira apropriada, pois só recordava as palavras finais do reverendo: "Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva."

Antes que ela pudesse refletir sobre o fato de estar casada e da situação ser mesmo real, Luke inclinou-se para beijá-la. A realidade tornou-se ainda mais distante. Enroscando os dedos em seus cabelos, acariciando-lhe a nuca, ele a manteve cativa, tanto da sedução de seu beijo, como da promessa íntima em seus olhos.

Tal promessa foi a última visão de Hillary, antes que fechasse os olhos. Assim que sentiu os lábios de Luke tocarem os seus, a capacidade de raciocinar escapou-lhe. Estar de volta aos braços dele era como passear pelo paraíso.

Ao sentir os braços fortes a envolvê-la, deixou que a magia tomasse conta de seu ser. Já não sabia onde estava e nem mesmo quem era. Só sabia que aquele era o seu lugar, de onde jamais deveria ter saído.

Um momento depois, tudo havia terminado e o reverendo os cumprimentava. Hillary tentou não demonstrar a confusão que sentia.

— Parabéns! — disse o reverendo. — Peço desculpas pela comoção causada pela cerimônia anterior. Geralmente, marcamos horários separados, mas seu marido disse que queriam se casar o mais breve possível...

— Não foi nada — Hillary assegurou-o sem convicção, dando-se conta pela primeira vez, de que carregava um buquê nas mãos.

Lembrava-se vagamente de tê-lo recebido ao entrar na capela. E agora? O que devia fazer com ele? Não havia damas de honra ou mocinhas solteiras e ávidas para apanhá-lo.

Enquanto Luke a arrastava apressado para fora da capela, o reverendo gritou às suas costas:

— Boa sorte para vocês!

Hillary refletiu que precisariam de toda a sorte que pudessem conseguir. Assim que se viram na rua, murmurou atordoada:

— Nós conseguimos! Estamos casados.

Os pensamentos que cruzaram a mente de Luke provocaram-lhe um sorriso. Estavam mesmo casados. E ainda havia muito o que fazer. Mas teria de ir devagar. A expressão atônita no rosto de Hillary indicava que um gesto apressado poria tudo a perder.

Como já esperasse por isso, Luke não fizera nenhum plano formal para o resto do dia. Seu único objetivo agora era fazer Hillary relaxar e sentir-se à vontade.

Assim, perguntou:

— Lembra-se da última vez em que viemos a Gatlinburg?

Ela assentiu. Como poderia esquecer? Ainda guardava a fotografia que haviam tirado, vestidos de vaqueiros, no fundo de uma gaveta.

— Claro que me lembro — murmurou, — Mas já faz muito tempo.

Luke deu-se conta de que uma viagem romântica pelos caminhos da memória não seria uma boa escolha. Teria de usar de sutileza.

— E lembra-se de quando fomos ao fliperama e eu ganhei todas de você?

— Fui eu quem ganhou todas! — ela retrucou.

Ele riu.

— Está sonhando!

A melancolia que obscurecera o olhar de Hillary deu lugar ao brilho do desafio e seu rosto iluminou-se.

— Quem sonhou com a vitória foi você!

— Só há uma maneira de resolver este impasse — Luke declarou. — Desafio você a uma revanche.

— Aceito.

Satisfeito pelo rumo que as coisas tomavam, Luke sorriu. Estava louco de desejo por Hillary e, embora disposto a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para garantir uma inesquecível noite de amor, mal podia esperar pelo momento de tomá-la nos braços.

Hillary passou suas primeiras horas como sra. McCallister derrotando o marido nos jogos de vídeo game.

O fliperama encontrava-se repleto de gente, a maioria com menos de vinte e um anos. Porém, todos possuíam algo em comum: tinham os olhos fixos nas telas coloridas, onde galáxias inteiras eram salvas ou erradicadas do universo.

O jogo que escolheram era uma mistura de monstros e magias, que requeria sorte e uma excelente coordenação entre os olhos e as mãos. Hillary excedia de longe as capacidades de Luke naquele particular.

Depois de perder mais uma partida, Luke sugeriu:

— Vamos fazer uma melhor de três.

— Já jogamos quatro partidas e ganhei todas elas — Hillary replicou.

— Pode ser que eu estivesse deixando você ganhar de propósito, só para fazê-la sentir-se confiante.

— Claro — ela falou ironia.

— Não se pode esperar que um homem mantenha a concentração, quando está faminto.

O olhar malicioso que ele lhe lançou deveria fazê-la sentir-se culpada. Como já conhecesse aquele olhar, Hillary falou:

— Há um carrinho de cachorro quente logo ali.

— Eu estava pensando em algo mais substancial, como um jantar de verdade.

Ao consultar o relógio, Hillary surpreendeu-se ao constatar que já era quase hora de jantar.

— Pensando melhor, acho que também estou com fome.

— Então, vamos embora daqui. Que tal um filé mal passado?

— Carne vermelha faz mal à saúde — ela declarou. — Contém muito colesterol.

— É engraçado ouvir isso de alguém que come hambúrgueres como se o mundo fosse acabar amanhã.

— Eu mudei.

— Isso é mau — ele murmurou.

Enquanto Luke saboreava seu filé mal passado, Hillary mordiscava seus

camarões. Ele não deixou de perceber os olhares invejosos que ela lhe lançava. Ou melhor, lançava a seu prato.

— Quer um pedaço? — ofereceu.

— Só um, pequeno...

Um pedaço pequeno transformou-se rapidamente em meia dúzia. Notando o brilho divertido nos olhos de Luke, Hillary apressou-se em se defender:

— Foram pedacinhos muito pequenos...

— Certo. — Luke inclinou-se sobre a mesa a fim de tentá-la mais um pouco. Só que, desta vez, o fez com um sorriso encantador, em vez de um pedaço de filé. — Está se divertindo?

— Sim, estou — ela respondeu sem pensar, só então percebendo que dissera a pura verdade.

— Ótimo.

Ele reclinou o corpo na cadeira, mostrando-se satisfeito com a resposta de Hillary.

Como Gatlinburg fosse uma cidade que vivia do turismo, havia todo tipo de divertimento. Assim, Luke levou Hillary para dar uma volta pelos pontos mais movimentados. Ela não precisou fazer grande esforço para convencê-lo a visitar o Space Needle, com seus elevadores panorâmicos.

Em sua última visita ao lugar, não haviam subido com os elevadores porque não agradava a Luke a idéia de ver-se nas alturas, sustentado por nada mais que um par de cabos de aço. Ao mesmo tempo em que era capaz de escalar os alicerces de qualquer construção, só se sentia seguro sobre os próprios pés. Mas, ao notar a excitação no semblante de Hillary, não foi capaz de dizer não.

— E uma vista linda, não é? — ela comentou, observando as montanhas ao fundo da paisagem.

Luke murmurou em concordância, embora estivesse olhando para Hillary, em vez da paisagem. O pôr-do-sol podia ser lindo, assim como as montanhas majestosas mas, na opinião dele, nem se comparavam à beleza cheia de vida da mulher a seu lado.

Quando o sol se pôs, desceram do edifício. Hillary foi fazer compras, enquanto Luke procurava por um telefone.

— Vamos voltar? — Hillary perguntou, ao notar a impaciência de Luke quando se reuniram novamente.

Não haveria volta, Luke pensou. Continuariam seu caminho sempre adiante, juntos, na cama, em breve.

Com tal pensamento na cabeça, Luke arrastou-a da loja e dobrou a esquina, entrando em um motel.

— O que estamos fazendo aqui? — Hillary perguntou, como se já não suspeitasse da resposta.

— Como pode ver, já está escuro lá fora — ele respondeu com simplicidade.

— E?

— E um dos faróis da camionete está queimado. Eu pretendia consertá-lo, mas as providências para o casamento me fizeram esquecer.

Hillary não acreditou que Luke houvesse se esquecido de qualquer detalhe, ao mesmo tempo que não tinha dúvidas quanto a seus planos para as próximas horas.

— Teremos de passar a noite aqui — ele anunciou. — Enquanto você estava na loja, telefonei para todos os hotéis da cidade, mas estão todos lotados por causa de uma convenção não sei do quê. Parece que só restou um quarto vago e é onde vamos ficar.

— Que coisa!

Uma vez na recepção do pequeno hotel, Luke cuidou do registro. O gerente não pareceu importar-se com o fato do casal não carregar bagagem alguma, exceto por duas sacolas de compras. Hillary não se sentiu muito encorajada por isso.

Com um sorriso malicioso, o gerente entregou-lhes a chave pendurada num enorme chaveiro em formato de coração.

— Tenham uma boa lua-de-mel. Nossas suítes nupciais são as melhores da

cidade.

Então, o último quarto disponível era justamente a suíte nupcial! Que coincidência, Hillary pensou, mas ficou calada. Luke não era o único a tirar surpresas da manga da camisa.

Assim, esperou que ele abrisse a porta. Quando ia dar um passo para entrar, ele a impediu.

— Não está se esquecendo de alguma coisa? — Luke perguntou.

— Está falando da bagagem e do pijama? Se eu soubesse que passaríamos a noite fora, teria trazido tudo de que preciso.

— Estou falando de tradição.

— Pensei que havíamos desistido desse detalhe, quando fugimos para casar.

— Pensou errado. Devo carregá-la para dentro do quarto — ele a corrigiu.

— Não vai fazer isso! Pode esquecer!

— Ora, Hillary, não vai começar nosso casamento com o pé errado, como costumam dizer.

— Nosso casamento não é normal.

— Vai ser — ele prometeu. — Agora, decida: podemos cumprir a tradição pelo caminho mais fácil, ou pelo mais difícil.

Hillary sabia a que ele se referia. Não seria a primeira vez em que ele a atiraria sobre o ombro, em sua imitação peculiar de um bombeiro. Em outros tempos, ela havia gostado da brincadeira.

— Nem pense em me carregar no ombro, Luke!

— Não?

— Não. Se fizer isso, vou vomitar — ela falou à queima-roupa. — Não se esqueça que jantamos há pouco.

— Hillary, não é fácil ser romântico com você — Luke resmungou.

— Estou contando com isso.

— Não fique tão confiante — ele advertiu, antes de tomá-la nos braços.

Hillary perdeu a voz. Agora que se via nos braços de Luke, sentia-se estranha. Perigosamente e maravilhosamente estranha. Seu coração disparou,

enquanto sua mente ficou paralisada.

Era assim sempre que Luke se aproximava. Hillary sentia-se irresistivelmente atraída por ele. Cravou os dedos nos ombros fortes, deliciando-se ao sentir o calor que ele irradiava.

— O gato comeu sua língua, Hillary?

O tom provocante da voz de Luke trouxe-a de volta à realidade. Diabos! Ele sabia exatamente o que estava fazendo com ela. E era óbvio que a consciência de estar no domínio da situação proporcionava-lhe imenso prazer.

Bem, ele que saboreasse seu prazer enquanto pudesse, ela pensou. Sabia de quem seria a vitória final.

Uma vez dentro do quarto, Luke colocou-a no chão sem demonstrar pressa. Teve o cuidado de fazer com que o corpo dela deslizesse por cada centímetro do seu. Os anos de trabalho em construção o haviam ajudado a manter a forma. E que forma!

Notando o brilho de confiança nos olhos verdes e irresistíveis, Hillary soube exatamente o que ele planejava. Assim, tratou de pisar no seu pé, "sem querer", ao ser colocada no chão. Como ele não estivesse usando suas resistentes botas de trabalho, o salto de Hillary venceu a batalha.

— Desculpe — ela murmurou com voz gentil e se afastou. Luke sorriu e lançou um olhar sugestivo na direção da cama.

Hillary teve de conter uma gargalhada ao notar-lhe a expressão, quando deparou com a imensa cama em formato de coração, coberta por uma colcha de cetim vermelho. Ora, o que mais ele esperava do Li'l Abner Motel?

— Não se parece em nada com o Ramada, não é? — ela comentou.

— O Ramada não tinha quartos disponíveis.

— E por isso que vale a pena planejar as coisas com antecedência — ela concluiu, satisfeita por haver seguido tal princípio.

— Não é tão ruim — Luke constatou, ao testar o colchão. — Ao menos, é confortável.

Um instante depois, descobriram que se tratava de uma cama vibratória.

Hillary não foi capaz de continuar a conter a gargalhada.

— Está achando muito engraçado, não é? — Luke inquiriu, segurando-a pela mão e puxando-a para a cama que continuava a vibrar. — Está na hora de irmos para a cama.

Hillary pulou da cama como um gato.

— Acho que está na hora de você ler nosso contrato pré-nupcial com atenção — declarou.

Luke acomodou-se como um paxá.

— Por que eu deveria me preocupar com isso agora?

— Porque uma das cláusulas é de fundamental importância para esta noite. Ele franziu o cenho.

— Do que está falando?

Como um mágico retirando o coelho de sua cartola, Hillary apanhou sua cópia do contrato de dentro da bolsa e estendeu-a para Luke.

— Parágrafo Cinco-A.

Por um momento, o silêncio no quarto foi total, exceto pelo zunido da cama vibratória. Quando Luke finalmente terminou a leitura, ergueu os olhos flamejantes para Hillary.

— Isto quer dizer o que estou pensando?

— Pode apostar — ela confirmou. — Quer dizer que nosso casamento é apenas formal e não será consumado. Nem esta noite, nem nunca.

CAPÍTULO IV

Você se acha muito esperta, não é? — Luke inquiriu, depois de ler o documento inteiro.

— Admito que sim — Hillary concordou.

Uma vez superado o choque inicial, Luke pôs-se a questionar os motivos de Hillary para fazer o que fizera, bem como possíveis meios de resolver seu problema. Estudou o contrato mais uma vez. Embora os direitos conjugais houvessem sido suprimidos do casamento, não havia qualquer referência aos detalhes do que podia ou não podia ser feito.

Como estivesse certo de que Hillary sentia tanta atração quanto ele, não tinha dúvidas quanto aos porquês da cláusula absurda. Assim, também estava certo de que seria capaz de convencê-la a suprimir a restrição. Além do mais, aquilo não teria qualquer valor legal. Claro que ele não teria interesse em ir aos tribunais, tomando pública sua situação bizarra. E Hillary sabia disso muito bem.

Mas, tendo beijado aqueles lábios que agora lhe sorriam, sentiu-se confiante de que acabariam por retomar o relacionamento que haviam tido um dia. Hillary seria sua. Era apenas uma questão de tempo. Enquanto isso, entraria no jogo dela. Para vencer.

— Devo admitir que, desta vez, você me enganou direitinho — confessou.

— Admite?

— Sim. Está surpresa?

— Bem, eu... não esperava por uma reação tão tranqüila. Ponto para Luke! Ele não planejava agir como ela esperava que agisse. Ao contrário. A surpresa seria a melhor maneira de desarmá-la. Então, ele deu de ombros e concluiu:

— De nada adianta chorar sobre o leite derramado. Especialmente quando temos uma garrafa de champanhe geladinha à nossa espera.

— Depois de ler o rótulo, acrescentou em tom de zombaria: — O melhor que o Meio-Oeste tem a oferecer! Aceita uma taça?

Dada sua aceitação extraordinariamente bem humorada da situação, Hillary considerou uma grosseria recusar.

— Claro. Por que não?

— Pensando melhor, acho que ainda não está bem gelada. Vamos esperar um pouco.

A verdade era que Luke não tinha a menor pressa em despejar o que prometia ser um vinagre em seu estômago. Porém, aquele não era o tipo de lugar em que se poderia apanhar o telefone e pedir uma bebida melhor ao serviço de quarto. Não, aquele era o tipo de lugar que ainda exibia lâmpadas coloridas e um tapete acrílico, imitando pele de urso.

— Um quarto e tanto! — comentou.

— Sem dúvida.

Hillary sentiu-se aliviada por poder falar de um assunto neutro. Assim, poderia evitar pensar no fato de só haver uma cama ali. E, uma coisa era possuir um documento; torná-lo válido era outra, muito diferente. Estremecendo de leve, esfregou as mãos nos braços.

— Está com frio? — Luke perguntou. — Podemos acender a lareira.

— Deixe comigo — Hillary ofereceu-se, ansiosa por manter-se ocupada.

— Parece que as instruções estão escritas no quadro ao lado da lareira.

Era verdade. Ao ler as instruções, Hillary corou.

— Algum problema? — Luke perguntou, notando que ela não fez qualquer movimento para acender o fogo.

— Eu... Acho que não está tão frio, afinal.

— Não seja boba. Acenderei o fogo para você. — Ele se aproximou e leu as instruções. — Chamas do amor? — repetiu incrédulo. Então, leu-as em voz alta: — Este fogo não precisa de grande esforço para ser aceso, assim como vocês, feliz casal. Gire o botão e observe as chamas se erguendo para a vida, assim como sua paixão se acenderá quando vocês "apertarem alguns botões" e ficarem "ligados". — A seguir, havia uma lista, sugerindo diversas partes do corpo que poderiam ser usadas como "botões" e serem "ligadas". Visitantes eram convidados a escrever suas sugestões e vários o haviam feito. — Quem escreveu isto?

— Como vou saber?

— Hillary, não precisa ficar tão tensa.

— Não estou tensa — ela negou depressa.

— Sei. Está andando de um lado para outro, só para se exercitar.

— Desculpe por não me sentir inteiramente à vontade na situação. Acontece que não estou habituada a encontrar mensagens pornográficas na lareira ou banhos eróticos.

— É apenas uma lareira. E o banho erótico não passa de uma banheira de hidromassagem.

— Cercada de espelhos por todos os lados. Até no teto!

— Por que não se acalma e bebe um pouco de champanhe? — ele sugeriu.

— Vai se sentir melhor.

Luke voltou a apanhar a garrafa, retirou o lacre da rolha e empurrou-a com o polegar.

— Segure seu copo — instruiu. — Só por precaução.

— Que precaução?

— Para o caso de... — A rolha escapou do gargalo e o líquido jorrou com força, banhando Luke e Hillary — ... de derramar.

Hillary deixou-se levar pelo lado cômico da situação.

— Pensei que fôssemos beber esta coisa, não tomar banho com ela — falou com uma risada.

Luke respondeu com um beijo. Depois de pousar os lábios sobre os dela com delicadeza, deslizou a língua pela dela, arrancando-lhe um gemido estrangulado. O prazer foi tão intenso, que Hillary esqueceu-se de respirar por um momento. Então, enchendo os pulmões de ar, retribuiu o beijo com paixão.

Só por um minuto. Ou dois. Então, se afastaria. Mas um beijo ou dois transformaram-se numa porção deles, antes que Hillary perdesse a conta por completo. E não conseguiu reunir a energia necessária para se preocupar com o detalhe. A única energia de que dispunha era aquela gerada por Luke.

Graças ao banho de champanhe, a blusa aderiu à sua pele. A sensação do ar frio foi o único indício de que Luke havia, com habilidade, aberto os botões. Em seguida, o ar frio foi substituído pelo calor provocante da mão dele pousada sobre seu seio, acariciando-a através da combinação fina. Hillary entregou-se à sensação de intimidade, reconhecendo que a desejara, mesmo sabendo que não poderia tê-la.

Seus gemidos, cada vez mais altos, expressavam o desejo crescente em seu peito. Outros sinais confirmavam o que se passava: o abandono com que ela o abraçava, o ritmo louco das batidas de seu coração e a rigidez reveladora de seus mamilos.

Luke inclinou-se e tomou um deles entre os lábios, como se provasse da maior delícia do mundo. Sentiu o sabor do champanhe, misturado ao perfume quente de fêmea que ela exalava.

Continuou a beijá-la e acariciá-la, até senti-la arquear o corpo contra o seu, num pedido silencioso de uma intimidade ainda maior. Levantou o tecido fino da combinação, eliminando qualquer barreira entre suas mãos e a pele macia e acetinada sob seus dedos. Então, enquanto acariciava-lhe os seios, voltou a beijar-lhe a boca com paixão ainda mais intensa.

Com gestos delicados, deitou-a na cama e posicionou-se sobre ela, colando seus corpos em perfeita harmonia. Hillary podia sentir as ondas de energia pulsando, emanadas por... pela cama sob seu corpo? A cama estava vibrando?

Certo. Cama vibratória, suíte nupcial, casamento de conveniência. A realidade voltou com força total.

Hillary desenroscou os dedos dos cabelos de Luke e deslizou a mão até seu ombro, passando a empurrá-lo.

— Qual é o problema? — ele murmurou com voz enrouquecida. Tudo! A palavra brotou em sua mente sem haver sido chamada.

Tudo era um problema. O que havia de errado com ela, afinal? Sabia muito bem que cometeria o maior erro de sua vida, caso se deixasse arrastar para a cama de Luke daquela maneira.

— Solte-me.

— Não. A menos que me diga o que está acontecendo.

— O que estamos fazendo está errado.

Ele moveu o corpo contra o dela com deliberação.

— Não vejo nada errado.

— Deixe-me, seu bruto!

Ao notar a raiva e o pânico nos belos olhos azuis, Luke soltou-a com relutância, embora seu desejo fosse mantê-la cativa em seus braços pelo resto da vida.

— O que se passa com você? — inquiriu, a voz tensa pelo desejo frustrado.

Hillary pulou da cama, abaixou a combinação e fechou a blusa molhada.

— Não há nada de errado comigo — respondeu com o que lhe restava de sua dignidade. — Não vou para a cama com você assim — estalou os dedos, enfatizando suas intenções.

— Por que não?

— Por que não? — ela repetiu incrédula.

— Isso mesmo. Por que não? Ficou claro que estava sentindo tanto prazer quanto eu.

— Isso não vem ao caso.

— E o que vem ao caso?

— Assinamos um contrato, dizendo que este casamento serviria apenas às aparências.

Luke expressou seus sentimentos quanto ao contrato com um palavrão pesado.

— Falo sério, Luke. Não quero me envolver com você de novo.

— Não entendo! É isso o que você quer! Sabe que tenho razão. Mas Hillary também sabia o quanto sofrera quando haviam se separado. Não se arriscaria a passar por tudo de novo. Se, ao menos, Luke sentisse por ela algo mais que atração física...

— Não quero mais discutir esse assunto — declarou.

— Muito bem — ele rosnou. — Então, pare de enviar mensagens que não tem a menor intenção de cumprir.

— Do que está falando?

— Do modo como me beijou e se derreteu em meus braços!

— Eu não me derreti!

— Derreteu! Você não passa de uma fingida!

A última acusação atingiu Hillary como uma punhalada. Talvez por ela saber que a frase continha um fundo de verdade. Sim, ela o beijara com paixão, mas não queria admitir que havia se derretido nos braços dele.

Ainda assim, era culpada por não haver impedido que a intimidade

acontecesse. E por não ter se mantido longe de Luke. Bastavam alguns beijos, para que ela perdesse a cabeça e se entregasse a ele de corpo e alma. A atração entre eles continuava tão intensa quanto no passado. Talvez até mais, o que não a agradava nem um pouco.

— Pegue isto — Luke falou com irritação, atirando-lhe uma sacola de compras.

Pelo logotipo na sacola, Hillary notou que aquelas eram as compras dele.

— O que é isto? — perguntou desconfiada. Dado o presente estado de humor de seu marido, ela nem podia imaginar o que mais ele havia planejado.

— Abra e descubra.

Ela obedeceu e descobriu uma camiseta grande o bastante para servir-lhe de camisola. Além disso, havia uma escova de dentes e outros artigos de perfumaria.

Tentando soar calma e controlada, ela perguntou:

— Quanto lhe devo por isto?

— Esqueça. É minha esposa, agora. Tenho o direito de lhe dar pequenos presentes. Espero que o contrato não faça qualquer citação contra isso. Há mais coisas aí dentro.

Hillary continuou a explorar a sacola e descobriu um conjunto de calcinha e sutiã, de renda preta. Indecente! Em seguida, sua mão se fechou em tomo de uma caixa de... preservativos! Retirou a mão depressa e fechou a sacola.

Perguntou-se no que havia se metido, ao tentar salvar a saúde do pai. Seu pai! Havia se esquecido! Tinha de telefonar e avisar que não voltaria para casa. Do contrário, ele ficaria muito preocupado.

— Para quem vai ligar? — Luke perguntou quando ela apanhou o telefone.

Sorriu ao notar a maneira como ela evitava aproximar-se da cama que ainda vibrava. Por mais que Hillary negasse, Luke sabia que estava caminhando na direção certa. A razão podia ordenar a ela que não se envolvesse. Mas seu corpo exigia outra coisa muito diferente. Era por isso que ela estava evitando a cama. Não queria sentir-se tentada de novo. Luke, por sua vez, tinha toda a intenção de

tentá-la mais e mais, até trazê-la de volta a seu lugar: nos braços dele.

— Estou ligando para meu pai, a fim de avisá-lo que não passarei a noite em casa — ela respondeu e, dando-lhe as costas, falou ao telefone: — Papai? Sou eu. Estou em Gatlinburg. Encontrei um velho amigo que não via há muito tempo e decidimos dar um passeio. Foi uma decisão de última hora e...

Notando que Luke prestava atenção à conversa, sem ao menos disfarçar, afastou-se mais um pouco.

— Só liguei para avisá-lo que vou passar a noite aqui e não queria que ficasse preocupado. Estarei de volta amanhã.

— Que barulho esquisito é esse, filha? — seu pai perguntou. Tratava-se da cama vibratória. Ela jamais poderia dizer a verdade!

— É... a máquina de refrigerante. Os telefones ficam bem ao lado da máquina de refrigerante.

— Onde exatamente você está hospedada? Caso eu precise encontrá-la...

Considerando-se o estado de saúde de Charles, a pergunta era válida. Hillary não teria meios de evitar a resposta.

— Estou no Li'l Abner Motel. Está tudo bem com você? Tomou seus remédios?

— Estou bem. Não se preocupe comigo. Tenho certeza de que não precisarei chamá-la. Trate de se divertir, pois terá muito o que fazer com seu novo emprego.

— Obrigada, papai. Até amanhã.

Assim que desligou, Hillary deu-se conta de que, caso seu pai telefonasse, não encontraria nenhuma Hillary Grant hospedada ali. Então, apanhou o fone e discou o número da recepção. Após uma longa espera, ouviu a voz sonolenta do outro lado:

— Pronto?

— Gostaria que acrescentasse um nome ao registro deste quarto — ela falou sem preâmbulos.

— Qual é o número do quarto?

Ao verificar o telefone, ela não encontrou número algum, mas sim o nome da suíte: Beijo de Vênus.

— Estou falando da suíte nupcial — ela respondeu.

— Temos duas suítes nupciais. Em qual delas está?

— Beijo de Vênus. A mesma que possui uma cama vibratória que não desliga.

— E mais alguém vai se juntar a vocês na suíte? O sujeito estava insinuando que ela e Luke fariam um pervertido *menage à trois*.

— Não! Só quero que acrescente o nome de Hillary Grant,

— Terei de cobrar uma taxa extra.

— Por um nome?

— Por uma pessoa a mais no quarto.

— Já lhe disse que não há mais uma pessoa!

— Ah. já entendi. Você não é a verdadeira sra. McCallister e quer que eu mude o registro para sr. McCallister e Hillary Grant.

— Também sou a sra. McCallister. Escreva Hillary Grant McCallister.

— Barra, McCallister — o gerente repetiu. — Quem é essa? A quarta hóspede?

— Eu desisto! — ela resmungou, entregando o fone a Luke, que estava se divertindo com a conversa. — Foi você quem escolheu o hotel. Agora, trate de resolver o impasse.

Luke obedeceu e, em menos de um minuto, estava tudo resolvido.

Claro, Hillary pensou, que o gerente mudara de atitude no momento em que passou a conversar com um homem! Invasa pelo impulso de chutar alguma coisa, chutou a cama que, finalmente, parou de vibrar.

Ao menos, algo de positivo resultará do incidente desagradável. Já não precisaria ouvir ao zunido irritante. E nem dormiria naquela cama com Luke. Dormiria no chão se fosse preciso.

— O que está fazendo agora? — Luke perguntou, ao vê-la apanhar os cobertores do armário.

— Arrumando minha cama no chão — eia respondeu em tom de desafio.
Luke limitou-se a dar de ombros e acomodar-se na cama.
— Se prefere assim... Hillary fitou-o incrédula.
— Vai me deixar dormir no chão?
— Foi você quem escolheu onde dormir.
— Se fosse cavalheiro, você me ofereceria a cama.
— Será bem vinda, se quiser dormir na cama...
— Obrigada.
— ... comigo — ele completou, dando um tapinha no colchão.
— Eu me recuso a dormir na mesma cama que você!
— Azar seu. Espero que goste de sua cama no chão e que não haja baratas por aqui.
— Ora, agradeço a preocupação.
— Elas têm mais medo de você, do que você delas.
— Muito animador.
— Durma bem. Não deixe os mosquitos picarem você. Nem as baratas.

Assim que as luzes se apagaram, Hillary começou a ouvir todo tipo de som sorrateiro. Teve de se concentrar, a fim de impedir as imagens de baratas gigantes cruzando seu limitado campo de visão. Seu relógio fluorescente indicava que já passava das duas e meia, quando Hillary arquitetou o plano B. Luke dormia profundamente. Com certeza, não acordaria se ela se acomodasse na cama com cuidado, embrulhada no cobertor como uma múmia. Seria apenas por algumas horas. Antes que ele despertasse, ela voltaria à sua cama no chão.

Em silêncio, agarrou o cobertor e foi até a cama. Notando que Luke continuava a dormir, pôs a mão no colchão e esperou. Nada. Conseguiu! Satisfeita, deitou-se no que parecia uma nuvem, depois da dureza do chão.

Só por algumas horas. Dormiria um pouco e, então, voltaria a deitar-se nos cobertores.

Hillary estava sendo atacada por lulas gigantes. Lutava para libertar-se, mas era em vão. Estava encurralada. Estava... sonhando. Assim que se deu conta

disso, despertou.

Atordoada de sono, piscou várias vezes e, a primeira coisa que viu foi a mão enorme à sua frente. Não era a sua mão! Entrou em pânico. Não sabia onde estava.

Então, seus olhos pousaram na colcha de cetim vermelho, jogada sobre uma cadeira e lembrou-se. Estava no motel, num lugar onde não deveria estar: na cama, com Luke.

Sem se preocupar com a seqüência de eventos que a haviam levado até ali, resistiu à tentação de permanecer onde estava, o corpo confortavelmente enrascado no dele. Ao contrário, concentrou-se em encontrar um meio de sair dali. Não podia simplesmente empurrá-lo, pois ele acabaria acordando.

Com movimentos lentos e cuidadosos, retirou a mão debaixo do braço de Luke e girou o corpo uns poucos milímetros. Ainda era prisioneira dos braços que lhe envolviam o corpo e da perna atravessada sobre a sua. Felizmente, Luke estava de cueca, embora o tecido fino não lhe proporcionasse grande proteção.

Devagar, ergueu o braço que a envolvia, para pousá-lo... onde? Se o largasse, ele acordaria. Decidiu apenas mudá-lo do ombro para a cintura. Por enquanto. Ao sentir os dedos fortes enroscarem-se em torno de seu quadril, suspirou irritada. Luke era capaz de tirar proveito da situação, até mesmo enquanto dormia!

Voltou a mover-se, desta vez preocupada em libertar a perna. Tratava-se de uma manobra bem mais difícil, dada a proximidade de determinada parte vulnerável da anatomia de Luke. Os movimentos de Hillary estavam produzindo um efeito inesperado nele. Embora parecesse profundamente adormecido, algumas partes de seu corpo mostravam-se em alerta.

Hillary imobilizou-se e respirou fundo, na tentativa de acalmar-se. Disse a si mesma que deveria tratá-lo como se fosse uma peça de mobília.

Voltou à manobra cuidadosa e, lentamente, obteve algum progresso. Mais um pouco e estaria livre. Só mais um segundo e...

Os braços e pernas que ela acabara de retirar de sobre seu corpo voltaram a

envolvê-la.

— Onde pensa que vai? — Luke inquiriu sonolento.

— Ao banheiro — ela respondeu depressa.

— Agora?

— Foi o que planejei.

— E seus planos incluíam colar-se a mim durante a noite?

— Não. Foi um acidente.

— Pois foi um acidente delicioso — ele murmurou, mordiscando-lhe o pescoço. — Faz muito tempo que não ficamos juntos assim. Seu corpo sabe disso, assim como o meu.

— Foi por isso que Deus nos deu um cérebro. Para dominar o corpo.

— É mesmo?

— Sim.

Antes que Luke pudesse impedi-la, ela saltou da cama, levando o cobertor consigo.

Virando-se para encará-lo, perguntou desconfiada:

— Há quanto tempo está acordado?

— Já faz algum tempo — ele admitiu com um sorriso. Sem pensar, Hillary atirou-lhe um travesseiro.

— Ora, seu canalha, patife, cafajeste...

— Sou seu marido — ele a interrompeu.

— Só no papel!

— É o que dizem suas palavras, mas não suas atitudes.

— O que está querendo dizer?

— Que o motivo pelo qual você inseriu aquela cláusula ridícula no contrato pré-nupcial é óbvio.

— É mesmo?

— Está morrendo de medo.

— De você? — ela zombou.

— De você! Tem medo da atração que sentimos um pelo outro, então

decidiu esconder-se atrás de um pedaço de papel.

— Não estou me escondendo!

Esconder-se era diferente de proteger-se. Ou assim pensava Hillary.

— E não é justo seduzir um homem inocente durante o sono.

— Não seduzi ninguém! E você acabou de dizer que estava acordado... Ao menos, parte do tempo.

— Lamento ter perdido um segundo sequer. Recusando-se a discutir tal comentário, Hillary entrou no banheiro, em busca de um pouco de privacidade. Quando saiu, completamente vestida, Luke continuava na cama.

Com a cabeça apoiada em uma das mãos, ele a examinou e sorriu com ar de aprovação. Hillary vestira o conjunto de saia e blusa que comprara na véspera, em Gatlinburg. A roupa lhe assentava muito bem. Ignorando os efeitos dos olhares que Luke lhe lançava, perguntou:

— Não vai se vestir?

— Por quê? Gostaria de assistir?

— Em seus sonhos!

— Ah, sim! Você estava em meus sonhos, fazendo as coisas mais deliciosas...

— Não quero saber — ela o interrompeu. — Está se divertindo com esta situação, não está?

— Não tanto quanto gostaria.

— Devemos voltar a Knoxville. Temos muito o que fazer. — Em silêncio, pensou: "Inclusive, contar a meu pai que me casei",

— Como quiser, querida esposa.

Luke levantou-se e espreguiçou como um gato sonolento. Hillary recusou-se a se deixar impressionar pela exibição. O corpo dele era maravilhoso; Seus músculos, perfeitos. Ela sentiu a boca seca, os dedos trêmulos. Ia sobreviver. E não se renderia, por maior que fosse a tentação.

Luke decidiu retornar a Knoxville pela estrada turística. Como de costume, não se preocupou em consultá-la a respeito. Simples-

mente anunciou sua decisão, como sempre fizera. Hillary ficou furiosa.

No entanto, era difícil continuar irada diante de uma paisagem tão inspiradora. Não conhecia a estrada e descobriu que os campos exerciam efeito calmante sobre seus nervos.

A primavera estava no auge, emprestando um colorido vivo ao cenário. Passaram por algumas cachoeiras, antes do final da estrada, em Townsend, uma cidadezinha situada ao pé das Smoky Mountains. A entrada da cidade, havia um cartaz, anunciando uma feira de arte.

Se estivesse sozinha, Hillary teria parado no mesmo instante. Adorava feiras de arte. Luke jamais gostara daquele tipo de evento. Assim, ela ficou surpresa quando ele saiu da estrada principal e seguiu as setas, até chegar a uma escola primária.

Notando a expressão de surpresa no rosto de Hillary, Luke explicou em tom defensivo:

— Sei o quanto você gosta desse tipo de coisa e achei que não faria mal algum, se parássemos para dar uma olhada.

Hillary saltou da camionete, antes mesmo que Luke desligasse o motor. O ginásio da escola fora transformado em galeria de arte e ela observou com prazer a exposição de cada artista. Comprou uma fotografia de um pomar de macieira floridas e uma aquarela floral.

Luke não protestou quando ela circulou pela feira repetidas vezes, parando sempre diante do mesmo quadro. Tratava-se de uma paisagem marítima muito bem retratada, mesmo para ele, que nada entendia de arte. E Luke notou que Hillary queria o quadro.

— Vai comprar aquele, também? — perguntou.

— Adoraria, mas já gastei o bastante com estes dois.

— Os trabalhos que ela comprara haviam lhe custado metade do que valeriam em Chicago. Porém, dada a incerteza quanto ao futuro, aquela não era a melhor ocasião para investir em obras de arte. Por enquanto, Hillary nem sequer

possuía paredes onde pendurar seus quadros.

— É lindo, não é? — ela perguntou, ainda fitando a paisagem marítima.

— Razoável — Luke comentou, escondendo deliberadamente sua opinião.

— Razoável? Veja a perfeição com que o pintor reproduziu as plantas na orla! Pode-se sentir a brisa a agitá-las!

— Se diz que é bom... — ele falou, dando de ombros.

Hillary concluiu que Luke começava a sentir-se entediado. Já fizera muito em parar ali, pois não se interessava por nada daquilo.

— Podemos ir, se quiser.

Depois de acomodá-la na camionete, Luke pediu licença, dizendo que voltaria em um minuto. Retomou logo depois, carregando um grande embrulho debaixo do braço. Certamente, ele não...

— Você já ia se esquecendo — falou com ar jovial, colocando o quadro da paisagem marítima entre os bancos.

Recordando seus comentários anteriores, Hillary temeu que ele houvesse achado que ela o estava pressionando a comprar o quadro.

— Não precisava ter feito isso — falou com voz incerta.

— Claro que precisava. É seu presente de casamento.

— Nem sei o que dizer...

— Que tal: "Obrigada, Luke"?

— Obrigada, Luke.

— Que tal me dar um beijo?

— Está bem — ela concordou e, com deliberação, deu-lhe um casto beijo no rosto.

— Não! Eu quis dizer um *beijo* — ele protestou.

— Sei muito bem o que quis dizer. E se essa foi a única razão pela qual comprou o quadro...

— Não comece a tirar conclusões. Eu jamais tentaria comprar sua afeição desse jeito.

— Ótimo.

— Por que pagar por algo que posso ter de graça? — ele acrescentou com um sorriso maroto.

Luke interceptou a mão de Hillary no ar, antes que atingisse sua face.

— Sempre gostei de provocá-la. E de beijá-la. — Roçou os lábios no rosto dela, imitando-lhe o beijo de minutos antes. — E de tocá-la, — Deslizou os dedos pela pele macia que acabara de beijar. — Lembra-se de quando brincávamos de ligar sardas?

Claro que Hillary se lembrava. E muito bem. Luke costumava iniciar a brincadeira erótica, traçando uma linha invisível com a ponta dos dedos, entre as duas sardas que ela tinha atrás do joelho esquerdo. Sentiu uma onda de calor varrer-lhe o corpo ao lembrar-se para onde ele se dirigia então.

— Só eu tinha sardas — ela falou com voz sonhadora. — Você não tinha nenhuma.

— Não me parecia incomodada com isso na ocasião — Luke falou em tom sensual.

— Os tempos mudaram — Hillary replicou, afastando o encanto que ameaçava engolfá-la.

— Os tempos podem melhorar — ele a corrigiu. — Pense nisso.

De fato, Hillary refletiu sobre aquelas palavras durante todo o trajeto de volta. Não sabia o que fazer com relação a Luke. Ele estava dificultando sua decisão de manter-se a distância. Conhecia-o bem demais e sabia que adorava um desafio. No passado, ela jamais significara um desafio para ela. Agora, a situação havia mudado. Embora sem intenção, Hillary transformara-se num grande desafio.

O problema era: o que aconteceria quando o desafio se transformasse em conquista? O mesmo que acontecera antes? Luke faria o que bem entendesse, sem importar-se com ela, virando sua vida de pernas para o ar?

A verdade era que ele já virará sua vida no avesso, na última semana. Se, dez dias antes, alguém lhe dissesse que agora estaria casada com Luke, Hillary haveria caído na gargalhada.

— Sei que é um pouco tarde para perguntar mas, por que não ficamos apenas noivos para acabar com a briga de nossos pais? Por que tivemos de nos casar de verdade?

— Porque um noivado não seria uma ligação forte o bastante. — E, Luke pensou, ele precisava estar casado de verdade quando Angus Robertson chegasse, embora não pudesse contar a verdade a Hillary. Além disso, seus instintos haviam lhe dito que deveria prendê-la a si da maneira mais intensa, o mais depressa possível. Se, por um lado, Luke não dava importância às emoções, acreditava cegamente em seus instintos. E estava certo de que fizera a coisa certa. — Definitivamente, nós precisávamos nos casar. Do contrário, tanto seu pai quanto o meu, fariam tudo para pôr um fim ao noivado.

— Por que tem tanta certeza de que não tentarão acabar com nosso casamento?

— Eles não iriam tão longe.

— Tem certeza?

— Está se preocupando de novo — Luke acusou-a.

— Sinto muito, mas não posso evitar. Estou tentando pensar na melhor maneira de contar a meu pai.

— Pelo amor de Deus, não diga a ele que nos casamos para acabar com a briga!

— Claro que não!

— Deixe comigo. Cuidarei disso.

— Vai dizer que passei a ser responsabilidade sua? — ela falou em tom de zombaria. — Seria mesmo engraçado.

— Confie em mim. Pensarei em algo para dizer, quando chegarmos lá. Farei uma declaração inteligente e sincera, que certamente deixará seu pai tranquilo e seguro.

Era uma pena que Luke não fosse capaz de dizer algo inteligente e sincero para dar tranquilidade e segurança a ela, Hillary pensou.

Já anoitecia quando chegaram à casa do pai de Hillary. Haviam encontrado

tráfego denso na entrada de Knoxville, resultado do Festival da Primavera, que incluía uma rota dentro da cidade, para que os turistas pudessem observar os melhores jardins.

Como Hillary sempre visitasse o pai no verão, jamais participara do evento anual. No entanto, ouvira falar das faixas cor-de-rosa pintadas no asfalto, que guiavam os visitantes. Também sabia que seu pai e outros vizinhos dedicavam horas e horas, à noite e nos fins-de-semana, preparando seus jardins para o festival. Chegavam a providenciar refletores para a iluminação de árvores e canteiros de flores.

Hillary ficou impressionada pela beleza que enfeitava a cidade. Desde que chegara em Knoxville, não tivera oportunidade de prestar atenção ao que se passava ao seu redor. Estivera preocupada demais com seu novo emprego, a briga do pai com o ex-sócio e a exigência de Luke de que se casasse com ele.

Embora sua mente ainda estivesse ocupada pelos mesmos problemas, ela decidiu permitir-se um momento de prazer, apreciando as flores.

Somente quando seguiam pelo estreito caminho que ia da calçada até a porta da casa de seu pai, Hillary lembrou-se das boas vindas que certamente receberiam ao entrar. Concluiu que deveria prevenir Luke.

Assim, ao abrir a porta, virou-se para ele e perguntou:

— O que acha de receber beijos no rosto todo?

— De você? Adoraria.

— Não estou falando de mim.

— De seu pai? — Luke mostrou-se atônito. — Não é bem o que estou esperando.

— Também não me referi a meu pai. Estava falando de Killer. As palavras mal haviam deixado os lábios de Hillary, quando um imenso dobermann atirou-se sobre Luke.

Em uma fração de segundo, Luke viu sua vida passar diante de seus olhos, como num filme muito, muito rápido.

Então, seu rosto foi... lambido!

— Pare com isso, menina — Hillary repreendeu o cachorro com ternura. Então, olhou para Luke e explicou: — Ela é apenas uma alma infantil, dentro do corpo de um cão de guarda. Comprei-a há dois anos. Seus donos queriam trocá-la, pois ela se recusava a cumprir seu papel de cão de guarda bravo e terrível. Também não tinham disposição para treiná-la.

— Pelo que posso ver, ela ainda não foi treinada — Luke observou.

— E não será. Nós a amamos como ela é. Não é verdade, Killer? — Hillary perguntou à cachorra, cujo nome queria dizer "matadora". Luke teria jurado que vira a cadela sorrir em resposta. — E também desistimos de mudar seu nome.

— Por quê? Nunca ouvi falar de um cão tão dócil, chamado Killer!

— Pois eu já! — Charles Grant declarou da porta da sala. — Que diabos está fazendo aqui, McCallister?

As palavras deixaram seu lábios, antes que Luke tivesse tempo de impedi-las:

— Hillary e eu nos casamos.

CAPÍTULO V

Pensei que fôssemos contar-lhe com delicadeza! — Hillary sussurrou entre dentes.

— Eu não esperava ser atacado por um dobermann! — Luke retrucou. — Fiquei abalado.

— Pois reze para que meu pai não se abale e atire você para fora daqui!

Luke decidiu que aquele não seria o melhor momento para lembrar à sua irada esposa que ele era muito maior e mais jovem que o pai dela.

— O que está acontecendo aqui? — Charles inquiriu com voz autoritária.

— Não fique nervoso, papai. Deixe-me explicar.

— Não. Eu vou explicar — Luke interferiu.

— Foi você quem criou a confusão — Hillary replicou.

— Acho melhor um dos dois começar a falar logo — Charles advertiu.

Depois de lançar um olhar ameaçador a Hillary, Luke encarregou-se das explicações:

— Sou louco por sua filha, senhor. Já faz algum tempo. Hillary reconheceu o discurso, como sendo o que ele ensaiara na camionete. Aquele que não era sincero.

— Como deve lembrar-se, estivemos juntos antes — Luke continuou. — Tivemos um desentendimento e nos separamos. Mas tudo isso é passado.

Isso era o que ele pensava, Hillary refletiu. O "desentendimento", como ele citara de maneira tão suave, jamais fora resolvido para ela. E Luke continuava a demonstrar as mesmas tendências que haviam levado à separação. Ainda era teimoso, cabeça-dura e pouco ligava para as conseqüências de seus atos impulsivos.

Se ele esperava que ela fosse aceitar aquele tipo de comportamento, estava redondamente enganado. Devia ter percebido, depois da experiência da noite de núpcias, que ela não era do tipo que cedia com facilidade.

Hillary tratou de voltar a atenção para o que Luke estava dizendo a seu pai.

— Sei que o senhor e meu pai não estão se entendendo... — Luke dizia, quando Charles o interrompeu com sarcasmo:

— Ora, não precisa medir palavras!

— Mas essa briga de vocês já foi longe demais. Agora, somos todos uma família. Está na hora de declarar uma trégua. Quanto a Hillary, não precisa se preocupar. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz.

Mais uma vez, Hillary desejou que Luke estivesse dizendo a verdade, em vez de recitar palavras ensaiadas. A opinião de seu pai, porém, era um tanto diversa.

— Isto é uma brincadeira, certo? — Charles falou incrédulo. Luke franziu o cenho.

— Não, senhor. Nós nos casamos ontem.

Notando a tensão crescente no semblante do pai, Hillary sugeriu:

— Luke, por que não me espera na sala, enquanto converso com papai?

— De jeito nenhum — ele replicou. — Não vou a lugar algum.

— Luke, por favor — ela implorou, lançando-lhe um olhar desesperado.

Após um momento de hesitação, ele concordou contra vontade:

— Estarei esperando na sala.

Hillary só conseguiu relaxar quando o viu desaparecer atrás da porta. Seu casamento com Luke deveria diminuir a tensão entre suas famílias, não aumentá-las. Perguntou-se se havia cometido um erro ao casar-se com ele. No início, a idéia lhe parecera razoável. Agora, porém, já não tinha tanta certeza.

Examinou o pai com preocupação, temendo que a surpresa produzisse efeitos indesejados sobre sua saúde. Mas ele parecia simplesmente irritado.

— Tomou o remédio para a úlcera, hoje? — perguntou.

— Sim, tomei. E foi muito bom, já que você resolveu me chocar desse jeito. — A culpa que transfigurou as feições da filha o fez relaxar. — Estou bem. Não se preocupe comigo. Eu é que estou preocupado com você, filha. O que a fez tomar essa decisão, Hillary? Luke fizera, ela pensou. Ele a levava a considerar o casamento como um plano lógico, a solução para seus problemas.

— Por favor, explique o que aconteceu — o pai continuou — , pois não estou entendendo nada.

— Não há o que explicar. Estou casada com Luke.

— Filho do meu maior inimigo.

A declaração melodramática deixou-a exasperada.

— Do modo como fala, faz parecer que essa rixa existe há séculos. Não faz muito tempo, você e o pai de Luke eram amigos e sócios.

— Não precisa me lembrar disso — ele falou com uma careta.

— Só estou querendo dizer que vocês dois se davam bem demais. Eram grandes amigos, quando namorei Luke, no passado.

— Antes que Luke lhe partisse o coração? — Como Hillary o fitasse com olhar surpreso, ele acrescentou: — Pensa que não sei? Só se fosse cego!

— Isso foi há muito tempo, papai. Éramos jovens e tolos. Cometemos muitos erros.

— Como o casamento de ontem.

— Nosso casamento não foi um erro. — Ao menos, era o que Hillary

esperava. Era cedo demais para desistir do plano, para saber se daria certo. Consequira ao menos distrair o pai temporariamente da obsessão de vingar-se do ex-sócio. — O que você tem contra Luke? Além do pai dele, quero dizer.

— Ele a magoou uma vez. Quem me garante que não o fará de novo?

— Luke não pretende me magoar. — Claro que nada o impediria de fazê-la de maneira não intencional, mas havia o contrato para protegê-la. — Não fica feliz por mim?

Como Charles permanecesse em silêncio, Hillary voltou a falar:

— Pensei que poderíamos ficar aqui por algum tempo, só até encontrarmos um apartamento. Enquanto isso, providenciarei uma nova governanta para cuidar de você. Mas, se nossa presença vai deixá-lo nervoso...

Charles sacudiu a cabeça.

— Não. Não quero que se mude tão depressa.

— Então, vai tentar conviver pacificamente com Luke?

— Vou tentar. — Enquanto Hillary ia buscar Luke na sala, Charles acrescentou para si mesmo: — Farei o possível para me livrar dele! Quanto antes, melhor!

— Papai concordou que fiquemos aqui — Hillary anunciou, ao juntar-se a Luke.

— Devo sentir-me grato?

— Deve ajudar-me a tornar este período de transição algo fácil e tranquilo.

— Diga isso a seu pai.

— Já disse. E, agora, estou dizendo a você. Quero que vocês dois convivam pacificamente — ela falou entre dentes, prestes a explodir de irritação.

Luke conteve um sorriso.

— Ou então?

— Quer mesmo saber? — ela desafiou.

— Tenho certeza de que seu pai e eu acabaremos resolvendo nossas diferenças — Luke declarou.

— De onde vem tanta confiança?

— Da experiência.

— Já teve experiência com pais insatisfeitos?

— Digamos que minha experiência anterior com seu pai mostrou que ele é um homem bastante razoável.

— Isso foi antes dele brigar com o seu pai.

— Bem, ao menos, nosso casamento vai distraí-lo por algum tempo.

Hillary não poderia discutir tal afirmação.

— E vai continuar a distraí-lo — Luke acrescentou — , desde que deixemos claro que as hostilidades terminaram e que somos um casal muito feliz.

— O que quer dizer?

— Isto — Luke respondeu, tomou-a nos braços e beijou-a. Ela não esperava pelo assalto e não teve tempo de preparar-se contra o efeito intoxicar dos lábios dele. Num instante, estava sóbria, no seguinte, a tentação era irresistível.

E foi um beijo doce e suave, ao mesmo tempo que intenso e possessivo.

— Por que fez isso? — ela perguntou num sussurro, quando conseguiu falar.

— Por prazer — ele respondeu baixinho. — E por seu pai, que está nos observando.

— Não acredito!

Hillary virou-se e deparou com o pai, parado na soleira da porta. Sentindo-se como uma adolescente apanhada em flagrante, anunciou:

— Luke, é melhor decidirmos em que quarto vamos ficar.

— Boa idéia, embora seja por pouco tempo — ele concordou. Só então, Hillary deu-se conta de que soara ansiosa para levá-lo para o quarto.

— Por que disse que ficaremos aqui por pouco tempo? — ela perguntou, quando subiam as escadas.

— Porque um homem que se casa e vai morar com o sogro é um... — Nenhuma das palavras que Luke conhecia poderia ser usada diante de uma mulher. — Resolveremos tudo em dois dias, no máximo. Alugarei outro apartamento.

— Um que aceite cachorros?

— Killer poderá ficar aqui e fazer companhia a seu pai, por enquanto.

— Certo. Vejo que já tem tudo decidido, sem sequer me consultar. A história me soa bastante familiar — ela observou em tom sombrio.

— Por que deveria consultá-la? Não vamos ficar aqui. Tem sorte por eu haver concordado em ficar por alguns dias.

— Quanta generosidade!

— Isso mesmo! Qual é o seu quarto?

— Não podemos nos instalar nele — Hillary falou depressa.

— Por que não?

— É pequeno demais. Ficaremos em um dos quartos de hóspedes. A verdade era que, embora o quarto de Hillary fosse bastante espaçoso, continha apenas uma estreita cama de solteiro.

Para Luke, tanto fazia em que quarto dormiriam. No momento, só conseguia pensar no que fariam, uma vez instalados. O decote da blusa de Hillary mostrava-lhe apenas o bastante para aflorar lembranças da noite anterior, o modo como ela pressionara o corpo contra o seu, quando ele lhe beijara os seios, o sabor de sua boca ávida e macia...

Hillary abriu a porta de um dos quartos e perguntou:

— Que lado você prefere? O da janela, ou o do banheiro? Luke preferia qualquer lado, desde que o corpo de Hillary estivesse sob o seu. Ao olhar para a cama imensa... Hillary estava partindo a cama em duas, como Moisés separando as águas! O que parecera uma enorme cama de casal, eram na verdade duas camas de solteiro. Depois de esfregar as mãos, como quem acaba de cumprir sua tarefa, ela repetiu a pergunta:

— Que lado prefere?

— O mesmo que você — Luke respondeu.

— Fora de cogitação.

— Azar seu. Se vai redecorar o quarto, vou até meu apartamento apanhar algumas coisas necessárias.

No caminho de volta de Gatlinburg, haviam parado na construção para apanhar o carro que Hillary deixara lá, na véspera. No entanto, Luke não passara em seu apartamento, pois não queria que a esposa enfrentasse o pai sozinha. Queria ele mesmo comunicar Charles Grant que haviam se casado e que a briga ridícula com seu pai estava terminada.

— Ainda não disse que lado da cama prefere — Hillary insistiu.

— Sim, já disse — ele falou em tom sugestivo. Perturbada pela intensidade do olhar com que ele a fitou, Hillary deu vazão à irritação.

— Muito bem! Dormirei do lado do banheiro. Pode ficar com o lado da janela.

— Tanto faz. Isso não vai durar muito tempo.

— É o que você pensa.

— É o que eu sei — ele a corrigiu. — Portanto, não se preocupe em organizar demais as coisas, Hillary. Não dormiremos em camas separadas por muito tempo. — Passou um dedo pelo decote da blusa entreaberta e sorriu ao sentir-lhe o estremecimento. — Não, mesmo!

Luke não perdeu tempo em seu apartamento, apanhando apenas algumas mudas de roupa e atirando-as numa mochila. Então, voltou à construção. Ainda não conversara com Abe e pretendia fazê-lo agora.

Encontrou o mestre de obras no trailer.

— Pode me dar os parabéns, amigo. Casei-me ontem! — Luke anunciou com orgulho.

— Que rapidez!

— Não havia motivo para esperar — Luke explicou, enquanto verificava os recados sobre a mesa. — Angus deve chegar na próxima semana.

— Como se sente, agora que é um homem casado? — Abe perguntou.

— Frustrado.

— Ora, há algum problema no paraíso? A lua-de-mel terminou cedo demais?

Luke não tinha a menor intenção de contar a Abe que a lua-de-mel sequer

começara. Ali estava o tipo de assunto que não se discutia nem com o melhor amigo.

— As coisa vão se ajeitar.

— Às vezes, os melhores casamentos parecem os piores no começo. Veja Sonya e eu. Brigávamos muito no início. E ainda brigamos. — Com um sorriso largo, Abe acrescentou: — Mas eu amo aquela mulher!

— Sei disso.

Amor. Um sentimento que Luke pretendia evitar como se fosse uma doença fatal, que só servia para atrapalhar o raciocínio e transformar a vida numa grande confusão.

Luke estava satisfeito com o desejo que sentia por Hillary. Desejar era diferente de precisar, ou de amar. E não era um sentimento complicado, mas pura química. E isso ele compreendia.

— Que cara é essa? — Abe inquiriu, sobressaltando-o.

— Não é nada. Está tudo bem. Tenho tudo sob controle.

Era assim que Luke gostava de tudo em sua vida: sob controle.

Hillary estava em seu antigo quarto, sentada na cama de solteiro, praguejando contra o comportamento autoritário de Luke, quando o telefone tocou. Era sua linha particular.

— Alô?

— O que tem feito, garota? — A voz feminina possuía energia bastante para iluminar toda a cidade.

Hillary conhecia apenas uma pessoa com tamanha energia.

— Jolene?

— A própria.

— Que bom ouvir você!

Embora algum tempo se passasse entre seus telefonemas, as duas haviam desenvolvido um tipo especial de amizade, que jamais mudava. Independente do tempo ou da distância.

— Estive fora da cidade, visitando meus pais.

Nascida e criada no Tennessee, Jolene vivera em um vilarejo chamado Lonesome Valley, antes de mudar-se para Knoxville. Costumava dizer que, depois de anos em Lonesome Valley, qualquer cidade parecia uma grande metrópole.

— Deixei um recado na sua secretária eletrônica — Hillary contou. — Ao menos, acho que era sua. Não havia mensagem, apenas o som de uma música estranha.

— Essa é a secretária de Billy Bob.

— Como vão as coisas entre vocês?

— Nós terminamos há um mês.

— Ah, sinto muito.

— Não sinta, Nosso caso estava fadado a terminar — Jolene tranqüilizou-a com ar filosófico. — Ele sempre deixava a tampa do vaso sanitário levantada. Sabe o que isso significa?

— Terminou com ele por causa disso? — Hillary inquiriu incrédula.

— Claro que não. Ele também costumava matar pernilongos nas paredes e deixar os cadáveres no local do crime. Era nojento' E, também, houve o problema dele limpar minha conta no banco...

— Ah, Jolene.

— Ora, não me venha com piedade! Estou ótima. Foi ele quem se deu mal. Afinal, eu só havia deixado cinquenta dólares naquela conta. No fundo, acho que nunca confiei nele de verdade. Mas ele tinha os olhos mais lindos que já vi! Do tipo que faz uma mulher esquecer de pensar.

— Sei do que está falando — Hillary comentou.

— Parece que sabe mesmo. Não sou a única com novidades. O que se passa?

— Bem, começarei em meu novo emprego dentro de poucos dias. Escrevi sobre isso em minha última carta, antes de partir de Chicago. Trabalharei na proteção ao consumidor. Ah, e me casei no fim-de-semana — Hillary acrescentou em tom casual.

— Você o quê? — Jolene repetiu com voz estridente.

— Eu me casei.

— E não me convidou?

— Nós não convidamos ninguém. Praticamente, fugimos para casar.

O desapontamento de Jolene desapareceu.

— Verdade? Que romântico! Então, me conte. Quem é o sortido? Algum nortista de Chicago?

— Não. Ele é de Knoxville.

— Qual é o seu nome?

— Luke.

— Luke? — Jolene voltou a falar com voz estridente. — Está falando daquele Luke? McAlguna-coisa? O mesmo que a deixou arrasada há alguns anos?

— Ele mesmo — Hillary confirmou.

— Desculpe mas, por que diabos se casou com ele?

— É uma história complicada.

— Então, vou gostar de ouvir. Precisamos nos encontrar, para que você me conte todos os detalhes. Que tal almoçarmos juntas amanhã?

— Para mim, está bem.

— Ótimo. Beberemos algumas margaritas e falaremos de nossos homens.

Combinaram o local e a hora do encontro e desligaram. Só então, Hillary deu-se conta de que não estava sozinha. Luke encontrava-se parado na porta. Ela não o esperava de volta tão cedo.

— Com quem estava falando? — ele perguntou.

— Jolene. Uma velha amiga.

— Contou-lhe sobre o casamento.

Se ele sabia disso, era porque estava ali há algum tempo.

— Já que esteve ouvindo a conversa, sabe que sim.

— O que mais vai contar a ela amanhã?

— Ainda não sei.

— Pois eu sei. Fale do casamento, do que usou, essas conversas de mulher. Mas não diga nada sobre o motivo pelo qual nos casamos.

— Está me ameaçando?

— Estou avisando. Segredos só não são descobertos, quando muito bem guardados. Não seria bom para nenhum de nós se nosso segredo vazasse.

Em vez de reagir ao comentário, Hillary mudou de assunto:

— Meu pai está preparando um jantar especial para nós.

— O que ele vai servir? — Luke perguntou com ar zombeteiro. — Arsênico?

— Não. Uma de suas especialidades. *Chilli*.

Uma hora mais tarde, sentado à formal mesa da sala de jantar dos Grant, Luke refletia sobre o fato de ser aquela a primeira vez em que comia *Chilli* em um prato da mais fina porcelana. Depois de provar a comida apimentada, perguntou-se como o prato não havia se desintegrado.

— Apimentado demais para o seu gosto? — Charles perguntou com um brilho malicioso no olhar.

Luke foi obrigado a sacudir a cabeça, pois sua língua em brasa não obedeceria seus comandos. Abriu a boca para falar e aspirou o ar fresco, antes de responder:

— Minha mãe é siciliana. Fui criado à base de comidas mais fortes que esta.

— A pimenta não faz bem à úlcera de papai mas, de qualquer maneira, ele nunca exagera ao preparar *Chilli* — Hillary comentou. — Não é, papai?

Ela devia estar brincando! A menos que... Luke fitou Charles nos olhos, num desafio silencioso. O mais velho tentou blefar, mas o outro não conseguira sua reputação de mestre do pôquer por acaso. Reconheceu nos olhos do sogro uma ligeira sombra de constrangimento.

Charles havia apimentado o *Chilli* de Luke de propósito! Quem poderia imaginar? Luke concluiu que havia subestimado a intensidade da animosidade entre seus pais. Quando Hillary o procurara para falar do assunto, ele havia pensado que ela estava exagerando. Aparentemente, não houvera exagero algum.

O velho Charles estava mesmo furioso.

Agora compreendia porquê Charles insistira em preparar os pratos na cozinha, em vez de deixar que cada um se servisse. Bem, Luke não lhe daria o prazer esperado. Jurou a si mesmo que comeria tudo, até a última porção.

— Não pude deixar de notar que come o seu *Chilli* com uma colher — Charles comentou.

— Isso mesmo — Luke replicou na defensiva. Sua família não partilhava o sangue azul dos Grant.

— Nós costumamos usar o garfo — o outro declarou com orgulho. Embora tivesse o impulso de responder à altura, Luke controlou seus ímpetos. Sabia o que Charles pretendia: fazê-lo sentir-se um forasteiro, deixá-lo constrangido. Permaneceu em silêncio.

— Soube que você freqüentou a U.T. — Charles falou, referindo-se à Universidade do Tennessee.

— Sim.

— Gosta de assistir aos jogos do time de futebol da universidade?

— Quem não gosta?

— Eu. Futebol é um esporte para desordeiros.

— Deve ser por isso que gosto tanto — Luke respondeu com alegria exagerada.

— Ouvi dizer que o time da U.T. não tem jogado nada bem. Uma coisa era insultá-lo, ou até criticar sua maneira de comer *Chilli*, Luke pensou. Mas, insultar seu adorador time de futebol era outra, completamente diferente!

— Pois ouviu errado — Luke respondeu em tom seco. Então, despejou sobre Charles uma avalanche de fatos e estatísticas sobre o desempenho do time na última temporada.

— Como já disse, não me interessa por futebol — Charles repetiu, sem disfarçar um bocejo. — O golfe é um esporte muito mais civilizado.

Luke começava a ficar seriamente irritado.

— Tem razão. Um porção de homens adultos, tentando enfiar uma bolinha

num buraco ridículo, com uma bandeirinha colorida é mesmo o máximo da civilização!

Foi a vez de Charles arder de raiva.

— Está na hora da sobremesa — Hillary apressou-se em anunciar. — Que tal um pouco de sorvete para esfriar os ânimos?

— Antes disso, gostaria de propor um brinde — Luke sugeriu, erguendo sua taça de cristal. — À minha querida esposa, por me fazer o homem mais feliz do mundo. E a seu pai, por se esforçar tanto para me deixar à vontade em sua casa. — O olhar que lançou a Charles deixou claro que sabia de todos os truques usados pelo mais velho. — Obrigado, sogrinho. Fico lhe devendo esta.

— Fico contente que você e papai estejam se dando tão bem — Hillary comentou, assim que terminaram a sobremesa.

— Ah, nós nos entendemos perfeitamente.

Charles voltou à sala de jantar, depois de fazer um telefonema.

— Luke, o que acha de nos retirarmos para o meu escritório, a fim de termos uma conversa de homem para homem? — perguntou.

Hillary interpretou o convite como um sinal positivo. Além de seu pai não parecer inclinado a criar problemas, ele e Luke haviam mesmo se entendido no passado.

Luke, porém, não se deixou enganar.

— Claro, sogrinho. É uma excelente idéia.

Hillary observou-os deixar a sala, os dois homens que amava. No mesmo instante, corrigiu o pensamento. No que dizia respeito a Luke, tratava-se do homem que ela havia amado. Tudo terminara. Não o amava há tempos. Claro que não!

No escritório, Charles ofereceu um charuto e uma dose de *bourbon* a Luke.

Embora o genro não entendesse nada sobre tratamentos para úlcera, estava certo de que aqueles itens não faziam parte da dieta.

— Às surpresas — Charles brindou.

Assim que Luke esvaziou seu copo, o mais velho voltou a enchê-lo.

— Não, obrigado... — Luke recusou, em vão.

— Recusar-se a tomar um drinque comigo poderia ser considerado um insulto — Charles informou-o. — Não vai querer ofender seu novo sogro, vai?

Mesmo não fazendo qualquer comentário, Luke notou que Charles não voltara a encher o próprio copo. Concluiu que o velhaco pretendia embebedá-lo! Esperou que olhasse para o outro lado e, então, despejou o *bourbon* no vaso a seu lado.

Durante a hora seguinte, Luke regou a planta com mais três doses de bebida. Desapercebido da estratégia do genro, Charles serviu-lhe ainda mais um copo para, então, iniciar o interrogatório:

— Pode ser honesto comigo, Luke. Por que se casou com minha filha tão de repente?

Luke assumiu seu papel, fingindo ligeira embriaguez.

— Acho que não posso responder sua pergunta.

— Claro que pode!

Luke sacudiu a cabeça com veemência.

— Acredita que não vou compreender seus motivos? — Charles insistiu.

Luke aproveitou sua suposta bebedeira para declarar solenemente:

— Isso mesmo. O senhor é velho demais para entender.

— Não sou, não!

— É, sim!

— Pois vou lhe dizer uma coisa, meu jovem: tenho um bocado de experiência com as mulheres.

Luke riu, com ar de incredulidade.

— Claro, sogrinho.

— Sei muito mais do que imagina. Luke riu mais uma vez.

— Pensa que é o único homem que já se apaixonou? — Charles desafiou.

— O que existe entre Hil... Hillary e eu... — Luke interrompeu a frase, deixando que sua expressão cuidasse do resto. — É uma coisa especial.

A expressão de Charles tornou-se sombria e melancólica.

— Sei como é, você ama uma mulher, pensa que tem algo especial e, então, alguma coisa acontece e ela vai embora. E você passa a viver no inferno.

Luke assentiu em concordância.

— Está falando do seu divórcio...

Para sua surpresa, Charles interrompeu-o:

— Não me referia à mãe de Hillary. Não cheguei a me casar com a mulher de quem estou falando, embora o teria feito, não fosse pelo seu pai.

— O que papai tem a ver com isso?

— Esqueça.

Mas Luke não poderia esquecer, pois tinha a sensação de que Charles acabara de lhe uma pista preciosa para a compreensão de sua inimizade com McCallister.

Se fosse assim, lá estava mais um exemplo do que o amor podia fazer a um homem, mais uma razão pela qual Luke não pretendia apaixonar-se e deixar que uma mulher o envolvesse nas teias das emoções. Preferia ser queimado em óleo quente. Em sua opinião, uma morte assim seria menos dolorosa.

CAPÍTULO VI

Esperando no quarto que partilharia com Luke, Hillary estava curiosa para saber o que os dois homens conversavam. Já fazia quase duas horas que haviam se fechado no escritório.

Não que estivesse ansiosa para que o marido se juntasse a ela. Ao contrário, o quarto espaçoso parecia-lhe excessivamente pequeno, cada vez que se imaginava ali dentro com Luke. No momento, somente Killer lhe fazia companhia.

— Sou uma mulher casada, Killer. Você acredita nisso? Killer balançou a cabeça, mas Hillary refletiu que a dobermann não era confiável para dar aquele tipo de opinião.

Definitivamente, o nome da cachorra era sem dúvida inadequado. Hillary havia tentado mudá-lo no início, mas Killer havia resistido bravamente, recusando-se a atender por qualquer outro chamado. Naquele particular, a

dobermann era tão teimosa quanto... quanto Luke.

— Você se apaixonou por Luke à primeira vista, não foi? — Hillary perguntou, quando a cachorra deitou a cabeça em seu colo. — Como pôde atirar-se sobre ele daquela maneira? Imagino que seu próximo passo seja deitar-se no colo dele!

Killer ergueu a cabeça, fitou-a e sorriu.

Hillary estava prestes a confessar seus desejos secretos de deitar-se, ela mesma, no colo de Luke, quando ele entrou.

— As duas estão trocando confidências? — ele perguntou em tom de zombaria.

— Pode-se dizer que sim — Hillary respondeu, agradecendo aos céus por ter visto Luke, antes de expressar seus pensamentos.

— Killer não me parece disposta a ouvir suas confidências. Ela está rosnando.

— Não, não está — Hillary negou e pensou na palavra adequada para descrever o som emitido por Killer quando queria expressar contentamento. — Ela está... ronronando porque a estou acariciando.

— Sei... Então, Killer não só é um bebezão no corpo de um cão de guarda, mas também foi gato na outra encarnação. Ela deve enfrentar uma série de problemas de identidade.

— Killer não tem problema algum. Sabe muito bem quem é. Assim como eu, Hillary pensou. Ao menos, nos meus dias bons.

Quando Luke não está por perto.

— Mais uma coisa — Luke falou, ao ver a cachorra erguer a cabeça para fitá-lo. — Por que ela faz isso com a boca?

— Está sorrindo.

— Dobermanns sorriem?

— Killer, sim. E também é uma beijoqueira: a língua mais rápida das redondezas. Mas isso você já teve a oportunidade de experimentar.

— E a dona? Também é uma beijoqueira? Também tem a língua mais rápida

das redondezas?

Com deliberação, Hillary ignorou o comentário e perguntou:

— Como foi a conversa com meu pai.

—Boa.

Pelo modo como ele respondeu, ela sabia que não conseguiria obter maiores detalhes por enquanto. Assim, mudou de assunto, concentrando-se em questões mais urgentes:

— Precisamos conversar sobre nossos planos para o futuro imediato.

— O que há para conversar? Alugarei um apartamento dentro de um ou dois dias e nos mudaremos daqui.

— Se eu me mudar tão depressa...

— Espere um instante — Luke interrompeu-a. — O que quer dizer com "se"? Você é minha esposa. Irá onde eu for.

Ela lhe lançou um olhar de reprovação e continuou a falar:

— Como ia dizendo, se eu for com você, preciso fazer alguns planos com certa antecedência. Além de alugarmos um apartamento, o que você não deveria fazer antes de me consultar — advertiu-o — , há outras coisas que devem ser resolvidas.

— Como?

— Preciso contratar uma nova governanta para papai. A sra. Okido aposentou-se no mês passado. Venho pretendendo cuidar disso desde que cheguei a Knoxville, mas não tive uma oportunidade.

— Por que ele mesmo não cuida disso?

— Porque prometi que o faria — ela respondeu na defensiva. Ao fazer a promessa ao pai, estava disposta a tudo para ajudá-lo.

Ainda sentia o mesmo e não tinha intenção de mudar seus planos, só porque sua vida havia se complicado de repente. Contrataria a governanta para o pai, independente da opinião de Luke a respeito. Hillary não conseguiria explicar suas ações a Luke, uma vez que seus motivos não eram claros nem para ela mesma. Certamente, seu senso de responsabilidade para com o pai solitário

somara-se à sua tendência de fazer tudo sempre certo.

— Se vou me mudar em breve, a contratação da governanta torna-se minha prioridade número um. Não posso deixá-lo aqui, completamente sozinho.

— Ele não vai ficar sozinho. Killer lhe fará companhia. Ao ouvir seu nome, Killer desceu do colo de Hillary e deitou-se no tapete.

— Killer não sabe cozinhar, lavar ou limpar — Hillary retrucou.

— Seu pai não sabe fazer essas coisas?

— Sabe, mas não tem tempo. Passa muitas horas no escritório e, quanto está em casa, o jardim exige a maior parte de sua atenção.

— Bem, então, contrate uma governanta. Qual é a dificuldade?

— E óbvio que você nunca tentou encontrar uma.

— Não, mas tenho uma amiga que é dona de uma agência de empregos. Pedirei a ela que mande algumas candidatas. Aliás, ela pode cuidar de tudo sozinha. Enquanto isso, você começaria a tomar as providências para a mudança. Já lhe disse que só ficaremos um dia ou dois por aqui.

— Quer fazer o favor de parar de me dar ordens? Detesto isso! — Hillary declarou irada. — Não gostei quando praticamente ordenou que eu me casasse com você e continuo não gostando desse seu jeito. Você é autoritário demais para o seu próprio bem.

Com um sorriso maroto, ele replicou:

— E você é sexy demais para o seu próprio bem. Como vou ficar longe de você? Ah, mas não preciso ficar longe, não é mesmo?

— Precisa, sim! — ela se afastou, quando Luke sentou-se a seu lado.

— Não é o que diz o contrato pré-nupcial.

— Mas é o que eu digo.

— Você diz muito mais... com seus lábios, quando me beija. — Com a ponta do dedo, Luke circundou-lhe a boca. — E é isso que desejo ouvir.

Hillary sabia que não deveria dar-lhe ouvidos. Ele a estava seduzindo ou, ao menos, tentando. E o fazia com suas mãos suaves, a voz macia e Seus olhos... Os mais lindos olhos verdes que ela já vira, do tipo que Jolene descrevera: capazes

de fazer uma mulher esquecer de raciocinar.

No momento, Hillary encontrava grande dificuldade em raciocinar, pois Luke havia deslizando a ponta do dedo até atrás de sua orelha. Ela estremeceu. Aquela era uma de suas zonas erógenas mais potentes. E Luke sabia disso. Hillary não conseguia decidir se devia amaldiçoá-lo ou abençoá-lo.

Assim que conseguiu dominar o prazer provocado pelo toque íntimo, ele deslizou o dedo por seu pescoço, mudando o ataque de uma zona super-sensível para outra. Como ela poderia vencer aquela batalha, se ele mudava a linha de fogo a cada momento?

Finalmente, ele pousou a mão em seu ombro, os dedos curvados num gesto possessivo.

— Está tensa — Luke comentou com ligeira surpresa. — Por quê?

Como se ele não soubesse, Hillary pensou.

— Porque estou prestes a começar num novo emprego — respondeu. — Para não mencionar uma nova vida.

— Tudo vai dar certo — ele assegurou. — Você sempre se sai bem.

Era isso mesmo o que ele pensava? Ah, como sabia pouco a seu respeito!

— Certo — Hillary concordou.

— O que está deixando você nervosa? Nunca vi tamanho mau humor!

— Não estou de mau humor! E, se estivesse, motivos não faltariam. Em duas semanas, voltei a Knoxville, reencontrei você, nos casamos da noite para o dia e, ainda, sou comunicada que devo me mudar de novo, dias antes de iniciar meu novo trabalho.

— Está dizendo que sua energia acabou? — ele perguntou, com um olhar deliberado para seus seios.

Hillary reagiu com uma cotovelada igualmente deliberada em suas costelas.

— Estou dizendo que não preciso sofrer mais pressão. Já tenho problemas demais!

Por exemplo, como manter a cabeça no lugar com Luke tão perto, tentando-a sem parar.

— Trate de se acalmar — ele sugeriu. — Está precisando de uma boa massagem.

Luke ajeitou-a numa posição melhor e começou a massagear-lhe as costas, encontrando os nódulos causados pela tensão e desfazendo-os com grande habilidade.

Hillary descobriu que seria impossível manter-se em guarda vinte e quatro horas por dia. Assim, à medida que as mãos hábeis operavam verdadeiros milagres em seus músculos, ela foi relaxando pouco a pouco, até entregar-se por completo. Sentiu vontade de ronronar, como Killer fazia quando era acariciada.

Luke surpreendeu-a, assim como a si mesmo, por nem sequer tentar tirar vantagem de sua aceitação passiva. Afinal de contas, sabia que ela tivera um dia duro, depois de passar parte da noite no chão do motel em Gatlinburg.

Além disso, suspeitava que ela já estivesse parcialmente adormecida. Espiou por sobre seu ombro e confirmou o que imaginara. Hillary tinha os olhos fechados e uma expressão de paz quase infantil.

Tomou-a nos braços e carregou-a até sua cama. O confortável conjunto de moletom azul-claro que ela usava poderia muito bem fazer as vezes de pijama. Além disso, enquanto massageava-lhe as costas, Luke descobrira que ela já havia se livrado do sutiã. Assim, estava pronta para uma boa noite de sono.

E seria melhor assim, ele pensou ao ajeitá-la na cama. Se tivesse de tirar-lhe a roupa, todas as suas boas intenções voariam pela janela.

Assim, Luke limitou-se a cobri-la e encaminhar-se para sua cama vazia e solitária. Todo o tempo, resmungou sobre a estrada para o inferno ser pavimentada de boas intenções.

Atordoada pelo sono, Hillary reconheceu o som de um chuveiro ligado e a voz de alguém cantando fora de tom. No meio da noite? Apertou os olhos, focalizando o relógio digital que trouxera de seu quarto: cinco e meia.... Cinco e meia?

Jamais em sua vida havia considerado qualquer momento anterior às seis horas, como sendo de manhã. Tentou virar-se para o lado e voltar a dormir, mas

Luke insistia em cantar a mesma música tocada durante a cerimônia de seu casamento. Não era à toa que estava tão desafinado!

Ela finalmente desistiu de dormir e acendeu a luz, à procura de alguma arma que pudesse usar para atacar seu marido. Não pretendia feri-lo, apenas obrigá-lo a calar-se.

Mas, quando Luke entrou no quarto, usando nada além de uma toalha presa à cintura, Hillary concluiu que havia algumas vantagens em acordar cedo. Permitiu-se um momento de prazer, sentada na cama, deliciando-se com a visão. Ouvira dizer que não existia nada mais lindo do que o orvalho sobre as flores ao nascer do sol. Pessoalmente, duvidava que qualquer paisagem sequer chegasse aos pés do efeito produzido pelas inúmeras gotinhas de água que brilhavam e escorriam pelo peito musculoso de Luke.

— Que bom que está acordada — ele falou. Acordada e prestes a atirar-se sobre ele, Hillary pensou.

— Estive pensando... — Luke começou a falar.

Hillary também pensava... em arrancar aquela toalha de sua cintura.

— Hillary, está me ouvindo?

— Desculpe — ela murmurou, despertando de seus devaneios. Quando Luke sentou-se ao pé de sua cama, ela pensou que jamais conseguiria recuperar sua paz de espírito, como aquele homem completamente à vontade a seu lado.

— Estive pensando em mais de uma boa razão para contratarmos uma governanta para o seu pai — ele falou. — Especialmente, se conseguirmos encontrar uma governanta bonita.

Hillary franziu o cenho.

— Do que está falando?

— Não lhe contei ontem à noite, mas tenho motivos para acreditar que a briga entre meu pai e o seu teve algo a ver com uma mulher.

Aquilo era novidade para Hillary. Todas as vezes em que tentara conversar com seu pai sobre o porquê ele e McCallister haviam brigado, Charles se recusara a falar.

— O que o fez chegar a essa conclusão?

— Seu pai me disse uma coisa ontem à noite.

— Que coisa?

— Mencionou uma mulher que não era sua mãe. Sabe algo a respeito?

— Não. Que eu saiba, ele não teve qualquer relacionamento sério depois do divórcio. Quando ele conheceu a tal mulher?

— Não sei.

— Então, como sabe que não falava de alguém que conheceu antes de se casar com mamãe?

— Ele disse que teria se casado com ela, não fosse por meu pai. Hillary ficou estarecida. Não fazia idéia de que o pai havia sequer considerado casamento em sua vida.

— Por que ele não me falou sobre isso?

— Não faço idéia. Talvez tudo tenha acontecido enquanto você estava em Chicago. Talvez ele não tenha se sentido à vontade para discutir esse tipo de assunto com você.

— Ainda assim, casamento é um passo muito sério. As pessoas costumam refletir sobre uma decisão como esta. Exceto nós dois — ela se sentiu obrigada a acrescentar.

— Ei, eu pensei muito no nosso casamento — Luke protestou

— Sei. Uns quinze minutos.

— E você me enrolou por uma semana.

— Não enrolei ninguém. Considerei a possibilidade, analisei os prós e os contras e acabei me casando com você do mesmo jeito — ela explicou em tom sombrio. — Mas estávamos falando de meu pai.

— Uma governanta atraente parece uma solução lógica. Ele precisa de uma mulher em sua vida. Assim, deverá esquecer essa briga absurda.

— Pensei que nosso casamento deveria distraí-lo.

— Deveria. Deve. Foi o primeiro passo. E está funcionando.

— É cedo demais para saber. Você ainda nem contou a seu pai sobre o

casamento, não é?

Luke sacudiu a cabeça.

— Vai telefonar para ele? — Hillary perguntou.

— Não. Vou visitá-lo hoje.

— Está nervoso com a perspectiva de dar-lhe a notícia? Ah, já ia me esquecendo! Estou falando com o homem dos nervos de aço.

Notando o brilho zombeteiro nos olhos dela, Luke declarou:

— Neste momento, meus nervos não são a única coisa feita de aço.

— Tem tempo para mais um banho antes de sair para o trabalho — ela falou, recusando-se a demonstrar embaraço. — Tente água fria, desta vez.

— Não vou trabalhar — ele informou, abrindo sua mochila. — Hoje é domingo.

— Então, por que se levantou tão cedo?

— Para correr — Luke respondeu, exibindo o minúsculo calção que retirara da mochila.

— Não vai sair vestindo isso!

— Não?

— Não. É indecente!

— Nesse caso, é melhor fechar os olhos, querida esposa. Vou ficar ainda mais indecente — avisou, levando a mão à toalha.

Resistindo ao impulso de espiar, Hillary manteve os olhos bem fechados. Ouviu a toalha escorregar para o chão e o náilon do calção deslizando pela pele de Luke. Ele havia vestido a cueca antes? Ela esperava que sim. O ciúme provocado pela idéia de que outras mulheres poderiam apreciar o corpo de seu marido provocou-lhe um sobressalto.

Abriu os olhos quando Luke beijou-lhe a testa e saiu. A imagem do calção agarrado aos músculos perfeitos ficou gravada em sua memória.

Luke tomou um café da manhã reforçado, depois de provar de cada item sobre a mesa, a fim de certificar-se de que Charles não pusera pimenta em nada. Então, foi de camionete até o escritório do pai. O domingo podia ser um dia de

descanso para muita gente, exceto Shawn McCallister. Embora não houvesse crescido em contato com as coisas boas da vida, Shawn adquirira forte gosto por elas nos últimos anos. A mobília de seu escritório era da melhor qualidade, especialmente planejada para sua complexão robusta. Luke sabia que a mesa de granito custara cem vezes mais que a de seu escritório, mas também sabia que o pai trocava vinte mesas como aquela para ajudar o filho. Por isso, Luke desenvolvera a determinação de jamais pedir-lhe ajuda.

— Olá, pai — cumprimentou ao entrar na sala. — Tenho novidades cara você.

— É mesmo? — Shawn replicou com um sorriso que reservava apenas para Luke.

— Sim. Eu me casei ontem. Shawn riu alto.

— Claro! Agora, conte outra.

Luke franziu o cenho. Começava a irritar-se com a reação das pessoas à notícia de seu casamento. Quando dissera a Hillary para casar-se com ele, ela imaginara que ele estivesse brincando. Charles Grant pensara o mesmo ao saber que os dois haviam se casado. Agora, seu próprio pai esboçava a mesma reação.

— Estou falando sério. Eu me casei, na verdade, há dois dias. Fugimos para Gatlinburg.

— Um tanto repentino, não? — Shawn comentou com ar suspeito.

— Fez mal a alguma mocinha?

Luke já estava acostumado ao discurso direto de seu pai.

— Não. A menos que considere o casamento um mal.

— Quem é ela?

— Alguém que você conhece.

— Ah, conheço? — Shawn levantou-se e deu a volta na mesa.

— E gosto dela? — inquiriu, dando um soco de leve no braço do filho.

Luke reconheceu o gesto como uma reminiscência dos jogos de futebol no parque e das lutas que fingiam no chão da sala, quando ainda era criança.

— É melhor gostar — respondeu, devolvendo o soco amigável.

— Diga logo! Quem é o novo membro da família McCallister?

— Hillary.

— Hillary de quê?

— Hillary McCallister, claro.

— Hillary, Hillary... — As espessas sobrancelhas de Shawn ergueram-se. — E qual era seu sobrenome, antes de tomar-se McCallister? — perguntou desconfiado. — Ah, meu Deus! Você não... não casou com Hillary Grant, casou?

— Sim, senhor.

— Você enlouqueceu, filho? Aqueles calculistas dos Grant não são confiáveis!

— Sei que você e o pai dela têm essa rixa...

— Rixa! — O rosto de Shawn estava vermelho. — Pois aquele canalha me traiu! Roubou-me algo que jamais poderá ser substituído!

— O que ele roubou? — Luke perguntou, curioso por este novo ângulo da situação.

— Vamos devagar. Por que se casou com ela, afinal? O que pretende fazer? Não podia simplesmente levá-la para a cama?

— Ela é minha esposa — Luke declarou em tom seco e um brilho de advertência no olhar.

Shawn parecia mais magoado do que furioso.

— Viu só? Casou-se há menos de dois dias e ela já está jogando você contra mim!

— Ela não fez nada disso.

— Foi por isso que ela me procurou na semana passada? Para se gabar de haver convencido você a casar-se com ela?

— Mulher alguma me convence a fazer seja o que for — Luke corrigiu-o com voz ríspida. — Devia saber disso!

— Pensei que soubesse... até você se envolver com aquela maldita família. Aquela gente só tem más intenções, filho.

— Por que não me conta de uma vez o que foi que Charles Grant roubou de

você? — Luke sugeriu. — Dinheiro? Clientes?

— Ele me roubou alguns clientes ao longo dos últimos quatro anos. Mas garanto que roubei três vezes mais clientes dele! — Shawn afirmou com orgulho.

— Então, por que brigaram? Por causa de uma mulher?

O pai fitou-o com olhar irado, fornecendo-lhe assim a resposta.

— Foi uma mulher — Luke concluiu. — Vocês dois quase se mataram por uma mulher!

— Não se mostre tão surpreso — Shawn retrucou irritado. — Ainda não estou morto! Sou perfeitamente capaz de sentir paixão por uma mulher!

— Não quis dizer que não pode. Só não acredito que tenha sido capaz de desfazer uma sociedade lucrativa e iniciar uma briga sem fim por causa de uma mulher.

— Ela não era uma qualquer. Era alguém especial. Uma santa! E não vou discutir o assunto com você.

— Por que não?

— Não me parece apropriado.

— Já sou crescidinho, papai. Até já sei que a cegonha não existe.

— Ah, sabe?

— Sei!

— Pois só vai conseguir problemas como esse seu casamento. Não confio nos Grant. São falsos e interesseiros. Tanto o pai, quanto a filha.

— Papai... — Luke murmurou em tom de advertência.

— Só quero dizer que deve se cuidar, filho. Existe a chance de que sua nova esposa esteja de acordo com aquela serpente do pai dela. Tudo isso pode ser uma armadilha. Luke. Talvez tenham arquitetado um plano de vingança.

— Não se preocupe, papai Confie em mim: não há plano algum. Ao menos, não da parte deles.

As feições de Shawn iluminaram-se

— Está me dizendo que você tem um plano...?

— Não, papai! Hillary é sua nora. agora. Faz parte da família. E foi você quem me ensinou que a família é o que há de mais importante na vida de um homem.

— Isso foi antes de sua mãe me deixar e de você se casar com a filha do meu maior inimigo.

— Está querendo dizer que não me considera mais sua família? — Luke desafiou-o.

— Não seja ridículo! Você é meu filho e será sempre, mesmo quando fizer coisas absurdas e estúpidas, como casar-se escondido.

— Ora, obrigado, papai.

— Mas é melhor ter cuidado. Ainda acho que aqueles dois estão planejando alguma coisa...

— Eu adoraria ficar mais, papai — Luke interrompeu-o — . mas preciso passar no meu escritório...

— Como pode chamar aquele trailer horrível de escritório? — foi a vez de Shawn fazer a interrupção. — Quando é que vai arranjar um local decente para trabalhar?

— Um dia. Estou prestes a fechar um acordo...

— E...?

— E talvez lhe conte depois que estiver tudo acertado.

— Como pode torturar seu pai assim? Se eu morrer amanhã, irei para a sepultura, sem saber o que meu único filho estava fazendo!

— Estou fazendo o melhor possível. Por enquanto, é só o que precisa saber. E você não vai morrer amanhã. Tem a saúde de um touro.

Shawn riu.

— E você sabe a quem puxou. Fico contente que tenha herdado tanta coisa de mim, filho.

— Eu também, papai.

E ficava ainda mais contente pelo que não herdara, Luke pensou.

Jamais permitiria que as emoções guiassem sua vida, como seu pai

permitira.

Podia haver herdado a determinação do pai, bem como a tendência dramática da mãe, mas aprendera a canalizar tais energias na luta por seus ideais.

No momento, Luke tinha dois objetivos. O primeiro era levar Hillary para sua cama, onde era seu lugar. O segundo, ter Angus Robertson como investidor no projeto de moradia para aposentados. Uma vez conquistados estes dois ideais, Luke seria um homem bastante satisfeito.

A três quarteirões dali, Hillary conversava com Jolene em um restaurante mexicano. Após o encontro matutino com Luke, sentira necessidade de recuperar sua confiança abalada. Assim, vestira uma de suas roupas prediletas: calça preta, blusa marfim decotada e casaquinho azul claro. O topázio que pendia da corrente presa ao seu pescoço era sua pedra da sorte e fora um presente de sua mãe.

— Muito bem — Jolene falou. — Já temos nossas margaritas. Agora, pode contar todos os detalhes da sua história, Eu nem sabia que você estava saindo com Luke outra vez!

— Na verdade, nós não estávamos saindo juntos — Hillary falou sem pensar.

— Então, trocavam correspondência, enquanto ele esteve fora do país?

— Bem...

— O que exatamente andaram fazendo, além de se casarem?

— O bastante para estarmos casados agora. Jolene arregalou os olhos.

— Por acaso, já providenciaram uma família?

— Não!

— Não compreendo. Hillary — Jolene declarou de cenho franzido.

— Está me escondendo alguma coisa.

— Se eu lhe contar, seria capaz de jurar por sua coleção de discos de Dolly Parton que não vai contar a ninguém?

— Juro — a outra confirmou, erguendo solenemente a mão direita.

— Por meus discos de Dolly Parton e pelos CDs de Randy Travis e Garth Brooks.

Conhecendo o fanatismo da amiga por sua coleção de música *country*, Hillary teve certeza de que seu segredo ficaria bem guardado, a despeito das palavras de Luke.

— A verdade é que Luke e eu nos casamos porque... — Como explicaria à melhor amiga que havia se casado porque Luke assim ordenara e porque ela contava com pouquíssimas opções.

— Sim? — Jolene pressionou. — Casou-se por que?

— Trata-se de um casamento de conveniência. A outra ficou séria.

— Conveniente para quem?

— Para a situação.

— Que situação? Droga, Hillary! — ela exclamou exasperada. — Arrancar esta história de você está sendo mais difícil do que extrair dentes de uma galinha!

Concordando com Jolene, Hillary decidiu contar tudo, desde o início:

— Meu pai e o pai de Luke têm uma rixa que já dura anos.

— Por causa dos filhos?

— Não. Nós nos casamos para pôr um fim à briga.

— Por que acha que vai funcionar?

— Foi Luke quem chegou a esta conclusão. E tudo parece mais viável e lógico quando ele dá as explicações. Somos ambos filhos únicos. Nosso casamento unirá as duas famílias.

— Duas famílias em guerra.

— Bem, não são as famílias que estão em guerra, só nossos pais. Luke e eu não temos nada a ver com isso. Eu nem sabia que a situação era tão séria, até chegar em Knoxville. Como sabe, passei pouquíssimo tempo aqui, nos últimos quatro anos.

— Sim, eu percebi. E pensei que Luke fosse a razão de seu sumiço. Ainda gosta dele?

— É difícil explicar, Jolene. Ele mexe comigo. Sei que não devia ser assim, mas não consigo evitar. Pensei que o havia esquecido, que já não sentia mais

nada por ele. Mas, quando fui vê-lo e acabei em seus braços...

— Ei, espere um pouco! Como acabou nos braços dele? Não me contou essa parte.

— Foi um acidente. Eu estava entrando no trailer que ele usa como escritório, ele estava saindo... Mas isso não tem importância. O que importa é que toda a magia negra voltou. Foi incontrolável,

Jolene. Todo o tempo que passamos separados não diminuiu em nada a atração que existe entre nós. . — E Luke sentiu o mesmo?

— Quem pode saber o que Luke sente? Ele não é do tipo que demonstra suas emoções. Sempre acreditei que essa era a maneira dele se proteger, mas já não tenho tanta certeza. Só sei que ainda me deseja. Ele até falou isso.

— Bem, já é um começo.

— O problema é que, com Luke, isso não é só o começo. É o meio e o fim, também. O que existe entre nós é só atração, pura química.

— E ele usou a química para convencer você a se casar?

— Luke praticamente me ordenou que eu me casasse com ele. Fui procurá-lo para pedir que me ajudasse a pôr um fim à briga entre nossos pais e ele disse que só resolveríamos o problema se nos casássemos.

— Simples assim?

— Simples assim.

— Parece que não estamos falando de nenhum príncipe encantado. Hillary não queria que Jolene tivesse uma impressão errada.

— Você não o conhece...

— E pelo que ouvi até agora, não sei se quero conhecê-lo — Jolene interrompeu-a.

— Luke não é má pessoa.

— Claro que não. Se fosse, você não se casaria com ele, nem mesmo por seu pai. Mas ele pode criar problemas.

— Tem razão. Mas não entrei nisso de olhos fechados. Na verdade, nosso casamento é só aparência.

Mal acabou de falar, Hillary deu-se conta de que a margarita começava a fazer efeito. Do contrário, ela não haveria confessado um segredo tão íntimo.

— Está me dizendo que vocês não...?

Hillary sacudiu a cabeça e inclinou-se sobre a mesa.

— Redigi um contrato pré-nupcial. Uma das cláusulas determina que o casamento não deverá se consumar.

— E ele assinou? — Jolene riu incrédula.

— Na verdade, ele não leu direito. Estava ansioso para chegar a Gatlinburg para o casamento.

Hillary contou a cerimônia e descreveu a noite de núpcias. Quando terminou sua história, as duas tinham lágrimas nos olhos, de tanto rir.

— Pois vou lhe dizer uma coisa — Jolene comentou entre gargalhadas. — Se você sobreviveu às chamas do amor, sobreviverá a qualquer coisa.

— Não tenho tanta certeza disso — Hillary admitiu, lembrando-se do quanto se sentira tentada a atirar-se nos braços de Luke naquela manhã. — Luke está confiante de que vai acabar me convencendo a ir para a cama com ele.

— E você?

— A maior parte do tempo, acredito que serei capaz de resistir, mas às vezes é difícil.

— Aposto que sim — Jolene falou com ar malicioso.

— Não seja maldosa.

— Ora, você foi muito esperta ao inserir a tal cláusula no contrato.

— Foi o que Luke disse.

— E ele aceitou tudo muito bem.

— Bem demais. Sei o que ele está pensando: que vai me seduzir. Pois está enganado!

— Quem você pensa que está enganando?

— Homem nenhum merece o sofrimento de uma mulher.

— Vamos brindar a esta frase tão sábia!

As duas tocaram seus copos e voltaram a cair na gargalhada.

— Que comentário mais machista! Vai dizer que não contou nada a seu pai ou a seus amigos?

— Não saio por aí contando minhas intimidades.

— Você nunca diz nada sobre si mesmo a ninguém, não é, Luke?

— Certo.

— Não vejo motivo de orgulho nisso.

— Eu vejo.

— Não, de acordo com o meu modo de ver as coisas.

— Então, precisa mudar seu jeito.

— Já percebeu que o mundo inteiro está errado, enquanto você está sempre certo? Não acha incrível?

— Incrível — ele concordou com um sorriso, deliciando-se ao ver a ira iluminar aquele lindo rosto. — Está casada com um homem incrível, irlandesa.

O coração de Hillary deu um salto. Luke não a chamava de irlandesa desde a última vez em que haviam feito amor, quatro anos antes. Tratava-se de um apelido especial, que ela sempre aceitara como um elogio. Ele costumava dizer que ela possuía olhos irlandeses e adorava observar-lhes o brilho enquanto faziam amor. Hillary entendera tal comportamento como um sinal de amor. E havia se enganado.

— Não me chame assim — ordenou em tom seco. Imaginara que ele havia esquecido o apelido, uma vez que não o usara nenhuma vez, desde que ela chegara a Knoxville. Imaginara que estava segura. Mais um erro, pois jamais teria segurança com Luke por perto, decidido a seduzi-la.

— Algum problema? — ele perguntou preocupado. — Parece um pouco nervosa.

— Estou com dor de cabeça.

— Sente-se inquieta, não é? — ele inquiriu com a astúcia que Hillary detestava.

E, o que era pior, seu olhar indicava que ele relacionava sua inquietação à atração que sentiam um pelo outro. Lançou-lhe um olhar furioso e ameaçou:

— Se mencionar a palavra hormônio, será um homem morto!

— Por mencionar os seus hormônios, ou os meus?

— Você deve possuir tendências suicidas. E minha dor de cabeça nada tem a ver com hormônios. Começou logo depois do almoço,

— Por quê? Beberam muitas margaritas? — Examinando-lhe as feições, Luke sugeriu: — Nunca tente jogar pôquer, Hillary. Você é muito transparente.

— O que quer dizer?

— Que você não sabe mentir.

— Sei, sim. Menti a meu pai sobre os motivos pelos quais nos casamos.

— E ele ficou mais calmo, não ficou?

— Acho que sim. Ainda é cedo para saber.

— Tivemos uma conversa muito interessante, ontem à noite.

— Por falar nisso, saberia me dizer por que a planta do escritório de papai amanheceu murcha?

Luke deu de ombros.

— Ontem, ela estava ótima — Hillary insistiu. — Não faz idéia do que aconteceu?

— Talvez tenha recebido água em excesso — ele sugeriu lembrando-se das várias doses de *bourbon* que despejara no vaso.

— Talvez.

— Se não nos apressarmos, chegaremos atrasados na imobiliária

— Luke anunciou.

— Que imobiliária?

— Marquei hora com um corretor.

Como sempre, Luke já providenciara para que as coisas fossem feitas à sua maneira.

— Espero que possamos encontrar um apartamento de dois quartos — ela falou e, ao notar o brilho malicioso nos olhos dele, acrescentou:

— Três seria melhor.

— Boa idéia.

— Você acha? — A voz de Hillary refletia surpresa. — Fico contente que concorde comigo.

— O terceiro quarto será o do bebê.

— Não estou pensando em um bebê! Transformaremos o terceiro quarto em escritório..

— Pare de se preocupar — Luke falou, pegando-a pelo braço e levando-a para fora. — A maioria dos imóveis que vamos visitar são casas. Tenho certeza de que encontraremos uma que nos satisfaça.

— Assim espero — ela resmungou, enquanto ele a levava até um Buick azul metálico. — De quem é este carro?

— Meu.

— Pensei que tivesse uma camionete.

— Tenho uma camionete e um carro. Há alguma lei que me proíba?

Não, Hillary pensou, mas devia haver uma lei que proibisse aquele sorriso que a deixava atordoada. Não era justo!

Parada tão perto, ela podia ver cada detalhe de seus olhos verdes. Aqueles olhos que exibiam as melhores cores da Natureza: o verde das folhas de primavera, a tonalidade mais profunda da grama viçosa, além de toques dourados e castanhos. A palavra verde não descrevia a magia existente em seus olhos. E ainda havia as mensagens secretas que eles lhe enviavam a todo momento.

Como naquele momento. Enquanto a ajudava a acomodar-se no banco do passageiro, Luke observava o modo como a saia de Hillary deslizava por sua coxa. Embora virasse a cabeça, ela ainda podia sentir-lhe os olhos a acariciá-la, despi-la, cheios de promessas.

Hillary agarrou a maçaneta da porta e fechou-a, desejando poder fazer o mesmo com seus sentimentos.

Mesmo com a atitude autoritária de Luke e o comportamento impulsivo de Hillary, os dois conseguiram concordar sobre a casa ideal, ao final do dia. Tratava-se de uma casa espaçosa, com três quartos, uma grande sala, onde o

presente de casamento de Hillary ficaria lindo, e um quintal de conto de fadas. No entanto, só poderiam mudar-se para lá no fim-de-semana seguinte, uma vez que seriam necessárias pequenas reformas e uma pintura.

Para Hillary, a combinação seria perfeita. Como tivesse de iniciar seu novo trabalho no dia seguinte, não gostaria de preocupar-se com mudança durante a semana. Na verdade, sua mudança seria mais que simples, uma vez que a maior parte de seus pertences ainda encontrava-se empacotada desde sua vinda de Chicago. Embora houvesse planejado alugar um apartamento para morar sozinha, decidira fazer as coisas com calma.

Agora, mal acreditava que tudo havia se alterado de maneira tão radical. Suspirou de cansaço. Nos últimos dias não fizera nada além de correr e tomar decisões de última hora. Tinha um novo marido, uma nova casa e um novo emprego. Seu nível de tensão não poderia ser mais alto.

— Viveremos aqui apenas até podermos comprar nossa casa — Luke anunciou. — Não pretendo pagar aluguel pelo resto da vida.

Pelo resto da vida... Hillary perguntou-se até quando aquilo iria durar.

— A propósito, receberei um investidor importante na próxima sexta-feira — Luke informou-a. — Gostaria que fosse comigo ao aeroporto para buscá-lo. Levaremos Angus e sua esposa até o hotel e, então, sairemos para jantar.

— Mas teremos de fazer nossa mudança no próximo fim-de-semana — Hillary lembrou-o.

— Não vamos precisar de muito tempo.

Devia ser fácil mudar-se, para alguém que conseguia resolver seus problemas com uma mochila, Hillary pensou. Ela, porém, havia adquirido muitas coisas ao longo dos anos e o transporte não seria assim tão simples.

— Hillary, é muito importante para mim que me acompanhe na sexta-feira.

Ela teve o ímpeto de perguntar quem era importante: o investidor ou ela. No final, decidiu-se por outra pergunta:

— A que horas devo estar livre?

— Cinco e meia.

— Está bem. Estarei lá.

— Ótimo.

Durante o trajeto de volta à casa de Charles, Luke fez mais uma comunicação:

— Agora que já temos nosso lar, acho que está na hora de providenciarmos uma reuniãozinha com nossos pais.

— Os dois? — Hillary perguntou cheia de dúvidas. — Ao mesmo tempo?

— Sim.

— É melhor reuni-los em território neutro.

— Pensei em combinar um jantar para quinta-feira, num restaurante. E talvez seja melhor não contar a eles que ambos foram convidados.

— Acha boa idéia mentir para eles?

— Não se trata de uma mentira, mas sim de uma pequena omissão. E não vejo outro modo de reuni-los pela primeira vez. Tenho certeza de que, depois que dermos o primeiro passo, o resto será mais fácil.

Hillary duvidava, mas não fez comentários.

Hillary dormiu mal naquela noite. Havia muito com o que se preocupar: sua reação cada vez mais intensa a Luke, o iminente encontro de seu pai com o dele, sua mudança para a nova casa. Mas, no momento, sua prioridade era o trabalho, que ela iniciaria pela manhã.

Já escolhera o traje que usaria. Depois de mudar de idéia três ou quatro vezes, decidiu-se por um conjunto azul marinho, cujo modelo inspirava classe e qualidade. A blusa vermelha acrescentaria um toque colorido e arrojado.

Revirando-se na cama, suspirou profundamente. Daria tudo por um pouco de paz e sossego. Porém, sabia que estava querendo demais. Em vez de render-se ao sono e ao cansaço, sua mente continuava a repassar cada detalhe de tudo o que teria por fazer ao longo da semana.. E, também, recordando o que ela havia feito na semana anterior. Como casar-se com Luke.

— Quer outra massagem?

A voz de Luke na escuridão sobres saltou-a.

— Pensei que estivesse dormindo — falou.

— Como posso dormir com você se revirando e suspirando sem parar?

— Desculpe.

— Quer brincar de unir as sardas? — ele sugeriu em tom malicioso.

Embora se esforçasse, Hillary não conteve uma risada.

— Não era bem essa a reação que eu esperava — Luke declarou, fingindo-se desapontado.

Ela cobriu a boca com a mão, a fim de abafar uma gargalhada e disse:

— Sinto muito.

— Eu também.

— Sente por quê?

— Por não estar na mesma cama que você, brincando de unir as sardas.

Hillary teve de admitir que parte dela também sentia muito. O que lhe forneceu mais um motivo de preocupação para espantar-lhe o sono. Depois de muito esforço, ela finalmente adormeceu, só para sonhar com Luke deitado em sua cama, unindo cada uma de suas sardas à mais próxima, começando pelas duas atrás do joelho esquerdo, até chegar àquela mais escondida, na parte interna de sua coxa... tão perto...

Despertou com um sorriso nos lábios e logo reconheceu a voz desafinada de Luke, que cantava no chuveiro. Então, a música cessou e ele resmungou alto:

— Onde está o meu sabonete?

Hillary lembrou-se de que havia jogado fora o minúsculo sabonete que encontrara na noite anterior.

— Use o meu! — gritou para ele.

Aparentemente, ele aceitou a sugestão, pois não voltou a reclamar. Por outro lado, também não voltou a cantar, embora Hillary pudesse jurar tê-lo ouvido resmungar baixinho algumas vezes.

Luke voltou para o quarto com ares de poucos amigos. Tinha a toalha presa à cintura e o sabonete de Hillary na mão.

— Sabe que cheiro tem isto? — sacudiu o sabonete.

— Pepino. É suave e refrescante.

— Para uma mulher, pode até ser — ele falou mal humorado. — Acontece que administro uma companhia de construção, Hillary. Não me parece boa idéia chegar pela manhã, cheirando a pepino!

Hillary não pôde conter um sorriso.

— Podia ser pior. Tenho sabonetes de rosas, também.

Sem se dar ao trabalho de responder, Luke depositou o sabonete em um pote de porcelana sobre a mesinha de cabeceira e apanhou sua mochila. Hillary fechou os olhos no momento em que ele tocou a toalha com os dedos e só voltou a abri-los, ao ouvir o zíper da calça branca ser fechado. Observou-lhe os músculos bem desenhados das costas, enquanto ele vestia uma camiseta, também branca. E riu mais uma vez ao vê-lo cheirar o braço com ar irritado.

— Pepino! — ele exclamou.

— Prometo comprar sabonetes masculinos para repor o que joguei fora.

Deveria estar furiosa por ele a haver acordado, antes mesmo que houvesse o menor sinal de luz do sol lá fora. Mas não se sentia capaz de reunir a energia necessária para enfurecer-se. Afinal, ele parecia tão lindo ali parado, os cabelos escuros ainda molhados e despenteados.

Ainda resmungando, Luke retirou da mochila uma camisa de trabalho.

— Fique à vontade para pendurar sua roupa no armário — Hillary ofereceu.
— Não precisa guardar tudo na mochila.

— Para mim está bem assim.

Hillary desfrutou da visão dos dedos longos abotoando a camisa. Cumpriam sua tarefa com uma economia de movimentos muito comum em todas as atitudes de Luke. E ela gostava daquelas mãos: de vê-las, de senti-las. Sempre fora assim.

Ele se sentou na cama para calçar as meias e as botas. As lembranças do sonho erótico que Hillary tivera há pouco levaram-na a imaginar-se aproximando-se dele por trás, roçando os seios em suas costas, mordiscando-lhe o pescoço, envolvendo-o nos braços para acariciar-lhe o peito...

O golpe surdo da bota pesada no chão trouxe-a de volta à realidade. Estava em péssima forma! Depois de viver dois dias e duas noites com Luke, já começara a agir como uma mulher apaixonada, viciada em seu marido. Um marido que lhe dera o nome, mas não o coração.

Hillary foi muito bem recebida na Organização de Defesa do Consumidor e sentiu-se totalmente à vontade, pelo que ficou agradecida. Não precisava de mais nenhuma preocupação ou dificuldade em sua vida. Na verdade, naqueles primeiros dias, o trabalho passou a ser seu melhor refúgio, um lugar onde ela se via a salvo da tentação provocada pela presença de Luke.

E ele a tentava de todas as maneiras naquele exato momento. Era noite de quarta-feira, e ela deveria estar entrevistando candidatas à vaga de governanta de Charles Grant. Mas não era fácil concentrar-se no que fazia, tendo Luke a respirar tão perto de seu pescoço!

Embora não houvesse sido convidado a participar das entrevistas, Luke sentou-se ao lado de Hillary, decidido a acompanhar todas elas. Inclinou-se sobre seu ombro e sussurrou:

— Magra demais. Não pode ser uma boa cozinheira. Hillary lançou-lhe um olhar impaciente.

— Quer fazer o favor de não dar palpites?

— Desculpe — ele falou, ignorando-lhe a expressão irada. Apanhou sua cerveja e, em respeito aos moradores daquela casa, que comiam *chilli* com garfo, despejou-a num copo, em vez de beber no gargalo, como de hábito. — Vá em frente. Esqueça que estou aqui.

Olhando melhor para a sra. Ogdon, Hillary foi obrigada a concordar que a mulher era mesmo magra. Além disso, sua postura era um tanto arrogante.

— Ligarei amanhã para informar minha decisão — Hillary informou-a.

A candidata seguinte apresentou uma lista, não de referências, mas de requisitos a serem preenchidos pelos patrões.

— Exigente demais — Luke sussurrou ao ouvido de Hillary.

A terceira era alérgica a cães e ficou petrificada ao deparar com Killer, que

dormia tranqüilamente ao lado do sofá. A moça nem sequer ficou para a entrevista.

— Medrosa demais — Luke comentou.

A candidata número quatro apresentou-se vestida no estilo de Madonna.

— Muito esquisita — Luke observou. — Embora tenha belas pernas. Talvez seu pai a aprovasse.

Hillary lançou-lhe um olhar fulminante.

— As pernas dela não são tão bonitas quanto as suas — ele acrescentou com um sorriso maroto.

A quinta candidata mereceu o seguinte comentário de Luke:

— Acha que seu pai se interessaria por uma mulher como ela? A mulher usava sapatos ortopédicos e parecia um guarda de prisão.

Ao examinar seu currículo, Hillary descobriu que ela havia trabalhado na penitenciária feminina, durante os últimos vinte e poucos anos.

— Entraremos em contato — Hillary prometeu. Felizmente, a última candidata, de número seis, foi a única que ganhou a concordância de ambos. Hillary contratou-a. Sophia Andropolis começaria a trabalhar no dia seguinte.

Quando Hillary acompanhou a nova governanta até a porta, Luke virou-se para apanhar a cerveja que havia deixado no chão, por não haver encontrado porta-copos para proteger a mesa. Porém, Killer fora mais rápida, e bebera quase todo o conteúdo do copo.

— Sua cachorra é alcoólatra — ele declarou, assim que Hillary retomou.

— Por que a deixou beber sua cerveja?

— Deixei?

— Você é maior que ela.

— Nem tanto.

Hillary ignorou o comentário e perguntou:

— Está tudo acertado para o jantar com nossos pais, amanhã à noite?

— Já combinei tudo com meu pai. Falou com o seu?

Ela assentiu.

— Então, relaxe. Não há nada com que se preocupar. Poremos os dois frente a frente, para conversar civilizadamente sobre a situação.

O problema era que Hillary não acreditava que nenhum dos dois velhos agiria de maneira civilizadas. Assim, ao mesmo tempo em que rezou pelo melhor, tratou de preparar-se para o pior.

— O que ele está fazendo aqui?

Charles e Shawn pronunciaram a mesma pergunta, ao mesmo tempo, assim que puseram os olhos um no outro. Charles já estava sentado à mesa, em companhia de Luke e Hillary, mas levantou-se ao avistar o oponente. Hillary sentiu-se grata pelo restaurante possuir iluminação fraca e uma discreta distância separando as mesas. Podia sentir no ar a cena desagradável prestes a se criar.

— Estão aqui porque ambos foram convidados para o jantar — Luke explicou, levantando-se.

Hillary foi a única a permanecer sentada e recebeu um olhar de censura do pai.

— Por que não me disse que havia convidado esse cafajeste, canalha...?

— Um momento — Luke interrompeu o sogro. — Nada de ofensas. Somos todos da mesma família, agora.

— Morda a língua, filho! — Shawn retrucou. — Não vou me sentar à mesma mesa que esse animal!

— Papai — Luke chamou em tom de advertência.

Para Hillary, os dois velhos pareciam mesmo animais, ambos dispostos a defender seu território até a morte.

— Por que não se sentam? — ela sugeriu. — Teremos um jantar agradável e...

— Não vou me juntar a um ladrão! — Shawn declarou.

— Eu? — Charles protestou. — Foi você quem...

— Já chega — Luke pôs um fim às acusações. — Quero que pensem numa coisa. Quando Hillary e eu tivermos filhos, os seus netos, não queremos seus avós prontos para se matarem.

Shawn e Charles viraram-se para Hillary no mesmo instante.

— Está querendo dizer que Hillary está grávida? — Shawn perguntou à queima-roupa.

— Não! — ela respondeu depressa. — Não é nada disso.

— Estou querendo dizer que já está na hora de vocês acabarem com essa briga ridícula, por causa de uma mulher que abandonou os dois há quatro anos — Luke explicou com impaciência.

— Se não estou enganado, você e Hillary ficaram separados durante quatro anos — Charles manifestou-se.

Luke não compreendeu a intenção do comentário.

— E daí?

— Você a esqueceu?

— Claro que não. Mas não é isso que estamos discutindo. Hillary não pôde ignorar a novidade: Luke não a esquecera!

— Quatro anos não significam nada — Shawn interferiu. — Nem daqui quarenta anos serei capaz de esquecer como este homem me apunhalou pelas costas...

— Não apunhalei ninguém! — Charles interrompeu-o. — Foi você quem me traiu. Eu, o homem que lhe deu a grande oportunidade de sua vida!

— Ora, quanta nobreza! Era eu quem tinha a experiência prática. Você podia ter seus contatos sociais, mas não sabia distinguir um bom lote de um buraco no chão!

— Pelo menos, minha família não vivia num buraco!

— Chega! — Luke ordenou no mesmo tom que usava chamar seus funcionários em meio ao barulho da construção.

Conseguiu chamar a atenção de Charles e Shawn, bem como de todos os demais fregueses do restaurante.

Notando que Hillary estava prestes a se esconder debaixo da mesa, Luke repreendeu os dois velhos:

— Vejam só o que fizeram. Arruinaram o jantar de Hillary. Como se aquele

fiasco fosse idéia dela, Hillary pensou.

— Se alguém arruinou alguma coisa, foi este homem — Shawn declarou, apontando um dedo na direção de Charles.

— Ora, pare falar com esse ridículo sotaque irlandês! — Charles criticou-o. — Passou a maior parte de sua vida no Tennessee.

Shawn ficou ainda mais indignado.

— Agora, ele vai ofender meu modo de falar!

Luke segurou o pai pelo braço, para o caso dele estar pensando em atacar Charles fisicamente.

— Pois sei de algumas coisas sobre as quais concordam — falou. — Afinal, apaixonaram-se pela mesma mulher.

— Ela era um anjo — Charles proclamou.

— Uma santa — Shawn reforçou.

— Estão vendo? Vocês concordam sobre isso — Luke apontou.

— Concordam que essa mulher misteriosa era um exemplo de virtude. Então, ela fez suas malas, deu-lhes um adeusinho e deixou-os loucos para acabar um com o outro.

— Ela não partiu de livre e espontânea vontade — Charles corrigiu-o. — O cretino do seu pai a obrigou a partir.

— Foi você quem a forçou a partir — Shawn retrucou. — E ficou com o dinheiro, também.

— Dinheiro? — Aquela era a primeira vez que Luke ouvia falar em motivos financeiros da briga. — Que dinheiro?

— Pergunte a ele — Shawn voltou a apontar o dedo para Charles.

— Foi ele quem aceitou a aposta e me roubou.

— Aposta? — Luke repetiu incrédulo. Agora, havia uma mulher, dinheiro e uma aposta envolvidos na confusão. Definitivamente, precisava descobrir maiores detalhes da história. Assim, provocou: — Vocês dois brigaram por uma aposta de quanto? Dez dólares?

— Foram mil dólares — Charles confessou.

— Cada um — Shawn completou. — O que soma um total de dois mil dólares que esse trapaceiro me roubou. Ele é um ladrão!

— Não trapaceei, nem roubei ninguém! — Charles declarou. — E não vou ficar parado aqui, ouvindo insultos de um cretino!

Com estas palavras, Charles virou-se e deixou o restaurante, como um monarca irado.

Shawn seguiu-o de perto.

— Não vai me deixar aqui plantado. Quem vai embora sou eu! Está me ouvindo?

Hillary calculou que o restaurante inteiro o estava ouvindo.

— Bem — Luke falou ao sentar-se a seu lado. — Acho que já tivemos um bom começo.

Hillary limitou-se a fitá-lo boquiaberta.

— Considera esse vexame um bom começo? Por quê? Porque não houve derramamento de sangue?

— Isso e o fato de agora sabermos que, além da mulher, há dinheiro e uma aposta envolvidos na história.

— O que, sem dúvida, foi um alívio para você. Afinal, Deus ainda não inventou a mulher capaz de exercer tamanho domínio sobre um homem!

Luke fitou-a confuso.

— O que deu em você?

— Esqueça. Começo a suspeitar que a sua idéia de que nosso casamento resolveria tudo não foi das melhores.

— Dê tempo ao tempo — ele falou, embora se perguntasse se havia subestimado a rixa dos dois velhos. — Estamos casados há menos de uma semana.

— Amanhã, será uma semana.

— E as más línguas disseram que não ia durar — ele replicou e ficou satisfeito ao ver a sombra de um sorriso nos lábios de Hillary.

— Pare de se preocupar e vamos pedir o jantar. Nossos pais vão acabar se

entendendo. É normal que precisem desabafar primeiro.

Embora concordasse em parte, Hillary não podia deixar de preocupar-se. Tinha a sensação de que ela e Luke estavam sentados sobre um barril de pólvora, pronto a explodir a qualquer momento. A mulher misteriosa parecia ser a chave de toda a confusão e Hillary***

Hillary deu início à sua empreitada naquela mesma noite, quando ela e Luke chegaram em casa e encontraram seu pai fechado em seu escritório.

— Vá para o quarto — ela pediu a Luke. — Subirei num minuto. Bateu na porta antes de abrir e não gostou do que viu: Charles estava sentado em sua poltrona favorita, bebendo *bourbon* e fumando charuto.

— Sabe que essas coisas não fazem bem à sua úlcera — repreendeu-o.

— Como pôde. fazer aquilo comigo?

— Papai, eu concordo com Luke. Essa briga já foi longe demais. Talvez, se compreendesse seus motivos, eu pudesse mudar de idéia — ela jogou verde, torcendo para conseguir uma resposta. Embora fosse muito esperto para cair naquele tipo de armadilha, desta vez, Charles ainda estava muito perturbado por seu encontro com Shawn.

— Não há o que compreender — ele falou. — O sujeito é um ladrão. Não só roubou meu dinheiro, como também minha felicidade.

— Está se referindo à mulher da qual falaram, não é? Por que nunca me contou nada a respeito dela? Parece que suas intenções eram sérias, mas não me lembro de jamais tê-lo ouvido tocar no assunto.

— Existem coisas que não se discute com uma filha.

Hillary estava começando a perder a paciência com a teimosia do pai.

— Pois é melhor começar a discuti-las com sua filha, pois eu me recuso a viver em meio a uma batalha, isto não está fazendo bem a ninguém. Veja o que já aconteceu com sua saúde: desenvolveu uma úlcera, que está prestes a supurar e sua pressão arterial está muito mais alta do que deveria.

— Assim mesmo, você vai embora e me deixar sozinho. Foi um golpe baixo.

— Não vou deixar você sozinho. Sophia estará aqui para cuidar de você, morando no apartamento dos fundos. Além disso, eu me mudaria mesmo que não tivesse casado com Luke. Havia lhe dito isso, antes de sair de Chicago. Agora, de volta à tal mulher... — Hillary não se deixaria desviar do assunto. — Onde a conheceu?

— Ela trabalhou para nós.

— Como se chama? Charles voltou a se fechar.

— Já lhe disse que não vou discutir esse assunto com você. Tive um dia duro e não quero mais falar nisso.

Notando-lhe a agitação, Hillary recuou.

— Está bem, papai. — Então, mudou de assunto. — Está gostando de Sophia? Ela parece simpática e eficiente, além de bonita.

— Não reparei.

— Pois deveria. Há um mundo grande lá fora, papai. Não deixe que ele passe e o deixe para trás.

Com este conselho, Hillary encerrou a conversa e retirou-se para seu quarto.

— Está tudo pronto para a chegada de Angus? — Abe perguntou a Luke na tarde de sexta-feira.

— Tudo certo. Vou apanhá-lo no aeroporto em — Luke consultou o relógio — , duas horas. Sugeri que uma limusine os apanhasse, mas ele prefere ser recebido pessoalmente.

— E o que o sr. Excêntrico prefere, ele consegue. Certo?

— Tem idéia melhor?

Luke sabia que havia soado defensivo mas, sendo independente como era, não era fácil ver-se obrigado a agradar alguém. Infelizmente, precisava de Angus Robertson para dar andamento ao projeto de moradia para aposentados, um projeto que não apresentava a margem de lucro que a maioria dos investidores exigia.

Assim, havia engolido boa parte de seu orgulho a fim de agradar Angus. Profissionalmente, fazia sentido, embora a situação não o agradasse nem um

pouco.

— Robertson é nossa última chance. Providencie que tudo ocorra a seu gosto, durante sua visita.

— Sei disso. Até se casou.

— O que não foi sacrifício algum — Luke assegurou. — Hillary e eu nascemos um para o outro. Só tive de apressar as coisas.

— E como vai indo com ela?

— Tudo ficará melhor, assim que nos mudarmos para nossa própria casa. — Com uma cama de casal, Luke refletiu em silêncio.

— Entendo o seu problema. Quando fiquei desempregado, Sonya e eu precisamos morar com os pais dela por um mês. Isso fere o orgulho de um homem.

— Nem precisa dizer. Some a isso a visita de Robertson... Sabe de uma coisa, Abe? Não estou acostumado a dar importância ao que os outros pensam. Costumo viver de acordo com meus próprios padrões.

— E eu não sei? Se você se importasse com o que os outros pensam, não teria me contratado para ser mestre de obras.

— Contratei o melhor profissional para a função, só isso — Luke retrucou.

— Um profissional que, por acaso, é negro... para supervisionar uma equipe de trabalhadores brancos, em sua maioria.

— Tem encontrado algum problema?

— Não.

— Bom. Isso significa que temos empregados inteligentes.

— Alguns dos quais você será obrigado a demitir, caso não consiga o financiamento do projeto — Abe lembrou-o.

— Sei disso, Abe. Mas vamos conseguir. As coisas estão se encaixando, exatamente conforme planejamos. — O toque do telefone interrompeu-o. — Alô?

— Luke? Aqui fala seu pai.

— Olá, papai. Quais são as novidades?

— Nada de importante. Apenas pensei que você gostaria de saber... que aquela sua esposa acaba de ser levada para a delegacia. Num camburão. Eu lhe disse que os Grant não prestavam!

CAPÍTULO VIII

Do que está falando, papai? — Luke inquiriu.

— Da sua linda esposa — Shawn respondeu com uma risada,

— Pare com a brincadeira e fale de uma vez!

— Você precisava ter visto! Vou lhe dizer uma coisa: depois do que aconteceu com Nadine, a visão de um Grant sendo empurrado para dentro de um camburão me fez um bem danado!

— O que aconteceu? Ela sofreu um acidente? Está ferida? — Luke pronunciou as perguntas numa seqüência rápida e aflita.

— Parecia bem, embora furiosa por estar sendo presa.

— Presa por quê?

— Como vou saber? Estava olhando pela janela do meu escritório, quando vi uma comoção do outro lado da rua. Em seguida, um policial arrastou-a pelo braço e empurrou-a para dentro do camburão. Eu lhe disse que ela só traria problemas...

Sem preocupar-se com despedidas, Luke desligou.

— Ei, espere aí — Abe chamou, ao vê-lo sair correndo. — Aonde vai?

— À delegacia. Problemas familiares.

Antes que Abe pudesse dizer mais uma palavra, Luke já estava arrancando com sua camionete, a toda velocidade.

Luke demorou vinte minutos para localizar a delegacia para onde Hillary fora levada. Durante esse período, teve a impressão de que podia sentir os cabelos ficarem brancos. Imaginando-a em todo tipo de dificuldade, atravessou dois faróis vermelhos e quase atirou o telefone celular pela janela de tanta irritação. Não conseguia obter uma resposta clara de ninguém. Tudo o que obteve foi o endereço da delegacia mais próxima ao escritório de seu pai. Rezou para que Hillary estivesse lá... sã e salva.

Quando entrou às carreiras no edifício de tijolos, sua preocupação era tão intensa, que começou a imaginar a esposa trancada em uma cela escura e úmida. Foi então que a viu... rindo e conversando com um policial bonito!

Uma onda de raiva seguiu-se imediatamente ao alívio de ver que ela estava bem. Bem, sorridente e animada.

Luke não achou graça. Ela o havia deixado apavorado. Ele correria como louco para salvá-la e lá estava ela, flertando com o loiro de uniforme.

— O que está fazendo? — ele perguntou com voz sombria.

— Luke! — Hillary virou-se e fitou-o com olhar surpreso. — O que está fazendo aqui?

A surpresa estampada nas feições dela só serviu para deixá-lo ainda mais furioso. O fato dela parecer tranqüila em suas roupas de trabalho só fez piorar a situação. Pela manhã, Luke gostara do modo como a saia curta deixava à mostra boa parte das coxas bem torneadas. Agora, porém, irritava-o a idéia de que todos os homens no distrito policial pudessem apreciar a vista. Ela era sua mulher, droga! O olhar que lançou para o policial loiro deixava a condição bem clara.

— Vim tirar minha esposa da cadeia.

Hillary franziu o cenho, confusa pela expressão de reprovação no rosto de Luke, bem como pelo olhar hostil que ele lançou ao policial.

— Mas não estou na cadeia — disse. — De onde tirou essa idéia?

— Soube que você foi trazida para a delegacia num camburão.

— Ah, foi isso — ela finalmente compreendeu e abanou a mão, indicando que se tratara de um incidente banal. — Foi apenas um mal entendido. Mas, como ficou sabendo?

— Tenho meus contatos.

— Está tudo bem. Não precisava se preocupar.

Não precisava se preocupar? Quando sua esposa era presa, pouco antes do encontro profissional mais importante de sua carreira? Luke nem sequer conseguiu falar por um instante, tamanha era a raiva que sentia.

— Ela pode ir embora? — rosnou para o policial, que se apressou em

balançar a cabeça.

— Por que está tão nervoso? — Hillary perguntou, quando ele a agarrou pelo braço e arrastou-a para fora da delegacia. Não o via naquele estado desde o dia da grande briga, quando haviam se separado, quatro anos antes.

Naquela ocasião, assim como agora, ele demonstrava sua raiva através do forte controle que exercia sobre ela. Luke não explodia, mas implodia. Recusava-se a falar, o que significava que Hillary tinha de fazê-lo.

Fincando os calcanhares no chão, ela se recusou a ser arrastada daquela maneira.

— Fale comigo, Luke. Agora!

— Falar com você? — ele repetiu com ar incrédulo.

— Isso mesmo. Fale comigo. E pare de me arrastar por aí, como se eu fosse retardada!

— Só uma retardada faria o que você fez.

— Não sou retardada! — ela retrucou entre dentes.

Antes que pudesse perguntar o que fizera, afinal, Luke falou:

— Não tenho tempo para discutir o assunto agora. Devemos encontrar os Robertson no aeroporto, daqui meia hora.

Hillary havia se esquecido completamente! Baixou os olhos para a própria roupa e fechou-os. Claro que não teria tempo de trocá-la. Planejara encerrar o expediente mais cedo, a fim de se arrumar, mas o incidente com a polícia atrapalhara seus planos.

Luke leu sua expressão no mesmo instante.

— Você esqueceu. Não acredito! Como pôde esquecer?

— Tive um dia cheio — ela falou com voz gelada.

— Armando confusões e sendo presa?

Retirando o braço da mão de Luke com um movimento brusco, Hillary caminhou furiosa até o carro e abriu a porta sozinha. Luke sentou-se ao volante um segundo depois.

— Não fui presa — ela corrigiu a afirmação que ele fizera.

— Como se chama ser empurrada para dentro de um camburão e trazida a uma delegacia.

— Chama-se embaraçoso e humilhante. E acho que você poderia ao menos tentar ser mais compreensivo.

— Ah, mas eu compreendo! Compreendo que você se envolveu em uma comoção popular e tem sorte por não haver saído ferida.

— Quanta simpatia! — ela comentou com sarcasmo.

— Quando digo ferida, não me refiro a seus sentimentos. Estou falando de ossos quebrados e olhos roxos, Não posso acreditar que você tenha- se colocado em risco desse jeito!

— Eu não me arrisquei. Estava apenas fazendo o meu trabalho.

— Um trabalho muito perigoso. Eu não fazia idéia que sua função de advogada de uma instituição de defesa ao consumidor envolvesse esse tipo de situação.

— Se está pensando em me ordenar que me demita, pode tirar o cavalinho da chuva! Não vou obedecê-lo, desta vez. Ouviu?

— Metade de Knoxville ouviu — ele replicou. — Não precisa gritar desse jeito.

— Preciso, sim. Você é tão teimoso, tão cabeça-dura, que não prestaria atenção se eu não gritasse.

— Você não tem motivo para estar irritada — Luke afirmou.

— Ah, e você tem?

— Claro! Como pôde criar toda essa confusão, pouco antes da chegada de Angus Robertson e sua esposa. Já lhe falei sobre a importância desse homem para os meus negócios.

— Não está nem um pouco preocupado comigo. Ficou furioso porque as coisas não aconteceram conforme os seus planos. Está muito mais preocupado com os seus negócios, do que comigo.

— Eu não fui tirá-la da delegacia? Por acaso, deixei você apodrecendo lá?

— Certamente, eu deveria me sentir muito agradecida por isso.

— Não! Você seria incapaz de sentir gratidão. Mesmo porque, estava se divertindo um bocado, enquanto flertava com aquele tira.

— Eu não estava flertando com ele! Ah, eu não acredito no que estou ouvindo! Fui eu quem teve um dia miserável! Acha que gostei de ser empurrada para dentro de um camburão, como você descreveu tão poeticamente? Nada foi minha culpa.

— E de quem foi a culpa? Ainda não me disse por que foi presa.

— Você não perguntou.

— Estou perguntando agora.

— Fui até lá, por ordem do meu chefe, para alertar os manifestantes que faziam piquete diante de uma loja que vende drogas.

— Drogas! Seu chefe mandou você a uma manifestação contra drogas?

— Não foi bem assim.

— Então, como foi?

— Estou tentando explicar. Trata-se de uma loja de discos que alega vender apenas produtos legais. Dizem que não é sua responsabilidade se os consumidores os utilizam para atividades ilegais, como o uso de drogas. Um dos organizadores do protestos ficou impaciente e não esperou pela autorização para a manifestação. Assim que descobrimos que ele não obtivera a licença, fui avisar alguns dos membros da nossa organização que haviam se juntado ao piquete. Queria apenas dizer-lhes que seria melhor esperar pela autorização. Havia manifestantes de diversas organizações. Infelizmente, cheguei tarde demais. O dono da loja já havia chamado a polícia. Assim que cheguei lá, foram todos presos. Quando chegamos à delegacia, demorei um bom tempo para esclarecer a situação. Expliquei tudo ao oficial...

— Está falando do imbecil que não tirava os olhos das suas pernas? Hillary ignorou o comentário.

— O oficial de polícia foi muito compreensivo e libertou todos os membros da nossa organização. Afinal, nenhum dos nossos provocou qualquer distúrbio. O organizador da manifestação conseguiu chamar a atenção da imprensa, como

desejava.

— Grande! Quer dizer que poderei vê-la no noticiário esta noite?

— É possível.

Embora houvesse dado uma entrevista, Hillary notara que os câmeras haviam filmado muito mais do que teriam tempo para exibir.

— Maravilhoso!

Luke podia imaginar o tradicionalíssimo Angus Robertson ligando a televisão e vendo Hillary envolvida em uma manifestação tumultuada. Seria mesmo ótimo!

Era mais fácil lidar com a preocupação pela segurança de Hillary, expressando-a em forma de ira. Assim, Luke evitava o confronto com o vazio terrível que o invadira ao imaginá-la em perigo.

— O que foi agora? — ela perguntou, ao notar-lhe a expressão sombria.

— O problema é que você decidiu trabalhar com um bando de lunáticos.

— Está querendo dizer que aprova a venda de drogas em lojas de discos? — ela inquiriu incrédula.

— Não é nada disso. Só não quero que se envolva com esse tipo de coisa, que se arrisque.

— Geralmente, nossa organização não se envolve em manifestações do tipo. E fora por esse motivo que ela fizera sua declaração à imprensa.

— Geralmente? Por que será que não me sinto melhor depois de ouvir isso.

Magoada pelo tom sarcástico de Luke, Hillary fitou-o com olhar frio.

— A questão é que não pedi para nada disso acontecer e nem pedi para você ir correndo atrás de mim na delegacia.

— Você é minha esposa, O que eu deveria fazer? Deixá-la apodrecer numa cela?

— Eu não estava numa cela.

— Como eu podia saber disso quando papai ligou... Hillary empertigou-se ao ouvir a informação.

— Ah, então foi assim que ficou sabendo. Seu querido paizinho telefonou.

— Ele viu o que aconteceu. Pelo menos, viu você ser colocada no camburão.

— E mal pôde esperar para avisá-lo, não foi?

Embora soubesse que o escritório de Shawn McCallister situava-se nas redondezas da loja de discos, Hillary considerara remota a possibilidade dele testemunhar sua presença. Era óbvio que o destino estava trabalhando contra ela. Naquele dia, tudo dera errado.

— Se deseja culpar alguém pelo seu atraso para apanhar o precioso investidor, culpe seu pai — declarou. — Foi ele quem telefonou, não eu.

— Não. Foi você quem foi arrastada...

— Se mencionar a palavra camburão mais uma vez, vou descer do carro aqui mesmo, no meio da estrada Alcoa — ela o advertiu.

— Se ainda não percebeu, sou a parte lesada nessa história.

— Se ainda não percebeu, estamos quase chegando ao aeroporto. Será que poderia ao menos fingir bom humor, enquanto estivermos em companhia do simpático casal?

— Certamente, mestre. Quer que eu me curve e faça reverências? — Hillary perguntou com sarcasmo.

— Hillary... — o tom de voz de Luke indicava que sua paciência estava por um fio.

Ora, a dela também! A raiva da maneira autoritária como ele a tratara, desde que a arrastara para fora da delegacia continuava a crescer no peito de Hillary, quando Luke estacionou o carro.

Em menos de três minutos, ele trocou a camisa que usara o dia todo, por uma nova, retirada da caixa no banco de trás. Então, vestiu um paletó e foi colocando a gravata enquanto se encaminhava para o saguão do aeroporto.

— Espero que não haja qualquer desencontro — ele resmungou..

— Estamos dez minutos atrasados.

O olhar que lançou a Hillary deixava claro quem era culpado pela situação.

— Escute, já chega dessa conversa. De uma vez por todas, não tive culpa de

nada! — Hillary explodiu.

Mal tivera tempo para escovar os cabelos e retocar o batom, antes de sair do carro. Claro que não pudera se dar ao luxo de trocar de roupa como Luke fizera.

— Este não é o momento adequado para discutirmos isso — Luke declarou em tom seco. — Continuaremos nossa conversa mais tarde.

Muito típico dele, Hillary pensou.

— Quando é que vai aprender que não pode ordenar que a vida ocorra de maneira diferente, só para atender à sua conveniência?

— Quando é que vai aprender que gritar não resolve nada? A acusação deixou-a indignada. Hillary nem sequer erguera a voz e, ainda assim, ele dizia que ela havia gritado.

— Muito bem — falou em voz baixa e controlada. — Quer que eu fique quieta? Pois é o que vou fazer. Não direi nem mais uma palavra pelo resto da noite.

— Hillary, você é sem dúvida a mulher mais irritante, irracional e insuportável que já conheci — Luke falou entre dentes e, então, mudou drasticamente o tom de voz ao reconhecer Angus Robertson da foto que recebera anteriormente. — Ah, sr. Robertson! É um prazer conhecê-lo, afinal. Espero que tenham feito uma boa viagem.

— Ah, sim, foi ótima — Angus replicou.

— Esta é minha esposa, Hillary — Luke apresentou-a.

Ela se limitou a fazer um gesto com a cabeça. Como havia prometido, não pronunciou uma palavra sequer. Luke estava prestes a estrangulá-la. De tantos momentos propícios, por que ela escolhera justamente aquele para dar vazão ao seu temperamento difícil?

— E esta é minha esposa, Claire — Angus falou.

— É um prazer conhecê-los — Claire falou com gentileza. Luke ficou mortificado.

— E um prazer conhecê-los, também. Não é, Hillary?

Ele passou um braço em torno dos ombros dela, deixando claro, através de

um apertão discreto, que desejava ouvi-la falar. Entretanto, mais uma vez, ela se limitou a balançar a cabeça.

Perfeito, Luke pensou, enquanto chamava um carregador para levar a bagagem. Aquela prometia ser uma noite muito longa.

A previsão de Luke parecia acurada, quando ele estacionou diante do hotel. Hillary não dissera uma palavra durante todo o trajeto, do aeroporto até ali. Aflito, ele tratara de compensar o silêncio dela com uma narrativa ininterrupta sobre a região. Afinal, aquela era a primeira vez que os Robertson visitavam o estado do Tennessee.

— Não conhecemos nada ao sul de Washington, DC — Angus explicou.

Luke vasculhou a memória em busca de qualquer detalhe sobre a história e geografia do estado. Notando seu esforço, Hillary lançou-lhe um olhar zombeteiro. Ele respondeu com outro olhar, informando-a que seria bem vinda, caso pudesse ajudar. O sorriso dela deixou claro que ele teria de se virar sozinho.

Luke só teve a oportunidade de conversar com Hillary em particular, quando já estavam no bar do hotel, à espera dos Robertson. Os visitantes haviam subido ao quarto, a fim de se refrescar para o jantar. Luke fizera reservas no famoso restaurante, situado na cobertura do hotel.

— Não vamos demorar — Angus avisara, antes de subir. — Estaremos de volta em quinze minutos.

— Não há pressa. Fiquem à vontade — Luke garantira e esperara que eles estivessem fora de suas vistas para dirigir-se a Hillary:. — Se tem amor à vida, é melhor recuperar a língua antes deles voltarem.

Hillary mostrou-lhe a língua.

— Ora, nunca vi atitude mais adulta! — ele falou em tom sarcástico.

— Já que você insiste em me tratar como criança, acho que está na hora de eu agir como tal.

— E eu acho que está na hora de beijá-la, para lhe devolver um pouco de juízo — ele avisou.

A arrogância com que ele assumiu que poderia torná-la submissa com um

simples beijo deixou-a furiosa.

— Faça isso e é você quem vai ficar procurando a língua! — ela ameaçou.

— Valeria a pena — Luke murmurou, examinando-lhe os lábios com olhar deliberado.

Hillary sentiu o coração saltar no peito. Ele estava fazendo aquilo de novo: seduzindo-a com um simples olhar.

— Quem está tentando enganar? — ela zombou. — Jamais arriscaria seus negócios por um momento de paixão. É sensato demais para isso.

— Eu não apostaria.

Numa atitude sábia, Hillary afastou a cadeira alguns centímetros. Conhecia aquele olhar "Não estou nem aí" e sabia que só lhe traria problemas. Decidiu que era hora de bater em retirada.

Luke balançou a cabeça num gesto de aprovação diante de sua mudança de atitude.

— Bem, acho que agora vai se comportar. Não vai?

— Quer dizer que não poderei dançar nua sobre a mesa?

— Poderá dançar nua sobre a mesa quanto quiser. Mais tarde. Para ser franco, vou esperar ansioso. Por enquanto, trate de fazer o seu papel de boa esposa, está bem?

Acabara de pronunciar as palavras erradas, Luke concluiu ao notar a ira reacender os magníficos olhos azuis. Mas ele não se deixaria intimidar com facilidade.

Não. A raiva nos olhos dela não o incomodou. O que o deixou arrepiado foi o sorriso misterioso que curvou-lhe os lábios. Hillary planejava alguma coisa. E que Deus ajudasse o homem, cuja esposa decidia planejar algo!

— Há quanto tempo estão casados? — Angus perguntou, depois de tomarem seus lugares à mesa.

Pelas paredes envidraçadas, via-se a tempestade que se formava a oeste.

— Não faz muito tempo — Luke respondeu, os olhos fixos no horizonte.

Para qualquer um no ramo da construção, chuva representava atraso. Nas

últimas três semanas, haviam contado com bom tempo, o que permitira muitas horas extras de trabalho. Ele mesmo chegara a trabalhar dezesseis horas por dia, a fim de colocar tudo em dia e ainda ter tempo para o casamento. Sim, as tempestades podiam provocar sérios problemas.

No momento, porém, Luke estava mais preocupado com a tempestade em sua própria mesa, com sua própria esposa. Hillary demonstrava bom humor excessivo, rindo demais. E não bebera nada que justificasse a mudança de comportamento. Além disso, havia voltado a falar, envolvendo os Robertson com uma conversa inteligente, que parecia brotar naturalmente de sua classe.

Dando-se conta de que fora breve demais em sua resposta a Angus, Luke acrescentou:

— Hillary e eu tivemos um noivado relâmpago. Relâmpago? Hillary perguntou-se. Para ela, o noivado mais parecera um tufão!

E a lua-de-mel? Um furacão? Um terremoto? A erupção de um vulcão? As últimas duas alternativas descreviam com perfeição o efeito que Luke exercia sobre ela. Ele possuía o poder de fazer a terra tremer sob seus pés. E, cada vez que a beijava, ela se sentia como se houvesse sido atirada no centro de um vulcão em erupção.

— Angus e eu também tivemos um noivado relâmpago — Claire confessou. — Foi ótimo.

— Sabe o que é ótimo? Ter um marido companheiro e amigo — Hillary falou, lançando um olhar sutil, porém significativo, para Luke, indicando-lhe que ele não se qualificava para a função. — Um marido para apoiá-la em qualquer situação.

— Um marido sempre pronto a tirar a esposa de qualquer confusão — Luke contra-atacou. — Não que minha esposa se meta em qualquer confusão, claro.

— Claro que jamais me meto em confusões — ela concordou com voz doce. — E como poderia, tendo um marido forte e poderoso, capaz de ordenar a meus problemas que desapareçam.

— Algumas pessoas exigem mais cuidados que outras — Luke observou

sombrio.

— Isso mesmo. E eu cuido de Luke o tempo todo. Não e, querido? Ora, eu até insisti para que ele assinasse um contrato pré-nupcial, antes de nos casarmos. A propósito, sou advogada. — Fato omitido por Luke, quando a apresentou apenas como sua esposa.

Angus franziu o cenho.

— Nunca gostei desses contratos pré-nupciais. Parece que a pessoa está se preparando para o divórcio, antes mesmo de casar-se.

— Muitos casamentos terminam em divórcio. Estatísticas recentes mostram que um de cada dois casamentos tem o mesmo destino.

— Não o nosso, claro — Luke apressou-se em afirmar.

— Claro que eu não me referi ao nosso casamento, querido — Hillary confirmou, cobrindo a mão dele com a sua. — Afinal, nós nos conhecemos há tanto tempo, que mais parecemos amigos, do que marido e mulher.

— Pensei ter ouvido Luke dizer que vocês tiveram um noivado relâmpago — Angus observou com expressão confusa.

— O noivado foi mesmo muito rápido — Hillary explicou — , mas nós nos conhecemos desde que eu era uma criança. Ele era bem mais velho, claro.

Luke fitou-a com olhar indignado. Ela o fazia sentir o próprio Matusalém

— Ela se apaixonou por mim à primeira vista — ele disse.

— Mas me recuperei depressa — ela replicou.

— Ela sempre foi louca por mim — Luke insistiu. Louca era mesmo a palavra ideal, Hillary pensou.

— E continuo louca, meu amor — ela murmurou com um sorriso apaixonado, deixando que o brilho em seus olhos lhe enviassem o restante da mensagem: que era louca o bastante para ter se casado com ele.

Os Robertson começaram a demonstrar embaraço pela conversa que se tornava mais e mais íntima. Assim, mudaram de assunto e passaram a discutir temas inócuos: o tempo, a diferença entre o inglês britânico e o americano, os melhores lugares para se passar férias. O jantar transcorreu sem novos

incidentes.

Mas Luke não esqueceu os ataques velados de Hillary, assim como ela guardou vivos na memória os que ele lhe infligira.

Quando a noite terminou, Hillary havia chamado Luke de querido e meu amor, pelo menos quarenta vezes. Ele havia contado. E cada vez que ela usava uma das palavras, o nível de tolerância dele caía um pouco mais. Em proporção inversa, sua raiva crescia sem parar. Mas ele não deu a menor demonstração de seus sentimentos. Até se ver sozinho com ela no carro.

Hillary não demorou a perceber que não haviam tomado o caminho certo para a casa de seu pai.

— Você devia ter entrado à direita, ali atrás — informou-o.

— Não, não devia.

Imaginou que ele estava apenas fazendo um caminho diferente. Então, ocorreu-lhe que estavam indo a outro lugar.

— para onde vamos? — perguntou.

— Para o meu apartamento.

— Por quê?

— Porque vamos brigar e não quero fazer isso enquanto dirijo.

A resposta fora clara. A discussão continuaria depois que checassem ao apartamento. Para Hillary, estava bem assim pois, como dissera um compatriota seu, ela nem sequer começara a lutar!

CAPÍTULO IX

Como de hábito, Luke segurou Hillary pelo braço, até chegarem a seu apartamento.

— Não é alça — ela falou por entre os dentes.

— O quê?

— Meu braço. Não pode usá-lo para arrastar-me para onde bem entender.

Luke não disse nada. Limitou-se a fitá-la com olhar sombrio, enquanto abria a porta. Embora relaxasse o aperto, continuou a segurá-la, como se temesse sua fuga.

Ele não precisava se preocupar, ela pensou. Hillary não iria a lugar algum, sem antes esclarecer alguns detalhes com seu marido.

Como esperava, o apartamento era minúsculo, embora muito limpo, exibindo poucos sinais da presença constante de Luke. O que mais a surpreendeu foi o carpete alto, de um lindo tom de azul. Não era o estilo dele.

A voz de Luke interrompeu seu exame do ambiente:

— Quero uma boa explicação agora mesmo. Por que fez tudo para dificultar meus negócios esta noite?

— Eu dificultei as coisas? — ela inquiriu indignada. Comparado ao modo como ele a havia tratado, qualquer vingança seria pequena.

— Quero saber por que tentou sabotar a noite — ele insistiu. — Faz idéia da importância daquele jantar para o meu futuro?

— Como posso fazer idéia, se você nunca conversa comigo sobre seus negócios? — ela retrucou.

— Você detesta meu trabalho.

— Não é verdade. Detesto o modo como age em relação a ele.

— O que isso quer dizer?

— Trate de descobrir.

Luke ficou furioso. Como poderia descobrir que pensamentos passavam pela cabeça de uma mulher impulsiva como Hillary?

— Você sempre teve ciúmes do meu trabalho. Nunca compreendeu a importância de...

— Compreendo muito bem. O trabalho é a coisa mais importante da sua vida. Você é frio, calculista e...

O restante da frase perdeu-se no beijo com que Luke a obrigou a calar-se. Puxando-a para si, estreitou os braços, colando o corpo ao dela.

— Acha mesmo que sou frio? — ele perguntou, sem descolar os lábios dela. Sem esperar pela resposta, beijou-a de novo.

Ele não era frio. Era uma fornalha. No momento em que seus lábios tocaram os dela, Hillary sentiu-se incendiar.

A paixão atacou-os com a mesma força da raiva que sentiam antes. Não havia a menor sutileza no modo como a boca de Luke clamava a posse de seu território. E, também, não havia hesitação na maneira com Hillary correspondia ao beijo, em total abandono.

Tratava-se de uma paixão que vinha crescendo há dias, semanas... até anos. Muito tempo se passara desde a última vez em que haviam feito amor. O desejo era intenso e, para Hillary irresistível. Todos os abraços que haviam trocado nos últimos dias levavam àquele momento e ela já não se sentia disposta a lutar contra a corrente que a arrastava.

Era o que ela queria. Não havia como negar. Desejava Luke. Estremeceu nos braços dele, não de medo ou de fraqueza, mas de puro desejo. Com movimentos sedutores, pressionou o corpo contra o dele, deixando-as mãos deslizarem pelas costas largas e musculosas.

Estremecendo também, Luke apertou-a com mais força. Abraçados, ajoelharam-se, sem em momento algum descolarem os lábios ardentes. Sem perder tempo, ele começou a despi-la. Hillary espelhou sua urgência, tirando-lhe o paletó e desabotoando-lhe a camisa com dedos trêmulos.

O ritmo do sangue correndo em suas veias era alucinante, acompanhando as batidas de seu coração. Depois de tirar-lhe a camisa, ela acariciou-lhe o peito, os ombros, a barriga, como se precisasse se familiarizar mais uma vez com o corpo que conhecia de cor.

Não demoraram a deitar-se no carpete macio, no chão da sala. Hillary não perdeu tempo ou energia com palavras. Seus beijos expressavam seu prazer, seu tremor indicava sua urgência. Podia sentir que ele não estava menos ansioso. Luke deitou-se sobre ela, posicionando uma das coxas entre as suas, acariciando-a daquela maneira tão íntima que lhe era peculiar. Em poucos minutos, os dois vestiam apenas as roupas de baixo.

Hillary sentiu as alças do sutiã deslizarem por seus braços, enquanto Luke afastava a renda de sua pele com os dentes. Ao mesmo tempo, seus dedos trabalhavam frenéticos para desabotoar o fecho. Ela ouviu o gemido de

impaciência provocado pela resistência do pequeno gancho. E sentiu-se tão impaciente quanto ele.

Sabendo o que viria a seguir, antecipando a sensação mágica dos lábios de Luke em seus seios, Hillary decidiu ajudá-lo. Um instante depois, o sutiã era atirado para o lado e ela pôde voltar a enlaçá-lo em seus braços, puxando-o para si.

Murmurando seu nome, Luke inclinou-se sobre ela, até seus lábios tocarem de leve seu seio direito, onde ele depositou beijos suaves enquanto, com uma das mãos, acariciava o esquerdo com ternura. Quando sua boca encontrou e capturou o mamilo rijo, Hillary arqueou as costas, incapaz de controlar o prazer incandescente.

Mas havia mais. A mão que lhe acariciava o seio escorregou lentamente por seu ventre, até pousar na parte interna de sua coxa. Com movimentos experientes, Luke tocou de leve a maciez da calcinha minúscula, fazendo Hillary sentir o corpo todo em chamas.

Contorcendo-se com inquietação, ela o incitou a aprofundar a intimidade de suas carícias. Luke atendeu ao pedido mudo, deslizando os dedos por baixo do tecido fino, tocando-lhe o centro da feminilidade. Acariciou-a como sabia que ela desejava ser acariciada, como ela sempre gostara no passado.

Com paixão ardente e habilidade sem igual, satisfez seus desejos, sentindo-se o único homem no mundo a possuir a chave do prazer daquela mulher sensual. Como recompensa, Hillary abriu-se para ele, num convite irresistível.

Ergueu os olhos para fitá-la e deparou com a paixão avassaladora a obscurecer os belos olhos azuis. Soube então que ela se aproximava de seu primeiro clímax e, fascinado, observou sua escalada alucinada pelos caminhos do prazer.

Ao senti-la explodir em êxtase, Luke precisou de toda a força que lhe restava para dominar o próprio desejo. Em seguida, rolou para o lado e, alcançando a calça atirada no chão, apanhou o preservativo que levava no bolso. Então, voltou para Hillary.

Ela o recebeu de braços abertos, deslizando as mãos por suas costas, expressando seus desejos na linguagem silenciosa do amor: com carícias, beijos e abraços. Sentia-se livre para explorar as profundezas mais remotas de seu coração.

E seu coração ainda não se dera por satisfeito. Queria mais. Queria que Luke cavalgasse com ela, dentro dela, até os picos do prazer. Com uma das mãos, guiou-o para si, sentindo-o penetrá-la com a ânsia que lhes unia os corpos, as mentes e as almas.

— Ah, irlandesa! — Luke murmurou ao seu ouvido, antes de enterrar o rosto em seus cabelos.

O corpo de Hillary recebeu-o como se houvesse sido feito somente para isso. O vai-e-vem alucinante foi, pouco a pouco, apagando-lhes os sentidos. Para Luke, era como se houvesse sido transportado para o céu e para o inferno, ao mesmo tempo. Era o céu mergulhar no calor daquele corpo. E era o inferno controlar o impulso selvagem de buscar satisfação imediata.

Tentou diminuir o ritmo de sua paixão, agindo com gentileza e controle. Porém, Hillary tornou tal tarefa impossível. Inquieta e impaciente, ela se contorcia como uma serpente, incitando-o a diminuir ainda mais a distância entre seus corpos, erguendo os quadris numa oferta de abandono.

Hillary pressentiu a chegada dos pequenos tremores, que foram crescendo, pulsando, crescendo, até a explosão incontrolável que a consumiu.

Com um gemido abafado, Luke imobilizou-se por alguns segundos, antes que as forças o abandonassem por completo e ele se entregasse submisso ao prazer.

Hillary não saberia dizer quanto tempo se passou, antes que a realidade voltasse a se fazer presente. Devagar, focalizou o ambiente à sua volta. Sentiu a maciez do tapete sob suas costas, o peso delicioso do corpo masculino sobre o seu, a surpreendente suavidade dos cabelos de Luke enrascados em seus dedos. Então, pôs-se a refletir sobre o que haviam acabado de fazer, de partilhar.

Jamais sentira algo sequer parecido, desde a última vez em que estivera nos

braços de Luke, há quatro anos. Ao senti-lo depositar beijos suaves em seu ombro, disse a si mesma que a maneira como ele temperava a paixão arrasadora com ternura era uma expressão de amor. O que haviam acabado de experimentar ia muito além de pura atração física. Era certo que ele sentia por ela algo além do evidente desejo.

Mas Hillary tinha medo de esperar tanto. Cometera o mesmo erro no passado, acreditando que Luke a amava, só para descobrir mais tarde que se enganara. Assim, foi invadida por sentimentos contraditórios, de esperança e desilusão.

Esperou quieta, rezando para que ele dissesse alguma coisa. Se não as palavras em si, que fosse algo parecido. Mas Luke não disse nada e uma dor amarga invadiu seu coração.

— Não há como voltar atrás — Luke falou, sentindo que algo estava errado, embora não pudesse definir o quê.

Hillary sabia disso, mas não se sentiu melhor por ouvi-lo pronunciar as palavras.

— Já está se preocupando de novo — ele murmurou, passando a língua em sua orelha.

Hillary estremeceu, incapaz de resistir à tentação. Sabendo que a batalha estava perdida de antemão, decidiu que o melhor a fazer seria render-se à paixão que ainda a consumia. Deixaria para lutar outro dia. Porém, mesmo enquanto se entregava às carícias de Luke, que precederam mais uma sessão de amor, tratou de resguardar seu coração.

Finalmente foram para a cama de Luke, onde aconchegaram-se debaixo das cobertas.

— Acho melhor dormirmos um pouco — ele falou. — Teremos um dia cheio amanhã.

— É verdade. Faremos nossa mudança — Hillary concordou sonolenta.

— Não. Vamos levar Angus e Claire para um passeio nas montanhas. Já combinamos tudo.

— Combinaram o quê?

— O fim-de-semana. Reservei dois quartos em um hotel nas montanhas, para amanhã à noite. Angus nunca esteve nesta região do país e eu me comprometi a mostrar-lhe o que há de melhor.

A notícia afastou o sono de Hillary.

— Que bom — ela falou com frieza, afastando-se de Luke e rolando para o outro lado da cama enorme. — Espero que se divirtam bastante.

— Do que está falando? Você vem conosco.

Ela o fitou por cima do ombro.

— Quem disse?

— Eu disse.

— Está me dando unia ordem? — ela desafiou.

— O que há com você, Hillary?

— Você está fazendo aquilo de novo! — ela declarou, sentando-se na cama.

— Fazendo o quê?

Luke só sabia o que gostaria de estar fazendo: tomando-a nos braços e amando-a mais uma vez.

— Está fazendo planos sem sequer pensar em me consultar, ou em me avisar com antecedência.

— Estou avisando agora.

— Depois de tudo resolvido.

— O que há de errado nisso?

— Por acaso lhe ocorreu que eu poderia não querer ir às montanhas neste fim-de-semana?

— Ora, Hillary! Você adora as montanhas.

— Você não está entendendo — ela falou, prestes a perder a paciência.

— Então, explique.

— O problema é que você já fez isso antes.

Embora soubesse que a pequena viagem não se comparava ao contrato que o mantivera fora do país por dois anos, o que incomodava Hillary era o princípio

daquele comportamento.

— Não sei do que você está falando!

A impaciência de Luke irritou-a ainda mais.

— Estou falando do contrato que assinou há quatro anos, sem sequer mencioná-lo para mim, até que já estivesse tudo arranjado.

— O que tem uma coisa a ver com a outra?

— Repito: está fazendo o mesmo agora. Planeja tudo como quer e espera que eu o acompanhe.

— O que você quer, afinal? Espera que eu a consulte antes de tomar qualquer decisão?

— Espero que me consulte, antes de tomar decisões que me incluam. Não estou pedindo muito.

— Não, está apenas pedindo que eu abra mão da minha independência — ele resmungou e levantou-se, para apanhar a calça jeans.

— Não quero roubar sua independência. Estou apenas tentando proteger nossa relação.

As palavras ecoaram no quarto vazio, pois Luke se fora.

Hillary ficou sentada na cama, aturdida por seu comportamento . Ele a deixara, como há quatro anos. Sem conseguir raciocinar, foi envolvida pela dor intensa.

Fechou os olhos e respirou fundo, tentando afastar da memória as imagens do passado. Daquela vez, ela também não havia imaginado o sofrimento que a esperava. Luke a pegara de surpresa...

— Quer comer alguma coisa?

A voz dele sobressaltou-a e ela abriu os olhos. Parado na porta, aparentando toda a calma do mundo, Luke segurava um pacote de batatas fritas.

— Pensei que havia ido embora — ela murmurou, ainda abalada pelas emoções.

— Fui só até a cozinha porque senti fome. Estamos no meu apartamento, Hillary — ele a lembrou. — Para onde eu poderia ir?

— Pensei que fosse me abandonar de novo — ela confessou, com a honestidade nascida do medo e da dor.

— De novo? — Luke franziu o cenho. — Eu nunca abandonei você.

— Abandonou, sim. Há quatro anos.

— Você me mandou embora — ele a corrigiu.

— E você teria ido de qualquer maneira. Deixou isso muito claro. Eu pensava que havia algo especial entre nós dois.

Como poderia explicar-lhe o quanto desejara uma relação romântica?

— Eu também pensava que tínhamos algo especial — Luke admitiu em voz baixa.

Hillary surpreendeu-se.

— Então, por que destruiu nossa relação?

— Não destruí nada. Foi você quem teve ciúmes do meu trabalho. Nunca compreendeu o quanto era importante para mim realizar meu sonho com meu próprio esforço. Queria que eu buscasse a solução mais fácil e pedisse dinheiro ao meu pai, ou ao seu.

Na ocasião, Luke sentira sua independência ameaçada pelas exigências de Hillary. E ainda pensava ter tomado a decisão certa, lutando para obter os próprios recursos.

— O problema não foi você querer ganhar o seu dinheiro — ela protestou. — Foi a maneira como agiu, me contando sobre o contrato só depois de tê-lo assinado. Foi como se me dissesse que eu não significava nada para você.

— Por quê? Só porque não conversei antes?

— Sim! Eu jamais faria nada parecido com você!

Mas, pensou, ela o amava na época. E o amava agora. Que Deus a ajudasse, pois Luke não havia mudado. Era o mesmo homem que partira seu coração no passado. E seus sentimentos continuavam a ser um segredo muito bem guardado.

Lembrou-se das palavras mais duras que ele lhe dissera durante a briga que os separara: "Se me amasse de verdade, compreenderia por que preciso fazer isso. Se não pode entender, é porque nunca me amou."

O fato dele haver duvidado de seus sentimentos, quando ele mesmo jamais deixara claros os dele fora a última gota para Hillary.

— Como já disse, o problema não foi o que você fez, mas como fez — ela falou. — Se tivesse conversado comigo antes...

— Você teria feito tudo para me convencer do contrário.

— Foi por isso que não mencionou o assunto? Luke não sabia responder à pergunta.

— Pois deixe-me dizer-lhe o que senti. Senti como se não significasse nada para você, como se tivesse tão pouca importância na sua vida, que você nem considerou partilhar comigo seus planos para o futuro.

— Eu nunca disse isso.

— Como você nunca diz muito, eu só contava com suas atitudes para tirar minhas conclusões, Luke. Estou apenas lhe contando o que senti, quando me comunicou que tomara a decisão, assinara o contrato e planejara tudo.

— Não foi minha intenção... Diabos, Hillary! Como eu ia saber o que você sentia?

— A maioria das mulheres teria sentido o mesmo, Luke.

— Bem, deixe-me dizer-lhe o que eu senti...

— Por favor.

— Achei que você ficaria feliz por mim. Quando vi sua reação e ouvi suas exigências, senti que estava tentando me controlar.

— Não era o que eu queria.

— Nem eu quis dizer que você não significava nada.

— Nesse caso, você devia partilhar mais da sua vida comigo. Sei que não é fácil, mas podia começar pelo seu trabalho.

— Começar o quê?

— A me contar sobre sua vida.

De maneira breve, Luke contou-lhe como passava seus dias de trabalho. Falou das preocupações, das dificuldades, bem como das realizações e lucros.

Hillary não compreendeu boa parte do que ouviu, nem ele se mostrou

disposto a entrarem muitos detalhes. Mas estava disposto a conversar, a fazer um esforço para incluí-la em sua vida, o que ela entendeu como um bom sinal.

— O fato de contar com o melhor mestre-de-obras do país ajuda um bocado — ele dizia. — Abe Washington. Você o conheceu.

— Quando?

— Quando foi me visitar pela primeira vez. Abe foi o cara que você quase derrubou da escada, quando saiu.

Hillary só se lembrava do cara que quase derrubara ao chegar. — Desculpe, mas não me lembro dele.

— Abe é o melhor. Foi ele quem ficou cuidando de tudo, quando saí à sua procura, para salvar minha dama, que não precisava de salvamento algum.

— Ah, eu não diria isso — ela murmurou, depositando vários beijos provocantes em seu peito.

— Quem diria que um dia tão atribulado terminaria tão bem — ele murmurou, afagando-lhe os cabelos. — Quando papai telefonou para me dar a notícia...

Luke parou de falar, lembrando-se de súbito de algo que o pai deixara escapar na conversa breve.

— Só agora me dei conta de que papai mencionou o nome de uma outra mulher, quando ligou. Disse algo como "depois do que aconteceu com Nadine".

— Nadine? — Hillary repetiu com voz excitada. — Nadine Boudine! Só pode ser ela. Descobrimos a mulher misteriosa!

— Existem milhares de Nadines...

— Não! Ontem à noite, meu pai mencionou que a tal mulher havia trabalhado para ele e Shawn. Então, depois que ele foi se deitar, dei uma olhada em seus arquivos...

— Bisbilhotou os papéis de seu pai!

— E encontrei o mesmo nome. Ela foi secretária deles enquanto eu estava em Chicago. A data confere com o início da briga. Estamos chegando perto da solução!

— Assim espero — Luke murmurou, enfiando as mãos debaixo das cobertas, para acariciar-lhe os seios.

— Não foi a isso que me referi — ela o repreendeu, embora não fizesse qualquer movimento para afastar-lhe as mãos.

— Não?

— Não. Mas, já que tocou no assunto... — Hillary enfiou as próprias mãos debaixo das cobertas, tocando-o com atrevimento. — Até que não é má idéia!

Mais tarde, enquanto Hillary dormia, Luke refletia sobre o que haviam partilhado naquela noite. Se tinha alguma dúvida sobre aquele casamento, elas haviam se incendiado. Assim como ele.

Hillary e ele haviam nascido um para o outro. Definitivamente.

Mas não era isso que havia lhe tirado o sono. O destino, assim como a química, não o ameaçavam, pois não descontrolariam suas emoções. O que o preocupava era o modo como entregava-se a Hillary com total abandono.

Ela se virou, dormindo, e Luke estreitou os braços, num gesto protetor. Ao afagar-lhe os cabelos, sentiu uma pontada no peito. Era cansaço. Os últimos dias haviam sido repletos de atividade frenética. Não se deixaria enganar, pensando que se tratava de algum tipo de emoção mais profunda. Não podia cometer os mesmos erros de seus pais.

Lembrou-se de uma história que ouvira quando criança. Tinha algo a ver com uma caixa. Enquanto a caixa se manteve fechada, tudo corria bem. Mas, quando foi aberta, pela curiosidade de uma mulher, o mundo virará no avesso. Era assim que ele via suas emoções. Enquanto permanecessem trancadas, tudo correria bem.

Assim, decidiu que a dor em seu peito era resultado do cansaço. Precisava proteger ao menos parte de sua liberdade, pois só assim seria capaz de manter o equilíbrio, a capacidade de julgamento e a postura racional diante da vida: três coisas importantes para um homem que presenciara as guerras provocadas pela paixão.

CAPÍTULO X

Não é grande coisa — Claire Robertson declarou, diante da casa Gregg-Cable, um dos edifícios históricos situados no Parque Nacional, nas Smoky Mountains. — Na verdade, não passa de um chalé de madeira.

— Foi a primeira casa construída na região — Hillary explicou em tom defensivo.

— É mesmo? — Claire soou duvidosa. — Mas não é tão velha. Hillary consultou o guia em suas mãos.

— Tem mais de cem anos. Foi construída em 1879.

— Não é velha. — O sotaque britânico de Claire tornou o comentário ainda mais arrogante. — A casa de minha irmã, na Inglaterra, tem duzentos anos.

— O tempo é uma questão de perspectiva — Hillary afirmou, esforçando-se para ser educada, apesar da irritação que sentia. — Os Estados Unidos existem há menos de duzentos e vinte anos.

— É verdade. Ainda assim, esta casa não parece nada confortável. É escura e úmida por dentro.

— Becky Cable viveu aqui até sua morte, aos noventa e seis anos de idade. Portanto, acho que gostava daqui.

Hillary notou que Claire não compreendia por que os americanos faziam tanto alarde sobre edifícios que nem eram tão antigos, se comparados aos ingleses. Mas ela não estava na Inglaterra. Estava num país que assistira a profundas mudanças nos últimos dois séculos, um país que Claire parecia olhar com superioridade.

O único comentário positivo da inglesa fora sobre a estrada que levava ao parque. Claire dissera que a paisagem lembrava-lhe a Inglaterra.

Fora Hillary quem sugerira a Luke que tomasse aquela estrada.

Embora curta, cortava o vale coberto de plantações e pastos verdejantes, tendo sempre ao fundo as gloriosas Smoky Mountains. Hillary imaginara que a paisagem bucólica e pacífica agradaria aos Robertson. Aparentemente, havia se enganado, ao menos com relação a Claire.

Enquanto a inglesa parecia entediada com o que via, Hillary divertia-se.

Sempre gostara de passear por ali e nunca se cansava de explorar as construções antigas, que haviam sido os lares de uma comunidade pioneira. Era bom imaginar como fora a vida daquelas pessoas, que haviam tido papel tão importante na história de seu país.

Ficou satisfeita ao perceber o interesse de Angus pela represa que unia dois rios e produzia a energia para os moinhos, que ainda funcionavam como antigamente. Ele e Luke estavam absorvidos na discussão dos detalhes da construção.

Decidiu contar a Claire como os pioneiros viviam, tentando assim, fazê-la compreender melhor a importância da região.

— Os colonizadores tiveram de começar sua vida do nada, pois a terra era selvagem — contou. — A maioria deles era de origem inglesa, escocesa e alemã.

Angus e Luke haviam se juntado a elas e Angus assentiu ao ouvi-la.

— Este lugar me lembra a Escócia, embora existam mais árvores aqui — disse.

— O parque possui a maior floresta virgem da América — explicou a guia turística, que passava. — É nosso maior orgulho — acrescentou, antes de dirigir-se ao grupo de excursão.

Hillary aproveitou a deixa:

— Foi por sorte que conseguimos preservar esta área. O parque passou a existir somente nos anos trinta. Até então, as terras eram de propriedade de fazendeiros e madeireiros, que estavam abrindo muitas estradas na floresta. Alguns cidadãos queriam transformar a região em parque nacional e começaram a juntar dinheiro para a compra das terras. Mesmo obtendo doações vindas de todo o país, só conseguiram juntar metade dos dez milhões de dólares necessários. Então, de última hora, John D. Rockefeller Jr. doou os restantes cinco milhões e o parque se tornou uma realidade.

Para Hillary, a realidade era que teria preferido passar o fim-de-semana sozinha com Luke, em vez de bancar guia turístico para os

visitantes. Adorava as montanhas, mas sabia que se divertiria muito mais se

não tivessem a companhia do casal. Embora Luke houvesse lhe contado sobre seu trabalho, na noite anterior, não entrara em detalhes sobre o projeto que levava Angus a Knoxville.

Mas tudo acontecera tão depressa, que não haviam tido tempo para maiores detalhes. Depois de despertar nos braços de Luke, Hillary tomara-lhe o carro emprestado, corraera à casa do pai para fazer a mala e avisá-lo de que passaria o fim-de-semana fora. A novidade animadora fora a satisfação de Charles com Sophia. Hillary torceu para que ele estivesse seguindo seu conselho sobre não deixar a vida passar.

No momento, estava mais que ocupada em distrair Claire, que parecia determinada a enlouquecê-la com seus comentários ácidos. Puxando Luke para o lado, Hillary sussurrou ao seu ouvido:

— Se ela fizer mais uma crítica aos americanos, vou afogá-la na represa.

Luke tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

— Ninguém espera um comportamento como esse de uma Grant, cujas raízes remontam à Guerra de Independência Americana — comentou.

— Sou McCallister, agora — ela o lembrou. — Seus maus hábitos devem estar me influenciando.

— Estou contando com isso — ele murmurou, passando um dedo por seu rosto e deslizando-o pelo pescoço. — E estou contando com você.

Embora se deliciasasse com o carinho que ele lhe fazia, Hillary não se deixou levar pela conversa doce.

— Vai ficar me devendo esta, Luke. E vou cobrar.

— Mas eu vou lhe pagar... com juros — ele prometeu com um sorriso malicioso. — Esta noite.

— Promessas, promessas — ela zombou.

— Prefere ação a palavras, não é? — ele a provocou, deslizando a mão por debaixo do pulôver que ela amarrara à cintura, acariciando-lhe as nádegas.

— Pare com isso! — Hillary repreendeu-o. — Estamos num lugar público!

— Ninguém está prestando atenção.

— Claire e Angus...

— Foram comprar cartões postais. Foi uma boa idéia amarrar o pulôver à cintura — Luke elogiou. — Assim, ninguém pode ver o que estou fazendo.

O que ele estava fazendo era deixá-la atordoada. A mão quente e atrevida explorava recantos um tanto íntimos! Respirando fundo, Hillary afastou-se e lançou-lhe um olhar de reprovação.

— Vou me vingar, McCallister. Você não perde por esperar.

— Pois esperarei ansioso — ele assegurou.

— Ansioso pelo quê? — Angus perguntou, quando ele e Claire voltaram a juntar-se aos americanos.

— Para ouvir a apresentação da guia do parque — Hillary apressou-se em responder.

— Gostaria de encerrar, dizendo que nosso planeta não possui fontes inesgotáveis de riqueza — a guia declarou. — Por isso, é importante preservarmos o que temos. Os pioneiros sabiam disso melhor do que nós. Tinham maior respeito pela terra. Vou fazer uma rápida demonstração do que estou dizendo.

— Uma demonstração — Luke sussurrou ao ouvido de Hillary.

— É melhor irmos embora. Sabe o que aconteceu da última vez em que você chegou perto de uma demonstração? Tive de correr para tirá-la da cadeia.

— Gosto de demonstrações — ela declarou com um sorriso.

— Era o que eu temia ouvir.

— Além disso, dê uma olhada em Claire. Ela finalmente parece interessada em alguma coisa.

Luke suspirou.

— Está bem. Vamos ficar. A guia exibiu uma maçã.

— Imaginem que esta maçã representa nosso planeta. Vou cortá-la em quatro pedaços. Agora, vejam: estes três quartos representam os oceanos. — Separou os três pedaços. — Este quarto representa os continentes. — Cortou o pedaço ao meio e separou metade. — Aquela porção representa a terra

inabitável: regiões polares, desertos, pântanos, montanhas rochosas... O que restou, um oitavo, é a terra habitada pela humanidade, mas não necessariamente útil enquanto fonte de alimentos. Agora, tenho de cortar este pedaço em quatro partes e separar três, que são as regiões muito úmidas, frias, ou de solo pobre. Também contém cidades e subúrbios, estradas, estacionamentos, parques, onde as pessoas vivem, mas não cultivam alimentos.

— Segurando o pequeno pedaço restante, a guia continuou: — Agora, ainda terei de tirar a casca deste pedacinho, com cuidado para não me cortar. Muito bem, este minúsculo pedaço de casca representa a superfície da crosta terrestre de que a humanidade dispõe para cultivar todo o alimento necessário, Portanto, quando deixarem o parque, pensem sobre o que cada um pode fazer para proteger nosso planeta.

O grupo aplaudiu com entusiasmo, antes de se dispersar.

— Ela encontrou uma maneira de fazer qualquer pessoa compreender a sua idéia — Hillary comentou.

— Sem dúvida! — Claire concordou. — Foi mesmo muito inteligente.

Finalmente, Hillary pensou, Claire se deixara impressionar!

— Fico me perguntando como ela conseguiu cortar aqueles pedacinhos — Angus comentou. — Pensei que fosse se cortar!

— Ah, os homens! — Claire exclamou, revirando os olhos. — É óbvio que cabe a nós, mulheres, fazer alguma coisa para preservar o ambiente.

Tendo descoberto uma área de interesse mútuo nas questões ambientais, Claire e Hillary tagarelaram sem parar, enquanto Luke dirigia pela estrada que percorria todo o parque.

Atendendo a um pedido de Angus, Luke estacionou no acostamento para tirarem algumas fotografias. Embora o céu estivesse encoberto, havia promessas de sol para mais tarde. Como haviam saído cedo, ainda teriam toda a tarde pela frente.

Observando- as montanhas majestosas, notaram pontos brancos nos picos.

— Não pode ser neve! — Angus concluiu.

— Não sei — Hillary replicou. — Se for, trata-se de um inverno tardio. Já estamos na terceira semana de abril.

A medida que continuaram pelo caminho, descobriram que era mesmo neve.

O sol começava a sair detrás das nuvens, quando chegaram às áreas geladas. Embora a estrada estivesse seca e limpa, a vegetação encontrava-se coberta de uma fina camada de gelo. Voltaram a estacionar e sair do carro, a fim de apreciar o espetáculo que a Natureza lhes proporcionara.

Como estivesse frio, Luke apanhou os casacos extras que levava no portamalas e emprestou-os aos outros. Hillary desejou ter uma câmera para registrar o brilho e o som do gelo se quebrando nas árvores.

— Isto não acontece com frequência — Luke informou-os. — Ocorre uma vez a cada dez anos, aproximadamente.

— Vamos ver o que há mais acima — Hillary sugeriu. Tomaram o caminho para Clingmans Dome, o ponto mais alto do parque, mas não havia sinais de visitas do inverno tardio... até Luke fazer uma curva.

Foi Hillary quem primeiro avistou a cena maravilhosa.

Luke estacionou no mesmo instante e os quatro saíram do carro apressados. Hillary jamais vira coisa tão linda. Nem mesmo os invernos de Chicago se comparavam à magia diante de seus olhos.

A pequena área ainda não fora atingida pelo sol e tudo, desde o topo das árvores até a grama rasteira, encontrava-se coberto pela camada branca. A vegetação à beira da estrada não fora afetada pela neve, proporcionando assim um forte contraste entre as duas estações que se sobrepunham: inverno e primavera.

Hillary e Angus puseram-se a fotografar a cena em frenesi. Tiraram fotos de todos os ângulos possíveis.

Enquanto Luke, Angus e Claire debatiam as causas do fenômeno — gelo, neve ou névoa congelada — Hillary limitava-se a considerá-lo uma maravilha da Natureza.

E já estava se dissipando. Diante de seus olhos, as árvores começavam a

desnudar-se de sua cobertura branca e brilhante, para apresentar seus diversos tons de verde. O gelo estralava e caía em placas.

— Cuidado — Luke advertiu-a, puxando-a para trás. — Não quero que se machuque.

Ela sorriu.

— É lindo, Luke!

— Você é linda — ele a corrigiu, acariciando-lhe a face. Hillary sentiu uma onda de calor envolver-lhe o coração. Desejou poder saber o que Luke pensava, o que sentia, enquanto a fitava com imensa ternura.

— Um espetáculo e tanto — Angus manifestou-se, interrompendo o interlúdio dos dois.

De volta ao carro, foram até o topo da Clingmans Dome, onde Hillary acabou com o filme da máquina. Tirou fotos de tudo, embora nem mesmo a vista grandiosa se comparasse ao que haviam presenciado na curva da estrada.

Quando regressaram, a magia havia desaparecido sob os raios do sol. Hillary perguntou-se se aconteceria o mesmo com ela e Luke, se a incrível magia que haviam partilhado na noite anterior se dissiparia, uma vez que a realidade se abatesse sobre suas vidas. Teria sido apenas um momento efêmero, fadado a desaparecer e impossível de resgatar?

Seus pensamentos a mantiveram calada durante o trajeto de volta a Gatlinburg. O hotel que Luke reservara ficava próximo à estação de esqui e era sofisticado, luxuoso e moderno. Tudo o que o Li'! Abner Motel não fora.

— Felizmente, não temos lareiras pornográficas, desta vez — Hillary assinalou.

— Não, mas há uma banheira com hidromassagem no terraço, com uma vista incrível das montanhas — Luke informou-a.

Quinze minutos depois, estavam no terraço. Segurando as duas canecas de chocolate quente com licor e creme, Luke só se deu conta das linhas provocantes do biquíni azul de Hillary, quando ela tirou o robe.

Ela soltou os cabelos, deixando-os caírem livres sobre seus ombros. Ao

abaixar-se para tirar as sandálias, Luke pousou os olhos nas curvas de seu corpo. Notando a direção de seu olhar, ela sorriu. Sabia que o biquíni aderiria como uma segunda pele a seu corpo, embora aquela fosse a primeira vez que o vestia. Não tivera coragem de usá-lo, pois era minúsculo. Naquele dia, porém, fora tomada pelo desejo de causar uma forte impressão em Luke. E, pelo brilho nos olhos dele, conseguira.

— Está frio aqui fora — comentou com um leve estremecimento.

— Para isso, temos água quente e chocolate quente — Luke falou. — Para aquecê-la.

— Pensei que você fosse me aquecer — ela replicou.

— Está ficando muito segura de si — ele zombou.

Longe disso, Hillary pensou. A única coisa de que estava segura era que amava Luke e que queria viver intensamente aquele momento. Não se preocuparia, nem esperaria por mais do que ele pudesse lhe dar. Também não analisaria cada olhar e cada gesto. Só queria esquecer de tudo e ninguém melhor do que Luke para fazê-la esquecer.

— Entre na água — Luke incitou-a, ao vê-la parada na borda.

A força da hidromassagem quase a derrubou, quando ela se sentou dentro da água quente. Luke sentou-se a seu lado e estendeu-lhe uma das canecas de chocolate. Então, passou o braço livre em torno dela, mantendo-a junto a si.

— Tem certeza de que ninguém vai aparecer por aqui? — Hillary perguntou.

— Esta banheira é para nosso uso exclusivo. Relaxe. Hillary obedeceu de bom grado. Bebericou seu chocolate e pôs-se a apreciar a paisagem das montanhas delineadas contra o céu.

Ficou impressionada pelas diversas tonalidades de verde que contrastavam com o azul. Então, virou-se para Luke e descobriu que não havia verde mais lindo que os olhos dele. E esqueceu da paisagem quando ele se inclinou para beijá-la, lambendo o creme de seus lábios, numa atitude muito provocante.

O sol começava a se pôr, mas ela nem notou. Ao contrário, focalizou toda a

sua atenção nos lábios quentes de Luke, no contato de sua pele na dele, no sabor de chocolate em sua língua. Rapidamente, deixaram as canecas de lado, a fim de embriagar-se no prazer dos beijos e carícias lânguidas.

Tudo ia muito bem, até os dois darem uma cabeçada de frente, quando Hillary adiantou-se para mordiscar-lhe o ombro e Luke inclinou-se para beijar-lhe... ela não sabia o quê. E o acesso de riso que a sacudiu impediu-a de pensar mais a respeito.

— Precisamos traçar um mapa — Luke sugeriu e traçou uma linha imaginária, que iniciava no pescoço de Hillary e terminava no decote do biquíni. — Eu vou por aqui. — Então, tomou a mão dela e traçou uma linha pelo próprio ombro. — Você vai por aqui.

— Sempre autoritário — ela o provocou.

— Está reclamando?

— Estou apenas sugerindo que eu vá por aqui — colou os lábios ao peito coberto de pelos e deslizou-os até seu pescoço. — E que você vá por aqui — tomou-lhe a mão e pousou-a sobre um dos seios.

Notou que, ao menos uma vez, Luke não protestou e aceitou a sugestão. Envolvidos pela água quente e borbulhante, dedicaram-se à exploração audaciosa de seus corpos molhados.

De súbito, Hillary teve a impressão de ouvir uma voz humana a distância. Não havia falado. Luke também não. Então...

— Ah, meu Deus! Desculpem a intromissão! — Angus falou, enquanto Claire permanecia muda a seu lado.

Em vez de ceder ao impulso de afogar-se na água quente, Hillary bateu em retirada, deixando para Luke a tarefa de... explicar-se, desculpar-se, o que quer que alguém tivesse de fazer numa situação como aquela.

— Você me disse que a banheira era para nosso uso exclusivo e que ninguém nos interromperia — ela lembrou Luke, assim que ele entrou no quarto.

— Uso exclusivo, nosso é dos Robertson. Mas nunca imaginei que...

— Ah, eu também não imaginaria — Hillary concordou com uma risada. —

Eles não parecem do tipo que se interessam por esse tipo de coisa.

— Diferente de nós, que não nos interessamos por outro tipo de coisa — Luke murmurou. — Onde foi que paramos? — perguntou, tomando-a nos braços e beijando-a.

Enquanto Luke recomeçava exatamente de onde haviam parado, Hillary admitiu para si mesma que se interessava por algo mais que o paraíso sensual que ele lhe oferecia. Interessava-se por amor. Mas Luke, não. Sabia disso. Só não sabia quando conseguiria aceitar isso.

Mais tarde, quando Luke dormia a seu lado, Hillary fitava a escuridão e refletia sobre a diferença do quarto de luxo para aquele que haviam partilhado no Li'l Abner Motel. Era incrível e até assustador, pensar que a infame lua-de-mel acontecera há apenas oito dias.

Oito dias e oito noites. Sete noites, ela se corrigiu, lembrando-se do que acontecera na véspera, no apartamento de Luke. Como pudera sucumbir à tentação tão depressa?

E, de que adiantara aquela cláusula ridícula do contrato pré-nupcial? Quase nada, Luke tinha razão. Era e fora capaz de seduzi-la e levá-la para a cama de novo. E Hillary nem sequer poderia alegar ter sido uma vítima não cooperativa. Aliás, não fora vítima de coisa alguma. Sabia o que estava fazendo. Não sabia?

A verdade era que estava cheia de expectativas. E isso não era bom pois, ao mesmo tempo que esperava que seu relacionamento com Luke se transformasse no que desejava, temia esperar demais.

Não queria sofrer novamente. Assim, tentava abafar a esperança de que ele lhe declarasse seu amor, tentava ser realista sobre seu futuro.

Mas descobria-se vulnerável em momentos como aquele, fantasiando sobre a declaração de Luke. E ficava furiosa consigo mesma. Ele só declararia seu amor se Hillary lhe arrancasse as palavras... ou se o seduzisse.

Boa idéia!

Hillary fechou os olhos e imaginou-se amarrando Luke à cama e seduzindo-o a declarar seu amor. Usaria echarpes de seda. Azuis, sua cor favorita. E ele

ficaria indefeso, à sua mercê.

Podia visualizar a cena com clareza: Luke deitado na cama, vestindo... o quê? Ah, uma de suas calças jeans surradas. Sim. Ela abriria o zíper com lentidão deliberada. Só havia um problema: podia imaginar-se, horas depois, ainda tentando tirar-lhe a calça.

Muito bem, descartaria a calça jeans. Ele usaria um calção largo. Afinal, aquela era sua fantasia. Poderia vesti-lo ou despi-lo como bem entendesse. Luke estaria à sua mercê e a situação a agradava.

Tão sexy quanto Kathleen Turner, tão voluptuosa quanto Marilyn Monroe, Hillary se sentaria sobre ele, os joelhos pressionando-lhe os quadris. Usaria uma minúscula camisola de seda e seria dez quilos mais magra do que realmente era. Luke ficaria fascinado, excitado, faminto!

Ela o provocaria até levá-lo às raias da loucura, fazendo coisas que só conhecia de livros. Então, ele lhe diria que a amava. E ela o faria repetir mais e mais e mais...

Com tais pensamentos eróticos, Hillary adormeceu.

O domingo passou depressa, em meio a todos os passeios que podiam fazer. Antes de deixar as Smokies, os Robertson queriam conhecer tudo. Assim, Luke e Hillary encarregaram-se de levá-los numa verdadeira excursão, incluindo um restaurante especializado em comida local

Durante a viagem de volta a Knoxville, Hillary e Claire foram conversando no banco de trás. Hillary contou sobre as questões mais recentes surgidas em seu trabalho: segurança nos automóveis, poluição doméstica, uso de pesticidas, cartões de crédito e preços mais baixos para planos de assistência médica. Falou sobre as vitórias que as organizações de consumidores haviam conquistado: novas regulamentações e informações nutricionais impressas nos rótulos de produtos alimentícios, leis que obrigavam as montadoras a produzir carros mais seguros e menos poluidores.

Como Claire se mostrou muito interessada, Hillary convidou-a para visitar a organização em que trabalhava. O convite incluiu um almoço.

— Eu adoraria — Claire aceitou. — Você mencionou que se trata de uma instituição sem fins lucrativos. Imagino que aceitem doações.

— Claro, mas não foi por isso que a convidei...

— Sei disso. Acontece que já estou envolvida com esse tipo de trabalho, na Inglaterra. Especialmente na questão do uso de pesticidas e da poluição doméstica.

— Parece que você e Claire finalmente encontraram assunto — Luke comentou, depois de haverem deixado os Robertson no hotel.

— Vamos almoçar juntas amanhã — Hillary contou-lhe.

— Bom.

Luke sentia-se mais que satisfeito. O fim-de-semana fora melhor do que havia esperado. Parecia que, finalmente, tudo começava a se encaixar.

A segunda-feira de Hillary foi frenética. Ela passou a manhã inteira tentando compensar o tempo que perdera na delegacia, na sexta. Felizmente, havia marcado o almoço com Claire somente para as duas horas.

O telefone tocou. Era Jolene.

— Desculpe incomodá-la no trabalho — a amiga falou depressa. — Só queria saber se está tudo bem com você, pois não nos falamos desde aquele almoço, há mais de uma semana.

— Eu sei. Minha vida está uma loucura.

— Loucura boa ou ruim?

— Boa, na maior parte — Hillary respondeu com um sorriso, lembrando-se dos momentos que passara nos braços de Luke.

— É bom saber que você e Luke estão resolvendo sua vida. E a briga de seus pais, como vai?

— Aparentemente, foi provocada por uma mulher. Não tenho certeza, mas acho que se trata de uma ex-secretária deles. Preciso localizá-la, contratar um detetive particular...

— Não diga mais nada — Jolene interrompeu-a. — Lembra-se de que lhe contei sobre um homem que conheci? Darryl? Pois ele é detetive particular. E

dizem que é bom. Além disso, está louco para me impressionar e esta seria sua grande chance. Vamos ver se ele descobre o paradeiro da tal mulher.

Hillary combinou que enviaria as informações que possuía sobre Nadine Boudine para Darryl, através do fax do escritório de seu pai. Quando ele não estivesse em casa.

— Obrigada, Jolene. Foi Deus quem pôs você na minha vida.

— Ora, para que servem os amigos? Trate de curtir o seu marido. Ouvi falar que esses caras de construção são arrasadores depois de um bom banho.

Hillary não poderia negar a afirmação.

Atrasaram-se para o almoço, porque o diretor da organização fez questão de acompanhar Claire pessoalmente durante a visita.

— Queria dizer que vi você na televisão, sexta-feira à noite — Claire informou-a.

— Aquilo não costuma fazer parte do meu trabalho — Hillary apressou-se em dizer. — Estou me referindo a ir parar na delegacia.

Por ironia do destino, menos de uma hora depois, Hillary estava de volta à delegacia, pedindo para usar o telefone e ligar para Luke.

— Luke, é Hillary. Poderia avisar Angus que Claire vai se atrasar para voltar ao hotel? Ela não quer que ele fique preocupado. Houve um imprevisto e nos atrasamos, mas estamos bem.

Ouvindo o grande movimento pelo telefone, Luke perguntou.

— De onde está ligando?

Hillary fez uma pausa, hesitante em contar-lhe a verdade, mas recusando-se a mentir.

— Da delegacia.

— Grande! — Luke declarou com resignação. — O que fez desta vez?

CAPÍTULO XI

Será que já pode me desculpar? — Luke perguntou, depois de levar Hillary para jantar em um dos restaurantes mais românticos de Knoxville.

— Desculpar por quê? Por me avisar da viagem às Smoky Mountains na

última hora? Ou por me acusar de meter Claire em encrencas?

— Você poderia ter me falado que estavam na delegacia porque haviam testemunhado um acidente de automóvel e fora apenas prestar depoimento.

— Não tive a oportunidade.

— Está bem. Acho que fui muito precipitado, mas já compensei meu erro, não foi?

— Digamos que já foi um bom começo.

— Começo? Só isso? As rosas não contam?

Hillary aspirou o perfume do imenso buquê que levava nos braços, enquanto Luke abriu a porta da nova casa. Havia transportado para lá os artigos de primeira necessidade e Abe lhes fizera uma surpresa. Durante o fim-de-semana, ele reunira alguns trabalhadores da construção, para carregar a cama do apartamento de Luke para lá. A cama era a única peça de mobília na casa. Assim, eles só podiam mesmo dormir lá.

— As rosas são lindas — ela respondeu afinal.

— Você também — Luke murmurou e tomou-a nos braços, mas soltou-a em seguida. — Ai! — exclamou.

— O que houve? — ela perguntou preocupada.

— Um espinho... Dê-me isto — ele retirou o buquê das mãos dela e colocou-o sobre um dos caixotes de mudança. — E dê-me isto também — acrescentou, ajudando-a a livrar-se do lindo casaco que usava.

— Se é assim, é melhor me dar isto — ela falou, tirando-lhe o paletó.

A gravata de Luke não demorou a juntar-se às peças de roupa jogadas no chão.

— E isto — ele disse, encarregando-se de tirar o vestido de Hillary. Passara a maior parte da noite ansioso pelo momento de despi-la do belo traje negro, tomara-que-caia.

Em meio a beijos incendiários, mais peças de roupa foram descartadas e atiradas no chão. A brincadeira não demorou a se transformar em paixão, como sempre acontecia entre os dois.

Não subiram para o quarto. Aliás, não subiram. Fizeram amor na escada.

E fora um amor selvagem e decadente, com Hillary apoiada ao terceiro degrau, usando apenas o sutiã e o pingente de topázio, as pernas enrascadas nos quadris de Luke.

À medida que ele a penetrava mais e mais profundamente, seu prazer era tão intenso que Hillary balbuciou seu nome e mordeu-lhe o ombro, a fim de abafar um grito. Então, sentiu a tensão crescer, até não caber mais dentro dela para, em seguida, explodir em onda de êxtase.

Luke atingiu o clímax no momento seguinte e foi o primeiro a falar:

— Isto foi um tipo de rimai que vamos obedecer a cada vez que nos mudarmos?

— Pode passar a ser — ela respondeu animada. — Temos um jeito muito especial de inaugurar lugares novos: primeiro, foi no chão da sala do seu apartamento, agora, a escada.

Luke gemeu.

— Acho que não posso me mexer.

— Sei o que está sentindo — ela falou e beijou-o de leve. — Também não tenho vontade de sair daqui.

— Estou dizendo que não posso me mexer. Acho que dei um mal jeito nas costas.

— Ah, Luke! O que posso fazer para ajudar?

— Vamos sair desta escada e ir para a cama.

Foram para a cama e Hillary quis certificar-se de que nenhum dano permanente fora causado às costas de Luke. O tom zombeteiro dos gemidos dele indicavam que ele não sofrerá nenhum ferimento sério. Se é que havia ferimento! Mas Hillary estava mais que disposta a continuar com o jogo.

— Deixe-me ver se está tudo bem por aqui — e ela falou, deslizando as mãos por toda a extensão de suas costas, em movimentos provocantes.

Luke gemeu.

— Outro espasmo? — ela fingiu preocupação. — Onde?

— Não foi nas costas... .

— Onde foi? Aqui? — ela deslizou as mãos pelos quadris estreitos e másculos.

Desta vez, o gemido de Luke exibiu um tom de agonia.

— Continue, continue — ele a incitou. — Um pouco mais para baixo, para a esquerda. Esquerda, irlandesa; não direita. — Ela seguiu suas instruções com criativo entusiasmo. — Aí! Isso mesmo! Ah, muito bom...

Hillary observou-o fechar os olhos e suspirar de prazer, enquanto ela o seduzia, exatamente como havia fantasiado.

— Acho que já sei qual é o seu problema — ela declarou com voz rouca e maliciosa. — E só há um meio de curar esse tipo de dor— murmurou, antes de posicionar-se sobre ele. Depois de acariciá-lo mais um pouco nos pontos mais sensíveis de seu corpo, apanhou a caixa de preservativos que trouxera para a cama e encarregou-se ela mesma de cuidar da proteção. Então, guiou-o para dentro de si, devagar, seduzindo-o mais e mais. — Assim... Agora tudo vai ficar melhor... muito melhor.

Impaciente com o jogo de sedução, Luke agarrou-lhe os quadris e puxou-a para baixo, penetrando-a com ânsia faminta.

— Seja paciente — ela sussurrou, voltando a se erguer, sem no entanto desfazer o contato íntimo.

— Vai acabar me deixando louco!

— Pois vou fazer melhor que isso. — Hillary pousou as mãos em seus ombros, prendendo-o de encontro ao colchão. — Prometo.

Com um sorriso, voltou a baixar os quadris bem devagar, absorvendo tudo o que ele tinha para lhe dar. Então, contraiu delicadamente os músculos.

Luke respirou fundo, apertando os olhos.

— Luke... isto é tão... bom! — Hillary exclamou.

— Eu sei — ele murmurou com voz entrecortada. Ainda sorrindo, ela se inclinou para a frente, tocando-lhe o peito com os mamilos rijos. Seus cabelos soltos emolduravam-lhe o rosto, produzindo um efeito etéreo, que contrastava

com seus movimentos hábeis e deliberados.

— E então? Como se sente estando à minha mercê? — perguntou.

— Muito bem, irlandesa — Luke respondeu com voz quase sumida de paixão. Estendeu uma das mãos para enrascar os dedos nos cabelos de Hillary, enquanto a outra deslizava até o ponto onde seus corpos se uniam. — Gosta disso? — Acariciou-lhe o ponto mais sensível de sua feminilidade com o polegar. — Gosta?

— Claro...!

— Quer mais?

— Sim, sim!

Em breve, Hillary já não era capaz de pronunciar sequer uma palavra tão curta. O prazer que sentia era tão intenso, que chegava a ser quase doloroso... quase divino... quase...

Cravou os dedos nos ombros de Luke, pois precisava agarrar-se a algo sólido, enquanto a cama, o quarto, o mundo girava ao seu redor. Sentiu-se como se estivesse decolando num vôo sensacional, ou saltando do pico mais alto. A tensão que se acumulava finalmente encontrou vazão e, com um grito agudo, Hillary abandonou-se ao êxtase, nos braços de Luke,

Um instante depois, era ele quem gritava e agarrava-se a ela, numa explosão apaixonada.

Deitado no quarto escuro, segurando Hillary em seus braços, Luke não podia lembrar-se de haver se sentido tão satisfeito e feliz. Seu dia com Angus fora ótimo. Havia repassado cada detalhe do projeto e não havia dúvidas de que estavam prestes a fechar um acordo. E a noite com Hillary fora incrível, cheia de paixão e imaginação. Parecia que tudo daria certo em sua vida, tanto no campo profissional, quanto pessoal. Então, de onde vinha aquela sensação de desconforto? Sentia-se como se estivesse desafiando os deuses do destino a lhe tomarem tudo de volta, só por estar tão feliz.

Descartou tais pensamentos, como sendo produtos do cansaço e da velha culpa incutida em sua mente pela religião católica. Então, focalizou a atenção no

conforto que o cercava.

— É assim que uma cama tem de ser — informou a Hillary. — Grande o bastante para que possamos nos esticar nela.

— Grande o bastante para a gente se perder — ela o corrigiu com voz sonolenta.

— Não se preocupe. Não vou perder você. — Para enfatizar a afirmação, aconchegou-a em seus braços, segurando-lhe a nuca com a mão forte. — Não vou perder você — repetiu, como se o ato de pronunciar as palavras fosse realizar o seu desejo.

Hillary ficou satisfeita ao descobrir que fizera progressos no tocante ao comportamento de Luke. Ele, a avisou, com dois dias de antecedência, que teria de viajar a negócios. Partiria na quinta à noite.

Hillary decidiu aproveitar a noite que passaria sozinha para ir à casa do pai e carregar outra parte de sua mudança para a nova casa.

Jantou em companhia de Charles e Sophia. Seu pai pedira à governanta que o acompanhasse às refeições.

— Não faz sentido eu me sentar aqui, olhando para estas quatro paredes, sem ninguém para conversar exceto Killer, quando Sophia está na cozinha, olhando para aquelas quatro paredes — ele argumentara.

Sophia enrubescera e falara pouco.

Embora satisfeita pela novidade, Hillary conhecia o pai o suficiente para saber que não deveria criar grandes expectativas. Depois do jantar, subiu para separar as coisas que acumulara desde a infância. Enquanto vivia em Chicago, jamais se preocupara em verificar tudo o que mantinha naquele quarto.

O tempo voou, enquanto ela se distraía, examinando velhos álbuns de fotografias e as mil e uma coisas que os adolescentes costumam guardar: de ingressos para shows, a longas cartas. Esfregou a mão no pescoço dolorido e perguntou-se por que estaria se sentindo tão cansada. Ao consultar o relógio, encontrou a resposta: passava da meia-noite.

Tinha duas opções: dirigir por vinte minutos, até sua casa, ou cair em sua

cama ali mesmo. Ainda tinha algumas roupas no armário, adequadas para o trabalho na manhã seguinte.

Decidiu passar a noite ali e adormeceu no momento em que pousou a cabeça no travesseiro. Acordou duas horas depois. Ouvira algo. Um ruído no andar térreo. Seria Sophia? Ou seu pai? Por um momento, perguntou-se se seriam Sophia e seu pai. Então, afastou a idéia. Sendo um cavalheiro, Charles não se aproveitaria de uma mulher que vivia ali há poucos dias.

Hillary tentou reconciliar o sono, mas a curiosidade foi maior. Decidiu descer e verificar o que a despertara. Como conhecesse a casa como a palma da mão, não acendeu as luzes. O luar lhe bastaria.

Ao chegar no andar de baixo, encontrou um homem no escritório de seu pai! Ele se virou e fitou-a e ela suspirou aliviada. Era Shawn, pai de Luke.

Killer, que acompanhara Hillary, latiu e apressou-se a fazer um reconhecimento do estranho. Rosnou de leve ao fazê-lo.

— Tire este cachorro de perto de mim — Shawn ordenou. Hillary acendeu as luzes.

— Killer, venha cá — chamou a cachorra a acariciou-lhe a cabeça. — Ela não lhe fará mal algum, embora eu mesma tenha vontade de atacá-lo. O que está fazendo aqui, Shawn?

— O que acha que estou fazendo? — Shawn falou, mantendo um olho fixo em Killer. — Estou tentando descobrir o que vocês estão armando desta vez.

— Como entrou?

— Arrombei a porta da frente.

— Arrombamento e invasão de domicílio são crimes — Hillary informou-o.

— Não provoqueei nenhum dano. Sua porta continua inteira. E é engraçado você vir me dar um sermão sobre certo e errado, quando você e aquele patife do seu pai estão tramando Deus sabe o quê!

— Fale baixo! — Hillary sussurrou. — Meu pai pode ouvi-lo!

— Já estou ouvindo — Charles declarou da porta, — O que ele está fazendo aqui?

Olhando para os dois, Hillary teve a mesma sensação da outra noite no restaurante: eles iam se atracar. Só que, desta vez, ambos já se colocavam em posição de ataque. Tinha de fazer alguma coisa!

— Ele está aqui porque... eu o convidei — mentiu. Charles fitou-a com olhar cético.

— Convidou-o, à duas da manhã?

— Eu precisava conversar com Shawn — ela insistiu. — Sobre Luke.

— Converse com ele em sua casa. Este homem não é bem vindo aqui.

Ao mesmo tempo em que se sentiu aliviada por haver encoberto as atitudes de seu sogro, Hillary não estava nem um pouco satisfeita com ele. Alcançou-o, antes que Shawn escapasse.

— Vou exigir uma explicação amanhã mesmo — comunicou-o.

— Ainda não descobri o que você e seu pai estão planejando, mas vou conseguir. Juro que vou! — ele advertiu em tom sombrio.

— Não estamos planejando nada.

— Claro que estão. Não sei que ardis femininos você usou com meu filho para convencê-lo a casar-se com você...

A raiva subiu à cabeça de Hillary e ela disse:

— Pára seu governo, seu filho praticamente me ordenou que me casasse com ele!

Não havia planejado dizer aquilo. As palavras haviam lhe escapado num momento de raiva.

Sem dizer palavra, Shawn fitou-a por um segundo e saiu, batendo a porta atrás de si.

— Então, foi Luke quem armou tudo isso! — Shawn resmungou consigo mesmo, a caminho de seu carro. — Aquele garoto está planejando alguma coisa. E eu vou descobrir logo o que é. Quanto antes eu puser um fim a esse casamento e tirar Luke das garras malignas dos Grant, melhor.

Dentro de casa, Hillary sentiu-se aliviada por haver se livrado de Shawn tão depressa.

— Você é mesmo um grande cão de guarda — dirigiu-se a Killer que dormira profundamente na cama de Hillary, até a dona levantar-se para verificar o que provocara o barulho.

— Ela teria defendido você, se aquele demônio tentasse atacá-la — Charles falou. — Assim como eu pretendia defendê-la.

— Não preciso ser defendida, papai.

— Nem mesmo de um marido que a obrigou a casar-se? Não tente negar. Ouvi você dizer isso a Shawn. Luke casou-se com você para puni-la, por ser minha filha, não foi? Tudo não passa de uma vingança!

— Não é nada disso. Eu amo Luke, papai. Nunca consegui esquecê-lo — ela falou com sinceridade.

— Então, seu casamento nada teve a ver comigo?

— Casei-me com o homem que amo. Ninguém me obriga a fazer o que não quero. — O que só agora ela começava a admitir. Se tivesse de casar-se com qualquer outro homem para pôr fim à briga do pai, teria encontrado outra solução. — Vou voltar para a cama. Já é tarde e terei um dia cheio amanhã.

— Acho que também vou ter um dia cheio — Charles resmungou consigo mesmo, depois que Hillary subiu. — Investigando Luke McCallister.

O primeiro telefonema que Hillary recebeu no trabalho foi de Jolene.

— Darryl encontrou uma pista. Em San Francisco. Foi para lá, a fim de verificá-la.

San Francisco? Embora quisesse muito localizar Nadine, Hillary não contava com orçamento ilimitado.

— Gostaria que ele tivesse me consultado antes — falou. — As passagens aéreas daqui para a Califórnia são caras e...

— Esqueça. Ele tinha mesmo de ir a San Francisco para trabalhar no caso de outro cliente. Eu já lhe disse que Darryl está fazendo esta investigação como um favor. Quer me impressionar. E está conseguindo — Jolene acrescentou com uma risadinha marota. — Estará de volta amanhã e, com sorte, trará informações úteis a você.

Era o que Hillary esperava, pois a visita noturna de Shawn só servira para piorar a situação.

Hillary deu as boas vindas a Luke, quando ele retornou de Nashville, na sexta à noite, com abraços e beijos... e uma caixa vazia.

— Temos de fazer a mudança de tudo o que há em seu apartamento — ela o informou. — E vamos terminar a mudança neste fim-de-semana.

— Já temos a cama — ele replicou, erguendo-lhe os cabelos para beijar-lhe o pescoço. Seus lábios deslizaram indolentes até a orelha de Hillary. — Do que mais precisamos? — perguntou com voz rouca.

— Do resto da mobília e das caixas que ainda estão na garagem da casa de meu pai.

— Amanhã — ele decidiu e obrigou-a a fechar os olhos com seus beijos.

A sensação provocada pelos lábios quentes em suas pálpebras foi romântica. E os beijos foram mudando de lugar: passaram por suas faces, pelos cantos de sua boca, o queixo... Em algum momento, Hillary largou a caixa vazia no chão e abandonou a idéia da mudança.

— Acho que podemos esperar até amanhã para trazer o resto da mobília — concordou, enquanto seguia Luke de boa vontade para a única peça de mobília existente na casa: a cama.

— A mobília pode esperar — Luke murmurou. — Nós, não. E, como sempre, ele estava certo.

No sábado, Hillary e Luke foram até a casa de Charles, a fim de carregar as caixas pesadas da garagem. Na verdade, Luke carregava o peso, enquanto Hillary admirava sua habilidade. Ela jamais se cansava de olhar para ele, ouvir sua voz, observar o modo como ele se movia.

Ele usava uma camisa de cambraia e uma calça jeans, surrada ao ponto de parecer flanela. Ela mesma verificara a textura do tecido minutos antes, quando apertara alguns lugares estratégicos. A calça era macia, ao contrário do homem dentro dela.

Ele a fitara com a promessa de vingar-se de sua sedução, mais tarde. No

momento, tinha as mãos ocupadas com uma grande caixa de madeira. Quando saiu da garagem, Luke perguntou:

— Tem certeza de que Killer não vai comer o cachorrinho da vizinha?

Hillary olhou para o jardim, onde Killer e Bratwurst, a mini-pincher da casa ao lado, brincavam de pega-pega. A dobermann encontrava-se em sua posição de "venha brincar comigo", com o traseiro erguido, a cabeça e os ombros abaixados.

— Fazem isso sempre — Hillary falou sorrindo. — Estão brincando de pega-pega.

No mesmo instante, Killer saiu correndo, perseguida por Bratwurst, que tinha o mesmo tamanho da cabeça da dobermann.

— Viu? — Hillary falou.

— Sua cachorra é mesmo muito estranha, Hillary.

— O que não o impediu de deixá-la cochilar no seu colo. Pensa que não reparei?

— Prefiro cochilar com a dona de Killer — Luke respondeu, abandonando a caixa para abraçá-la. — E prefiro ter você no meu colo.

Hillary também preferia.

Ao final da manhã de domingo, a campainha tocou. Hillary abriu a porta e deparou com seu pai e seu sogro de punhos erguidos, um para o outro. Jolene e seu amigo haviam passado por lá horas antes, trazendo dois envelopes fechados, contendo notícias importantes. Notícias que Hillary ainda não sabia como divulgar. Assim, aquela foi a segunda surpresa do dia.

A iminente luta entre Shawn e Charles exigiram-lhe atenção imediata.

— Eu fui o primeiro! — Shawn dizia.

— Ela é minha filha! — Charles retrucava.

— Bom dia para os dois. A que devo a honra da visita? — ela perguntou com um sorriso zombeteiro. — A casa parece pequena, mas tem espaço suficiente para os dois.

Tratava-se de um comentário otimista, uma vez que nem a cidade de

Knoxville parecia grande o bastante para impedir os duelos entre os ex-amigos e ex-sócios.

— Hillary, tenho algo importante a lhe dizer — Charles começou.

— O que tenho a dizer a ela é ainda mais importante — Shawn protestou.

— O que está acontecendo aqui? — Luke inquiriu ao descer. Estivera esvaziando caixas no andar de cima.

— Temos companhia de novo — Hillary informou-o.

— Isso eu estou vendo.

— Eu sei por que se casou com minha filha, seu canalha! — Charles acusou-o, sacudindo o dedo em riste.

— Papai! — Hillary protestou, surpresa pela mudança no rumo das coisas. Pensara que Luke e seu pai haviam começado a se entender.

— Não se atreva a chamar meu filho de canalha — Shawn advertiu-o. — Foi sua filha...

— Do que vocês estão falando, afinal? — Hillary inquiriu com impaciência.

— Do motivo pelo qual Luke se casou com você — Charles respondeu.

Teriam descoberto que os filhos haviam se casado para pôr um fim à briga deles?

— Bem, nós tínhamos de fazer alguma coisa — ela falou.

— Quer dizer que sabia que Luke só se casou com você para salvar seus negócios? — Charles perguntou horrorizado.

— Negócios? — Hillary hesitou. — Não estou entendendo.

— Luke precisava do financiamento de Angus Robertson para seu projeto — Shawn explicou.

— Angus Robertson só se associa a homens casados. Luke sabia disso. Então, casou-se com você. Foi por isso que tinha tanta pressa — Charles completou a história. — Porque precisava de uma esposa, qualquer uma, mas tinha de arranjar uma logo.

CAPÍTULO XII

Hillary fitou o pai e o sogro com olhar incrédulo. Então, virou-se para Luke:

— É verdade?

A expressão de culpa no rosto dele respondeu a pergunta. Hillary sentiu-se anestesiado pela dor.

— Então, mentiu ao dizer que nos casaríamos para terminar a briga de nossos pais — pronunciou as palavras devagar, pois o desespero que ameaçava invadi-la quase a impediu de falar.

— Não menti — Luke negou. — Não exatamente.

— Mas também não disse toda a verdade, não é? — A raiva logo tomou o lugar da dor. — Responda, Luke: sim ou não. É verdade que Angus Robertson só faz negócios com homens casados?

— Ele só investe em projetos, cujos donos tenham uma esposa...

— Quer dizer que, mais uma vez, você colocou sua companhia e seus negócios em primeiro Sugar!

— Que diferença faz a razão pela qual nos casamos? — Luke replicou, sentindo-se encurralado pelo pai e pelo sogro, parados ali, prestando atenção a cada palavra trocada pelo casal. — Seus motivos eram tão práticos quanto os meus.

Se ele houvesse dito que a amava, ou ao menos mencionado a palavra amor, Hillary teria reagido de maneira diferente. No entanto, ela agora se sentia duplamente traída. Chegara a pensar que seria capaz de aceitar o fato de que, embora a desejasse com ardor, Luke não a amasse de verdade. Mas descobrir que ele possuía motivos ulteriores para se casar com ela era demais.

Furiosa, falou:

— Tem razão. Só me casei com você para salvar meu pai. Parece que cada um de nós tinha seus próprios motivos. Ambos errados.

— Conversaremos sobre isso quando estivermos sozinhos — ele disse.

Não diria mais nada agora, não depois de Hillary haver anunciado que só se casara com ele para salvar o pai. Ouvir tais palavras, depois do que haviam partilhado ao longo da última semana foi um golpe duro demais para seu orgulho.

Porém, isso não explicava a dor que se formava dentro de seu peito, pouco a pouco, cada vez maior. O sentimento que ameaçava sufocá-lo era mais que orgulho ferido.

Se Hillary olhasse para Luke, certamente veria a sombra da dor em seus olhos. No entanto, ela já concentrara a atenção no pai e no sogro, que continuavam parados diante da porta, parecendo sentirem-se plenamente justificados em seus atos.

— Vocês dois ainda são excelentes parceiros — falou. — Trabalhando juntos, conseguiram o que queriam, mais uma vez. Espero que estejam satisfeitos. E, como se mostraram mais que ansiosos para me dar a notícia, eu gostaria de retribuir o favor. — Caminhou até o consolo da lareira e apanhou os dois envelopes selados que Jolene lhe entregara horas antes. — Também tenho novidades para os dois. Descobri o paradeiro de Nadine. Ela vive em San Francisco e atende pelo nome de Ned.

— Ned? — Charles e Shawn repetiram em uníssono.

— Isso mesmo. Ao que tudo indica, a sua mulher misteriosa já não se considera mulher. Está tudo aqui. — Estendeu-lhes os envelopes. — Espero que estejam orgulhosos de si mesmos e do que acabam de fazer — completou com ira contida.

Virando-se para Luke, acrescentou:

— Quanto a você, espero que também se orgulhe do que fez. Porque eu não me orgulho de nenhum de vocês. Para falar a verdade, cansei dos três!

Antes que alguém pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, Hillary saiu e bateu a porta atrás de si.

Na sequência, o quadro que Luke lhe dera como presente de casamento, caiu da parede, estilhaçando o vidro que o protegia.

Por um instante, Luke fitou o vidro quebrado, como se fosse um aviso soturno do que estava por vir. Então, deu-se conta de que Hillary se fora. Correu para a porta e abriu-a, mas tudo o que teve foi um vislumbre rápido do carro que desaparecia numa esquina.

Enquanto olhava fixamente para a rua deserta, sentiu um imenso vazio em seu peito. Ah, Deus, ele a amava! Só agora compreendia a dor que lhe apertara o peito, a sensação de desconforto que o incomodara. Não quisera admitir, mas já não havia como negar a verdade. Só agora estava pronto a reconhecer que sempre a amara, desde o início, mesmo enquanto se julgava seguro de si, confiante de que tudo estava sob controle, certo de que só queria casar-se com ela por razões práticas e lógicas.

Mas sua descoberta chegara tarde demais, pois Hillary aparentemente já não o amava. Luke havia destruído os sentimentos que ela nutria por ele, o amor que ela sentira quatro anos antes. Devia ser algum tipo de justiça poética, pensou com amargura. Ver a mulher que amava fitá-lo como se não passasse de uma poça de lama podia acabar com um homem.

Embora não houvesse se dado conta de que caminhava, até chegar à esquina, Luke sabia que seria melhor que Shawn e Charles estivessem longe, quando ele voltasse à sua casa. Do contrário, faria questão de atirá-los para fora pessoalmente. Não havia desculpa para a atitude dos dois. Haviam expandido sua briga e envolvido Hillary, magoando-a durante o processo.

Foi você, disse a voz de sua consciência. Você magoou Hillary. Não tente culpar mais ninguém. Ela só estava tentando salvar o pai...

Um pensamento amargo cruzou a mente de Luke: quem iria salvá-lo?

— Parece que cometemos alguns enganos — Charles falou devagar, dirigindo-se a Shawn.

— Se Nadine passou a chamar-se Ned, eu diria que cometemos muito mais que alguns enganos! — Shawn replicou.

— Magoei Hillary — Charles murmurou.

— E eu feri Luke — Shawn admitiu. — É melhor lermos a carta de Nadine agora mesmo, antes de fazermos mais alguma bobagem.

Os dois abriram seus envelopes.

— Ela diz que escreveu as mesmas coisas para cada um de nós — Charles falou.

— Pode acreditar nisso? Ela diz que enganou a nós dois! — Shawn exclamou. — Jogou um contra o outro, deliberadamente, porque gostou da idéia de ver dois homens lutando por sua atenção...

— ... porque achou que se sentiria mais mulher — Charles continuou. — O que não aconteceu. Então, ouviu nossa conversa...

— ... sobre a aposta — foi a vez de Shawn. — E ficou louca da vida. Então, apanhou o dinheiro do cofre e levou-o para começar uma vida nova...

— ... como Ned — Charles completou, antes de olhar para Shawn com ar incrédulo. — Ninguém mais sabia que aquele dinheiro estava no cofre. Foi por isso que pensei que você o havia roubado, pois nada mais foi tocado.

— Ela nos viu guardar o dinheiro — Shawn explicou. — E, agora, o está devolvendo. Aqui há um cheque de mil dólares.

— Aqui também — Charles confirmou. — Diz que deseja limpar o passado, para eliminar todas as ligações com sua vida anterior.

— Bem, ela pagou o que nos devia — Shawn resmungou. — Acha que era um travesti?

— Não — Charles afirmou. — Definitivamente, Nadine não era um homem vestido de mulher. Aparentemente, ela descobriu um traço masculino em sua natureza e mudou suas preferências sexuais.

Shawn mudou de assunto depressa:

— Como será que Hillary a encontrou?

— Faz diferença?

— Acho que não. Parece que estávamos ambos errados... sobre muitas coisas. — Shawn referia-se ao que acabara de acontecer entre Hillary e Luke.

— Tem razão — Charles concordou com ar solene. — A questão é como podemos corrigir nossos erros.

Hillary não se lembrava com clareza como havia chegado ao apartamento de Jolene. Ligara para a amiga de um telefone público e a outra insistira para que fosse imediatamente para lá.

— Pobrezinha! — Jolene murmurou, abraçando-a. quando as duas se

sentaram no sofá.

— Eu devia ter sabido — Hillary falou, contendo um soluço.

— E como poderia?

— Eu sempre soube que Luke não me amava. — Embora soubesse disso no plano racional, só agora o conhecimento realmente atingia o coração de Hillary. As lágrimas rolavam por seu rosto com abundância e ela as secou com determinação. — Devia ter imaginado que isso acabaria mal. Nem sei como pude me deixar enganar de novo. Não acredito que deixei Luke me convencer que nos casaríamos para acabar com a briga de nossos pais, quando tudo o que ele queria era uma esposa para garantir suas transações comerciais... E meu pai não foi melhor, ansioso para ser o primeiro a me dar a notícia de que eu fizera o papel de tola. Pensa que se preocupou com meus sentimentos? Não. Só queria chegar antes de Shawn e vingar-se.

— Não é à toa que seu pai e seu sogro foram se apaixonar por uma Nadine que, na verdade, é Ned. Contou-lhes a novidade?

— Pode apostar que sim. E não o fiz com muito tato.

— Ótimo.

— Eu mal podia olhar para eles. Ou para Luke. Então, saí.

— Pode ficar aqui, esta noite. Estamos sentadas em um sofá cama.

— Obrigada, Jolene. Acho que vou aceitar a oferta. — O carro de Hillary ainda continha parte das roupas que ela e Luke haviam ido buscar na casa de Charles. Ela se esquecera do detalhe, em meio ao caos se criara. — Minha vida virou de cabeça para baixo! — exclamou desesperada. — Parece que a advogada dentro de mim acabou se perdendo no meio dessa confusão. Sabe o que fiz de mais notável no meu trabalho, durante as últimas semanas? Quase fui presa. — Suspirou, tentando conter as lágrimas provocadas pela lembrança de como aquela noite terminara, na cama com Luke. — Sinto como se Luke houvesse tomado conta da minha vida, consumido minha personalidade, enquanto atendia às suas conveniências.

— Tem certeza de que ele não sente nada por você?

— Luke jamais expõe seus sentimentos.

— Talvez ele seja o tipo de homem que teme que suas emoções possam enfraquecê-lo. Conheci vários assim. Acho que ainda vão escrever um livro sobre o problema, do tipo "ajude a si mesma". Já notou que esses livros sempre se dirigem às mulheres, sugerindo que mudemos nosso jeito de ser? Nunca vi algo parecido dirigido aos homens.

— Eles preferem livros sobre como levar uma mulher para a cama no primeiro encontro — Hillary replicou com uma pontada de dor, pensando na facilidade com que Luke a levava para a cama.

— Sou obrigada a admitir que a estratégia de Luke foi muito original — Jolene comentou. — Casar-se com você foi uma atitude um tanto drástica, mesmo que tenha sido para garantir seus negócios.

— Não. Do ponto de vista de Luke, foi uma decisão lógica e prática. O fato de ter uma esposa apaixonada em sua cama representou apenas um bônus extra. Se não fosse comigo, teria sido com qualquer outra.

— Tem certeza disso?

— Não sei o que pensar — Hillary admitiu com voz cansada. — E não quero pensar mais.

Também não queria mais chorar. Mas, quando ficou sozinha na escuridão da sala de Jolene, as lágrimas forçaram seu caminho.

Na manhã seguinte, Hillary pingou colírio nos olhos, a fim de suavizar a vermelhidão provocada pelo choro excessivo. Decidiu mergulhar no trabalho, na esperança de, assim, suavizar a dor que a consumia. E foi o que fez, até receber a visita inesperada de Claire e Angus.

— Acabo de descobrir que não lhe entreguei o cheque da doação que fiz para a sua organização — Claire falou.

Hillary arregalou os olhos diante da contribuição mais que generosa.

— Obrigada, Claire. Tenho certeza de que nosso diretor vai querer agradecê-la pessoalmente. Vou dizer-lhe que está aqui.

Mais que depressa, o diretor arrastou Claire para sua sala. Quis levar Angus

consigo, mas o escocês recusou o convite.

— Fiquem à vontade — falou. — Tenho um assunto a discutir com Hillary. Assim quê ficaram sozinhos, Angus foi direto a ponto:

— Sei que não é da minha conta, mas não posso deixar de me sentir culpado, ao menos em parte, por sua briga com Luke.

— Ele contou que brigamos?

Aquela não era uma atitude típica de Luke, partilhar informações sobre sua vida pessoal com quem quer que fosse.

— Não tive a intenção de bisbilhotar — Angus assegurou-a.

— Tenho certeza que não.

— Pelo que sei, você não sabia da minha condição quanto ao estado civil de meus associados, quando se casou com Luke. E acredito que tirou conclusões erradas. Estarei mentindo se disser que acredita que Luke colocou os interesses da companhia acima de você?

— Não, não estará mentindo — Hillary confirmou.

— Pois não é verdade. Não sei o que Luke lhe contou sobre nossa transação...

— Quase nada.

— Trata-se de um bom projeto, Hillary. De grande valor. A construção de moradias para aposentados não visa lucros, mas o bem estar das pessoas que mais precisam dele. Foi isso o que me fez decidir a investir no negócio. Isso e a determinação de Luke em realizar o projeto. Encontrei um homem que realmente tenta fazer algo pelo social, em vez de se limitar a falar a respeito. Acho que isso diz muito sobre o caráter de Luke.

Era verdade. E Hillary ficou contente que Luke estivesse envolvido em algo tão nobre. A dor tornou-se menos intensa quando ela pensou que ele fizera tudo por uma causa, e não por dinheiro. No entanto, uma coisa não mudara: Luke não a amava.

— Parece um projeto importante. Fico contente que Luke esteja envolvido — falou com sinceridade. — Mas não estou contente por ele haver mentido.

— Queria que ele lhe contasse sobre minhas condições?

— Desculpe a curiosidade, mas por que impõe esse tipo de condição?

— Sou um homem muito rico. E os ricos têm direito a certas idiossincrasias. O que nos torna excêntricos. — Ele sorriu. — Quanto à condição, a verdade é que meu pai inventou a regra e aplicou-a à família. Nenhum de nós podia ocupar cargos de responsabilidade em nossa pequena empresa, antes de nos casarmos. A estabilidade familiar era muito importante para meu pai, e ainda é para mim. Pode me chamar de sentimental, mas estou mantendo a tradição. E sabe por quê? Porque a condição imposta por meu pai mudou minha vida para melhor. Foi por essa razão que me casei com Claire. Amo minha esposa, mas jamais teria reunido coragem para pedi-la em casamento, se não contasse com um incentivo extra.

— E se ele não contasse com o incentivo extra, eu estaria esperando o pedido até hoje — Claire confirmou com um sorriso, ao entrar na sala. — Hillary, esperamos que as coisas se resolvam entre você e Luke, como se resolveram entre nós.

Embora não pronunciasse as palavras, Hillary sabia que havia uma grande diferença entre a história de Angus e Claire e a dela com Luke: amor. Angus sempre amara Claire.

A segunda defesa de Luke partiu de Abe Washington, através de um telefonema. Quando ele se identificou como mestre-de-obras de Luke, Hillary ficou profundamente preocupada. Teria acontecido um acidente na construção?

— Algum problema, Abe? Luke está bem?

— Fisicamente, sim. Mas, emocionalmente...

— Luke não sabe o que é emoção — ela o interrompeu, aliviada ao saber que sua preocupação não tinha razão de ser.

— Ele não quer saber o que é. É diferente — Abe falou.

— Se ligou para defendê-lo, gostaria de informá-lo que Angus Robertson acaba de sair daqui e tentou fazer o mesmo.

— E obteve sucesso?

— Agora compreendo por que Luke fez o que fez. Sei que foi por uma boa causa, que além de ser importante para ele, vai ajudar muita gente necessitada. Mas...

— Está magoada — Abe concluiu. — Compreendo seus sentimentos. Só espero que possa compreender que Luke também está sofrendo.

Mas, quando Luke passou em seu escritório às cinco da tarde, Hillary não viu nele o menor sinal de sofrimento. Só o que viu foi a raiva estampada em seu rosto.

— Você não voltou para casa ontem à noite! — ele literalmente rosnou.

— Só percebeu isso agora? — ela retrucou com irritação. — Seu pai me disse que passou a noite com Jolene.

— Certo.

— Não está certo uma esposa desaparecer e passar a noite fora!

— E não está certo um homem casar-se com uma mulher por interesses comerciais!

A discussão iminente foi interrompida pelo toque simultâneo do telefone de Hillary e do bip de Luke.

— Ainda não terminamos — ele advertiu, antes de atender ao chamado.

Resmungando sobre a arrogância de certos homens, Hillary atendeu a ligação. Era a secretária de seu pai.

— Hillary, precisa fazer alguma coisa! Sei que eles vão fazer uma loucura! Seu pai e Shawn McCallister estão brigando por um imóvel e estão lá, agora. Vão acabar se matando! Você precisa correr para lá! — A secretária recitou um endereço, que Hillary anotou num gesto automático, apesar do impulso amargo de deixar que os dois se matassem.

Mas seu coração era mole demais e ela não seria capaz de dar as costas ao pai, mesmo ele a tendo magoado na véspera. Seu senso de responsabilidade para com ele não deixaria de existir da noite para o dia.

Luke entrou em sua sala no momento em que ela desligava o telefone, depois de garantir à secretária de seu pai que correria para lá.

—A secretária de meu pai ligou — Luke começou a falar.

Então, os dois falaram ao mesmo tempo.

— Seu pai começou de novo!

— Meu pai? — as palavras foram simultâneas de novo. — É o seu pai...

Luke ergueu uma das mãos.

— Vamos ficar aqui, discutindo, ou vamos descobrir o que está acontecendo?

— Acha que é uma boa idéia? — Charles perguntou a Shawn, no quintal de uma enorme casa em estilo vitoriano, que se encontrava à venda.

— Não sei — Shawn admitiu. — Pensei que acabar com o casamento de Luke e Hillary fosse uma boa idéia e estava errado. Eles nasceram um para o outro.

Charles consultou o relógio.

— Devem estar chegando.

Por insistência de Hillary, ela e Luke foram em carros separados, chegando a seu destino com segundos de diferença. Ela reconheceu o carro de seu pai estacionado diante da bela casa à venda.

— Aquele é o carro de meu pai, bem atrás do seu — Luke apontou, enquanto os dois corriam para a porta de entrada.

Pela porta entreaberta, puderam ouvir as vozes alteradas de seus pais.

— Grande! — Hillary resmungou, seguindo Luke pelo corredor. — Estão brigando de novo.

Os dois entraram no quarto do fim do corredor e mal tiveram tempo de perceber que estava vazio, exceto pelo gravador que reproduzia as vozes iradas, antes da porta se fechar atrás deles. Ouviram o ruído da chave na fechadura.

— Isto está me cheirando a armação! — Hillary falou furiosa, desligando o gravador. — Foi idéia sua, Luke?

— Foi idéia nossa! — Charles gritou do outro lado da porta trancada.

— Deixe-nos sair daqui! — Hillary ordenou, esmurrando a porta.

— Não. Só sairão depois de terem resolvido seus problemas — seu pai

avisou.

— Vocês nos devolveram o bom senso — Shawn acrescentou.

— Agora, é hora de nós lhes devolvermos o seu. Já resolvemos nossas diferenças e melhor que vocês façam o mesmo.

— Sabemos que vocês se amam e lamentamos ter interferido em sua vida — Charles declarou.

— Pois continuam interferindo — Hillary retrucou.

— Sim, eu sei, mas juramos ser a última vez — Charles garantiu.

— Vamos embora, agora. Voltaremos daqui três horas. Terão tempo de sobra para pôr tudo em pratos limpos.

Hillary ouviu os passos que se afastavam e sentiu a irritação e a frustração crescerem.

— Não acredito que isto está acontecendo!

— É melhor assim — Luke falou. — Eles me pouparam o trabalho de fazer algo parecido. Precisamos conversar.

— Estávamos conversando no meu escritório.

— Não. Nós estávamos discutindo no seu escritório. Eu não queria que percebesse o quanto eu estava preocupado e quanto você significa para mim, então escondi meus sentimentos atrás da raiva. Aliás, escondi muitas coisas de você.

— Como o motivo pelo qual se casou comigo?

— Quer saber por que me casei com você? Porque... — Luke respirou fundo, pois estava prestes a mergulhar num poço sem fundo.

— Porque...

— Porque precisava ter uma esposa, a fim de completar sua transação comercial — Hillary interrompeu-o.

— Não é nada disso! Casei com você porque eu te amo! Hillary ficou tão chocada, que perdeu a voz.

— Não sei se você percebeu — Luke continuou — , mas tenho dificuldade em lidar com emoções. Então, fechei-as numa caixinha, para não ter de enfrentá-

las. Só você conseguiu abri-la e, as emoções explodiram numa grande confusão.

— Por que acha que tem de manter suas emoções guardadas? Luke virou-se para a janela, sem coragem para fitá-la.

— Meus pais não são as pessoas mais calmas do mundo. Decidi não repetir os erros deles. Não queria ficar à mercê das emoções, tomando decisões impulsivas, ferindo as pessoas e afastando-as. Sempre acreditei que as emoções tornavam um homem fraco e vulnerável. E concluí que o mais importante era garantir minha independência e não deixar que ninguém me influenciasse. Só agora descobri que foi por isso que reagi daquela maneira, há quatro anos. Agora sei que tive medo que minhas emoções guiassem minhas decisões, pois sentia por você muito mais do que podia admitir. E entrei em pânico. — Voltou a fitá-la com ternura e remorso. — Então, sabotei nosso relacionamento e parti para o Oriente Médio. Não foi uma atitude premeditada, mas sei que reagi assim na tentativa de me proteger.

— Quer dizer que eu estava me tornando importante para você e, então, ficou com medo? Por que, Luke? O que há de errado com as emoções e os sentimentos?

— Não há nada de errado em tê-las, desde que se possa controlá-las. E eu não me sentia capaz de fazê-lo. Minhas reações são muito intensas, o que não é bom. Afinal, mamãe deixou papai porque não agüentava mais as explosões. Ela é uma pessoa passional, assim como papai. Acho que, na minha cabeça, você me abandonaria se eu deixasse minhas emoções agirem, como meu pai sempre fez. E não queria me expor a esse tipo de dor. No final, você acabou mesmo me abandonando.

— Não abandonei você. Fui embora porque pensei que não me amasse. Mas você sempre soube que eu o amava.

— Eu não tinha certeza de que você ainda me amava, pois não a ouvi falar em amor nem uma vez, desde que voltou.

— Porque eu não queria sofrer de novo — ela explicou com voz trêmula. Em seu peito, seu coração saltava de felicidade pela constatação de que Luke a

amava.

— Lamento ter feito você sofrer — ele murmurou, afastando uma mecha de cabelo do rosto de Hillary. — Acredite, eu nunca tive essa intenção. Estava tão ocupado, escondendo minhas emoções, que demorei algum tempo para perceber a verdade. E a verdade é que eu te amo. Talvez demais.

— Nunca poderá ser demais — Hillary assegurou-o, prestes a soluçar. — Impossível, Luke! Portanto, pode me amar o quanto quiser e quanto puder. Pois, enquanto eu tiver a certeza do seu amor, ficarei a seu lado. Sempre.

No momento seguinte, estavam nos braços um do outro. Hillary sentiu aquele beijo como sendo o mais doce de sua vida. Quando Luke finalmente descolou os lábios dos dela, falou:

— Prometo fazer tudo para melhorar meu jeito de ser e consultar você antes de tomar decisões que envolvam nós dois. Mas devo confessar que não a consultei desta vez.

Enfiou a mão no bolso, retirou uma caixinha de joalheria e entregou a ela.

Hillary abriu-a e encontrou um anel de safira, do azul mais lindo que já vira.

— É um anel de noivado — ele explicou. — Não tive chance de lhe dar um antes. Se não gostou, pode trocar por qualquer outra coisa.

— Eu adorei, Luke!

— Eu o escolhi porque combina com os seus olhos.

— Pode colocá-lo? — ela pediu, estendendo-lhe a mão. — Tenho uma promessa para você, também. Prometo amá-lo e conversar antes de discutir com você.

Selou a promessa com um beijo ardente.

— Sabe de uma coisa? — Luke falou de encontro a seus lábios. — De acordo com o meu relógio, nossos pais não voltarão antes de duas horas e meia — informou-a, ao mesmo tempo em que lhe desabotoava a blusa.

— É mesmo? — ela murmurou com um sorriso. — Como resolvemos nossos problemas mais depressa do que eles calcularam, acho que poderíamos aproveitar bem o tempo que nos deram — acrescentou, desabotoando a camisa

de Luke.

— Concordo plenamente — ele falou e tirou a camisa. — A propósito, o que acha de comprarmos uma casa? Esta está à venda. Tem um jardim bem grande para Killer e parece possuir uma porção de quartos.

— Para nossos filhos — Hillary completou. — Parece boa idéia. Talvez devêssemos começar agora mesmo.

— A comprar a casa?

— A fazer nossos filhos — ela sussurrou em seu ouvido.

Luke fitou-a com olhar maravilhado.

— Está falando sério?

— Deixe-me mostrar-lhe minha seriedade — ela sugeriu com entusiasmo apaixonado...

— Espero que pretenda inaugurar esta casa com o nosso ritual particular, fazendo amor.

— Só depois que você fechar a janela,

Foi o que ele fez, com tamanha rapidez, que Hillary caiu na gargalhada. E ainda ria quando, momentos depois, ele a penetrou com devoção e paixão.

— Ah, irlandesa, como eu te amo!

— Eu também te amo, Luke. Sempre amei e sempre vou amar.

CATHIE LINZ estava na casa dos vinte, quando abandonou sua carreira na biblioteca de uma faculdade de direito, para tomar-se escritora de romances de ficção contemporâneos. Desde então, esta autora popular já teve mais de vinte livros publicados. Gosta de saber a opinião dos leitores e já recebeu cartas até da Nigéria!